

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DANIÉLI BUSANELLO KROB

*DESCONSTRUINDO AMÉLIAS: MUSICOTERAPIA COM MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOB A ÓTICA DA TEOLOGIA
FEMINISTA*

São Leopoldo

2013

DANIÉLI BUSANELLO KROB

*DESCONSTRUINDO AMÉLIAS: MUSICOTERAPIA COM MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOB A ÓTICA DA TEOLOGIA
FEMINISTA*

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientadora: Gisela I. W. Streck

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K93d Krob, Daniéli Busanello
Desconstruindo Amélias: musicoterapia com
mulheres em situação de violência doméstica sob a
ótica da teologia feminista / Danieli Busanello Krob ;
orientadora Gisela I. W. Streck. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2013.
131 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Violência contra as mulheres. 2. Musicoterapia.
3. Teologia feminista. I. Streck, Gisela Isolde Waechter
. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: *Gisela I. W. Streck*
Prof.ª Dr.ª Gisela Isolde Wachter Streck (Presidente)

2º Examinador: *Júlio César Adam*
Prof. Dr. Júlio César Adam (EST)

3º Examinador: *Marcia Eliane Leindecker da Paixão*
Prof.ª Dr.ª Marcia Eliane Leindecker da Paixão (UFSM/RS)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Lizete. Minha inspiração, minha guerreira. Foi por ti, mãe, que tudo começou. Tu representas para mim a força e a beleza, a luta e a ternura, a fé e a esperança que procuro levar a todas as mulheres que sofrem.

Ao Carlos, meu marido, companheiro, amigo, parceiro, cúmplice. Tu és o meu norte. Como diz aquela música que gostamos – “Enquanto houver você do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar” – Muito obrigada por todos os cafés na cama, pela paciência da solidão e pela ajuda nas traduções.

Aos meus gatos – Judy, Dexter e Darth – Sim, gatos! Nunca, em nenhum momento, me deixaram só. Todos os livros que usei devem ter ao menos um pêlo deles, pois adoravam dormir em cima daqueles que eu estava lendo. E nos momentos ruins, parecia que sentiam isso, e me “acarinavam” ainda mais.

À toda minha família, amigos e amigas, que compreenderam a minha ausência e mesmo assim não me deixaram só.

Ao meu corpo, por ter suportado bravamente as loucuras de noites mal dormidas e não dormidas, de infindáveis horas de dedicação à pesquisa sem intervalos.

Às mulheres que participaram da pesquisa, cada uma com sua particularidade, mas todas com histórias muito parecidas e sofridas.

Ao CNPq, pelo apoio e suporte financeiro.

Muitas mulheres vêm

Pelo 8 de março

*Vêm atuando do fundo das minhas raízes,
Profundas como a noite e inquietas como o vento.
Vêm cruzando minha história, atravessando minha respiração,
Mulheres, muitas mulheres, subindo entre as minhas pernas,
Viajando pelas minhas veias, fazendo-se carne em meu corpo.
Vêm de séculos e séculos de lutas e de lamentos,
Por suas mortes sem fim, por dores e silêncios.
Vêm gritando sua luta, lutando por seus direitos.
Quantas mulheres mobilizam meu peito!
Quantas mãos levantam as esperanças que tenho!
Quantas mulheres me chamam a seguir este caminho!
Quantas paixões vivas vem para me dar sustento!
Vêm muitas mulheres de lutas e de lamentos,
Vêm com suas bandeiras violetas em movimento,
Vêm dando seu apoio para a nossa cura,
Oferecem e manifestam suas ferramentas libertárias.
Agora, companheiras, este é o nosso momento!
(Gabriela Fagetti)*

RESUMO

Esta pesquisa baseia-se na aplicação da Musicoterapia para tratar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica, tendo como base teorias, conceitos e métodos da Teologia Feminista. A frase inicial do título – *Desconstruindo Amélia* – foi inspirada na canção de mesmo nome, composta por Pitty e Martin (2008). Muitas mulheres que sofreram violência doméstica passam por este processo de desconstruir suas *Amélias* interiores, para então reerguerem-se como mulheres livres, seguras de si, autônomas, fortes e empoderadas de toda a sua feminilidade para serem simplesmente mulheres, sem nenhum rótulo ou estereótipo. Para dar conta da temática proposta para esta dissertação foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa social. Em termos metodológicos, a pesquisa social utilizada pode ser definida como uma pesquisa-ação de ordem qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade EST, conforme prevê a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Seu objetivo principal foi investigar de que forma a Musicoterapia e a Teologia Feminista podem ressignificar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica. Especificamente, buscou investigar em que medida os recursos da Musicoterapia são eficazes para minimizar ou curar a depressão e os estados de ansiedade de mulheres em situação de violência doméstica, bem como investigar em que medida a Musicoterapia pode ser aplicada para elevar a autoestima e estimular a autonomia e a re-socialização da população alvo desta pesquisa. Por fim, buscou-se compreender o discurso religioso e a sua relação com o comportamento de mulheres que vivenciaram a violência doméstica. Constatou-se que a Musicoterapia pode ser um instrumento eficaz para tratar os danos emocionais em mulheres decorrentes da violência doméstica. A particularidade da música como linguagem não-verbal auxilia muito este processo, pois acessamos o trauma de forma inconsciente. No entanto, para fazer uso da Musicoterapia como instrumento de reabilitação emocional de mulheres que viveram situações de violência doméstica, é necessário sempre estar com um olhar direcionado para as questões de gênero, tornando-a uma Musicoterapia com perspectivas feministas. Neste ponto, a Teologia Feminista contribuiu solidamente. Concluiu-se também que as participantes que receberam conselhos espirituais negativos ou obtiveram apenas a omissão de sua Igreja, tiveram resultados piores do que as participantes que receberam apoio de seus líderes espirituais ou apenas não procuraram nenhuma Igreja.

Palavras-chave: Teologia Feminista. Musicoterapia. Violência Doméstica. Igreja.

ABSTRACT

This research is based on the application of Music Therapy to treat the emotional damage resulting from domestic violence, based on theories, concepts and methods of Feminist Theology. The opening sentence of the title – *Deconstructing Amelia* – was inspired by the song of the same name, composed by Pitty and Martin (2008). Many women who have suffered domestic violence go through this process of deconstructing their *Amelias* interiors, then to rise again as free women, self-confident, independent, strong and empowered in all her femininity to be just women, without any label or stereotype. To account for the proposed theme for this dissertation was made a bibliographical research and social research. In terms of methodology, the research can be defined as an action research of a qualitative nature, approved by the Ethics Committee of the Colleges EST, as required by resolution 196/96 of the National Health Council. Its main objective was to investigate how Music Therapy and Feminist Theology can reframe the emotional damage resulting from domestic violence. Specifically, we sought to investigate the extent to which funds Music Therapy are effective to minimize or cure depression and anxiety states of women in situations of domestic violence, as well as investigate the extent to which Music Therapy can be applied to raise self-esteem and fostering the autonomy and re-socialization of the target population of this research. Finally, we sought to understand the religious discourse and its relation to the behavior of women who experienced domestic violence. It was found that Music Therapy can be an effective tool to treat the emotional damage in women due to domestic violence. The particularity of music as nonverbal language assists a lot in the process, because the trauma in an unconscious way. However, to make use of Music Therapy as a tool for emotional rehabilitation of women who have experienced domestic violence, you should always be with a look directed to gender issues, making it a Music Therapy with feminist perspectives. At this point, Feminist Theology contributed solidly. It was also concluded that participants who receive spiritual advice obtained only negative or omission of his Church, had worse outcomes than participants who received support from their spiritual leaders or just did not look for any Church.

Keywords: Feminist Theology. Music Therapy. Domestic Violence. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 TEOLOGIA FEMINISTA: DESCONSTRUINDO AMÉLIAS	13
1.1 Panorama histórico do surgimento da Teologia Feminista	13
1.2 Teologia Feminista Latino-Americana	22
1.2.1 Teologia Feminista Negra	29
1.2.2 Teologia Ecofeminista	34
2 UM FATO CONCRETO: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES	41
2.1 Contextualizando a Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil	41
2.2 A Igreja e a Violência Doméstica contra as Mulheres	51
2.3 A Musicoterapia e a Violência Doméstica	65
3 DO ABSTRATO AO CONCRETO: MUSICOTERAPIA COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	76
3.1 A Pesquisa social	76
3.1.1 Objetivos	77
3.1.2 População	77
3.1.2.1 Cristal	78
3.1.2.2 Ametista	79
3.1.2.3 Esmeralda	80
3.1.2.4 Rubi	80
3.1.2.5 Madrepérola	81
3.1.2.6 Jade	82
3.1.2.7 Turquesa	82
3.1.3 Metodologia	83
3.2 Resultados Obtidos	86
4 MUSICOTERAPIA E TEOLOGIA FEMINISTA: UM CAMINHO PARA VIDAS DIGNAS	92
4.1 Discussão dos Resultados	92
4.2 Igreja atuante e sem omissão	100

CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A – Questionário I	123
APÊNDICE B – Questionário II	127
APÊNDICE C – Tabela de Respostas Questionário I	132
APÊNDICE D – Tabela de Freqüências	133
APÊNDICE E – Tabela Comparativa Questionários I e II	134

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se na aplicação da Musicoterapia para tratar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica, tendo como base teorias, conceitos e métodos da Teologia Feminista. A frase inicial do título – *Desconstruindo Amélia* – foi inspirada na canção de mesmo nome, composta por Pitty e Martin (2008). Aquela velha conhecida Amélia da canção *Ai que saudades da Amélia*, composta por Ataulfo Alves e Mário Lago, na década de 1940, é realmente desconstruída, dando-se conta da sua situação de opressão e buscando livrar-se desta condição. Para efeito de comparação e para lembrarmos da Amélia – se é que um dia a esquecemos – eis o texto da canção *Ai que saudades da Amélia*:

Eu nunca vi fazer tanta exigência / Nem fazer o que você me faz / Você não sabe o que é consciência / Não vê que eu sou um pobre rapaz / Você só pensa em luxo e riqueza / Tudo o que você vê, você quer / Ai meu Deus que saudades da Amélia / Aquilo sim é que era mulher / Às vezes passava fome ao meu lado / E achava bonito não ter o que comer / E quando me via contrariado, dizia / Meu filho o que se há de fazer / Amélia não tinha a menor vaidade / Amélia é que era a mulher de verdade¹

Em contraponto à esta Amélia oprimida, temos a canção que serviu de inspiração para esta pesquisa, *Desconstruindo Amélia*. Eis o texto da canção:

Já é tarde, tudo está certo / Cada coisa posta em seu lugar / Filho dorme, ela arruma o uniforme / Tudo pronto pra quando despertar / O ensejo a fez tão prendada / Ela foi educada pra cuidar e servir / De costume esquecia-se dela / Sempre a última a sair / A despeito de tanto mestrado / Ganha menos que o namorado / E não entende o porquê / Tem talento de equilibrista / Ela é muitas, se você quer saber / Hoje aos trinta é melhor que aos dezoito / Nem Balzac poderia prever / Depois do lar, do trabalho e dos filhos / Ainda vai pra night ferver / Disfarça e segue em frente / Todo dia, até cansar / E eis que de repente ela resolve então mudar / Vira a mesa, assume o jogo / Faz questão de se cuidar / Nem serva, nem objeto / Já não quer ser o outro / Hoje ela é um também²

A primeira canção descreve uma parceira ideal aos olhos da cultura machista, androcêntrica e patriarcal: uma mulher sem vontade própria, sem voz

¹ MÁRIO Lago. Ai que saudades da Amélia. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html>>. Acesso em: 03 jan 2013. (sem página)

² PITY. Desconstruindo Amélia. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.htm>>. Acesso em: 03 jan 2013. (sem página)

e sem vez, submissa às necessidades e desejos do universo masculino. A partir desta

canção, muitas mulheres passaram a se identificar e serem identificadas por *Amélias*. Criou-se um padrão feminino que abre mão de seus desejos, sempre disposta a subjugar-se em prol da felicidade e bem-estar de seu companheiro, de seus filhos e de todos os homens que compõem seu círculo familiar. Muitas gerações cresceram ouvindo, cantando e reproduzindo no cotidiano esta canção. Com a canção *Desconstruindo Amélia*, surge a mulher que se opõe à este sistema de opressão feminina, pois questiona os papéis de gênero e descobre que tem vontades, desejos, anseios e direitos, e manifesta estas descobertas, liberta-se das amarras do estereótipo da *Amélia* e do julgamento social, exigindo igualdade e dignidade. Muitas mulheres que sofreram violência doméstica passam por este processo de desconstruir suas *Amélias* interiores, para então reerguerem-se como mulheres livres, seguras de si, autônomas, fortes e empoderadas de toda a sua feminilidade para serem simplesmente mulheres, sem nenhum rótulo ou estereótipo.

Como pesquisadora, tenho contato praticamente diário com o tema gênero, através de leituras e debates do grupo Blogueiras Feministas, Católicas Pelo Direito de Decidir, Marcha Mundial das Mulheres – RS, Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST e pessoas ligadas a Centros de Referência da Mulher e Secretarias Estadual e Municipais de Políticas Públicas para as Mulheres. Além disso, o meu cotidiano também está permeado por esta ótica. Minha experiência como musicoterapeuta com mulheres em situação de violência doméstica, mostra que é fundamental que seja trabalhado em terapia o ser humano na sua integralidade, alcançando família, trabalho e sociedade, e não apenas o episódio traumático da violência. Isso faz com que todas as pessoas de seu convívio sejam envolvidas, direta ou indiretamente, nas mudanças de origem terapêutica. Para a conclusão do curso de Bacharelado em Musicoterapia, realizei minha primeira pesquisa sobre esta temática, intitulada *Comigo não violão!: Musicoterapia com Mulheres em Situação de Violência*

Doméstica.³ Os resultados positivos que obtive me estimularam a dar continuidade a este trabalho e a novas pesquisas.

Para dar conta da temática proposta para esta dissertação foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa social. Em termos metodológicos, a pesquisa social utilizada pode ser definida como uma pesquisa-ação de ordem qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST, conforme prevê a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Seu objetivo principal foi investigar de que forma a Musicoterapia e a Teologia Feminista podem ressignificar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica. Especificamente, buscou investigar em que medida os recursos da Musicoterapia são eficazes para minimizar ou curar a depressão e os estados de ansiedade de mulheres em situação de violência doméstica, bem como investigar em que medida a Musicoterapia pode ser aplicada para elevar a autoestima e estimular a autonomia e a re-socialização da população alvo desta pesquisa. Por fim, buscou-se compreender o discurso religioso e a sua relação com o comportamento de mulheres que vivenciaram a violência doméstica.

Os atendimentos iniciaram-se com sete participantes. Seu formato foi de sessões grupais de Musicoterapia, com a duração de quarenta e cinco minutos cada e periodicidade semanal, totalizando dezesseis sessões. A intervenção terapêutica foi baseada nos quatro principais métodos de Musicoterapia descritos por Bruscia – experiências receptivas, re-criativas, de improvisação e de composição.⁴

O primeiro capítulo trata da Teologia Feminista: seu apanhado histórico, seus conceitos, suas características e suas vertentes. Desenvolvemos as Teologias Feminista Latino-Americana, Feminista Negra e Ecofeminista, por serem as Teologias que abrangem o nosso público alvo. No entanto, temos conhecimento da existência de outras vertentes da Teologia Feminista, tais como a Teologia Feminista Indígena, a Teologia Womanista, a Teologia Mujerista, entre outras.

³ KROB, Daniéli Busanello. *Comigo não, violão!:* Musicoterapia com Mulheres em Situação de Violência Doméstica. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Musicoterapia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010.

⁴ BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. Tradução de Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. p. 124-134.

O segundo capítulo traz à tona a violência doméstica contra as mulheres, primeiramente apresentando os aspectos legais, dados estatísticos e conceitos. Em um segundo momento, refletimos a relação entre Igreja e violência doméstica, perpassando por alguns mitos e tabus, um breve apanhado histórico e também fatos reais. A seguir, encerramos o capítulo descrevendo pesquisas já realizadas em Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica, e analisando algumas canções.

No terceiro capítulo, discorremos sobre a parte metodológica da pesquisa social: seus objetivos, uma breve história de cada participante e os resultados obtidos. Finalmente, no quarto capítulo, analisamos e discutimos os resultados alcançados e refletimos sobre as possibilidades para as Igrejas tornarem-se menos omissas e mais atuantes no que tange o tema da violência doméstica contra as mulheres.

Com esta pesquisa, buscamos responder e refletir sobre como a Teologia Feminista pode fornecer aporte teórico para a explicação do fenômeno da violência doméstica contra as mulheres e também de que forma a Musicoterapia pode ser eficaz no tratamento dos danos emocionais decorrentes deste tipo de violência.

1 TEOLOGIA FEMINISTA: DESCONSTRUINDO AMÉLIAS

Ser um homem feminino
 Não fere o meu lado masculino
 Se Deus é menina e menino
 Sou masculino e feminino.⁵

1.1 Panorama histórico do surgimento da Teologia Feminista

Dentro de uma sociedade e Igreja patriarcal nasce a Teologia Feminista, baseada na leitura das fontes da Teologia, da Escritura e da Tradição, tendo como objetivo a busca de igualdade entre mulheres e homens. Seu pano de fundo é a sociedade como um todo. Teologia Feminista é crítica e busca replanejamento. Trata-se de um novo conceito de Teologia, e não apenas de um complemento da Teologia tradicional⁶.

Frequentemente, criam-se confusões em torno da Teologia Feminista, quando, por exemplo, é (mal) interpretada como Teologia de Mulheres ou de Temas Femininos, e não como uma Teologia da Libertação que se opõe às estruturas sociais opressoras que afetam mulheres e homens igualmente⁷. Teologia Feminista e Teologia da Mulher não são a mesma coisa. Na década de 1950 a revista *L'Agneau d'Or* propôs o esboço de uma *Teologia da Mulher*, que é essencialmente unilateral, centrada em si e preocupada consigo mesma. Foi elaborada por teólogos e clérigos que utilizavam esquemas mentais derivados da cultura dominante patriarcal⁸.

A Teologia Feminista, por sua vez, é uma teologia de mulheres feita pelas mulheres cristãs que refletem sobre sua experiência humana e religiosa e

⁵ PEPEU Gomes. Masculino e Feminino. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/pepeu-gomes/masculino-e-feminino.html>>. Acesso em: 14 jul 2011. (sem página)

⁶ HALKES, Catharina J. M.; MEYER-WILMES, Hedwig. Teologia feminista; feminismo; movimento feminista. In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 502.

⁷ MENDES, Jones T. *Alguns traços acerca da Teologia Feminista*. 2008. Disponível em: <<http://www.fraternidadesul.org.br/artigo08005.html>>. Acesso em: 12 jul 2011. (sem página)

⁸ SOUZA FILHO, Augusto Bello. *A Teologia Feminista*. 2004. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>. Acesso em: 12 jul 2011. (sem página)

experimentam criticamente esta experiência. Associa a experiência da Bíblia e da Tradição com as experiências atuais das mulheres⁹:

[...] estamos diante da reflexão teológica de alguém que se atreve a pensar pessoalmente, a duvidar, a levantar suspeitas, a fazer perguntas [...] a tarefa mais difícil e para a qual faz falta maior criatividade e valentia: abrir caminhos, romper muros, convidar a sair ao campo aberto.¹⁰

A Teologia Feminista coloca em discussão o mundo masculino e seu modelo social patriarcal, lutando pelos direitos civis e pela liberdade e autonomia feminina. A Teologia Feminista é expressão de mulheres – feministas e cristãs – que compartilham com outras e outros a militância por sua emancipação e libertação, no entanto, como cristãs e teólogas, também estão comprometidas com suas comunidades e com uma reflexão de fé:

A teologia feminista não pode retroceder ao resto da reflexão e da ciência na perspectiva feminista, tanto nos âmbitos tradicionais como alternativos. A reflexão feminista e a ciência feminista seguem sendo o contexto no qual tem lugar, incluindo quando os contatos entre o âmbito civil e teológico não são tão frequentes e naturais quanto desejamos.¹¹

A Teologia Feminista é uma forma de *teologia contextualizada*, onde a reflexão teológica não se produz de forma acadêmica, mas sim a partir de um determinado contexto de compromisso e militância. É um fazer teológico fragmentado, narrativo. Não parte de conceitos abstratos, mas sim de relatos de vidas. A sua atenção é especialmente voltada para as experiências vividas em uma sociedade sexista¹²:

O conceito de experiência é um elemento-chave dentro da teoria e prática feminista porque reconhece o papel que os eventos de nossas vidas e nosso envolvimento pessoal têm nas formulações teóricas, sejam elas de cunho histórico, político ou teológico. Nossas experiências definem a nossa percepção de Deus, de nós mesmos, das pessoas e do mundo à nossa volta. Ao fazer esta afirmação, o feminismo rejeita a assim chamada neutralidade [...] questiona as

⁹ STEEGMANN, Laura. *Teologia Feminista*. 2011. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/EuUxN8zb/TEOLOGIA_FEMINISTA_-_LAURA_STE.html>. Acesso em: 12 jul 2011. (sem página)

¹⁰ ALEXANDRE, D. Apresentação do livro de GEBARA, Ivone. *Teología a ritmo de mujer*. Madrid: San Pablo, 1995. p. 5.

¹¹ MIGUEL, V.; NAVARRO, M. *Diez palabras clave en teologia feminista*. Navarra: Verbo Divino, 2004. p. 484.

¹² STEEGMANN, 2011. (sem página)

formulações neutras e universais, mas de cunho altamente androcêntrico.¹³

A Teologia Feminista é praticada em diferentes contextos de discussão e de vida, tais como grupos feministas, universidades, comunidades etc¹⁴. Diante de uma tradição cristã que sempre depreciou o corpo – especialmente o corpo feminino – a Teologia Feminista direciona sua atenção às experiências reais do corpo. Sua espiritualidade está fundamentada na sensualidade e sexualidade, isto é, nas experiências dos desejos, sentimentos e necessidades do corpo feminino:

O corpo da mulher tem sido objeto de todos os tipos de leituras, usos e abusos. Ele tem sido usado, convertido em objeto de venda [...] Mas hoje, no caso do corpo da mulher, pela primeira vez na história, há a possibilidade de que a mulher interprete a si mesma como corpo-sujeito e não como corpo-objeto de outros.¹⁵

Outra característica importante da Teologia Feminista é a *hermenêutica da suspeita*, que possibilita a aproximação da mulher às tradições bíblicas e eclesiais, que explicitamente desvalorizam todo o feminino¹⁶. Sendo assim, critica-se a tradição bíblica, descobrindo e rejeitando aqueles elementos que perpetuam, em nome de Deus, a subjugação da mulher ao homem e descartam as mulheres da consciência histórico-teológica. Esta hermenêutica deve recuperar todos os elementos que nos textos e tradições bíblicas refletem as experiências e visões libertadoras do povo de Deus:

A história e a teologia da opressão das mulheres, perpetuada pelos textos bíblicos patriarcais e por um patriarcado clerical, não pode invalidar a história e a teologia da luta, da vida e da liderança de mulheres cristãs que falaram e agiram na força do Espírito.¹⁷

Segundo Elaine Gleci Neuenfeldt¹⁸, o processo hermenêutico acontece no diálogo entre a pessoa intérprete e o texto. São, no mínimo, duas vidas que dialogam, só que em épocas, contextos históricos, sociais, culturais, econômicos

¹³ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 175.

¹⁴ HALKES; MEYER-WILMES, 1996. p. 505.

¹⁵ SANTISO, Porcile M. T. *Con ojos de mujer*. Uruguai: Doble Clic, 1997. p. 113.

¹⁶ STEEGMANN, 2011. (sem página)

¹⁷ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *En memoria de ella*. Bilbao: Desclée, 1989. p. 73.

¹⁸ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: FRIGÉRIO, Tea et al. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. Série A palavra na vida. no/vol 155/156. São Leopoldo: CEBI, 2000. p. 48.

etc, muito distintos: “O que é verdade para um grupo depende sempre de seu contexto, de seu meio.”¹⁹

Para Maria Helena da Silva Mutzenberg²⁰, a primeira grande questão da hermenêutica da suspeita está em quem escreveu o texto bíblico. Geralmente, são textos escritos por homens, que acabam reproduzindo as relações de gênero da época e seus conflitos. A fala, a experiência e a história das mulheres ficam, conseqüentemente, a mercê destes homens, os quais falam por elas ou traduzem suas palavras como melhor lhes convém: “[...] muitas informações sobre a atuação de mulheres não foram registradas, porque foram julgadas sem importância ou uma ameaça ao patriarcado.”²¹ Anete Roese, seguindo este pensamento, afirma que a hermenêutica da suspeita questiona e reflete sobre as relações de poder presentes nos textos bíblicos e que influencia o exercício de poder que cada pessoa exerce no contexto estrutural social, religioso, cultural e econômico a que está inserida:²²,

A hermenêutica da suspeita é um exercício que interpela interpretações conservadoras; desconstrói paradigmas androcêntricos e patriarcais do texto e os reconstrói com referenciais libertadores; pergunta pela ideologia que envolve o texto, pelo tipo de sociedade, pelas relações de poder entre homens e mulheres, das mulheres entre si, dos homens entre si.²³

No entanto, realizar este processo hermenêutico não é tarefa fácil. Encontra-se muita resistência, pois este método irá questionar textos tidos como sagrados, como verdades absolutas. E no senso comum, o que é sagrado não se questiona. Porém, o que a hermenêutica da suspeita questiona é o contexto e as relações de gênero subentendidas no texto bíblico e busca traduzir para o contexto atual e de nossas vidas: “Textos androcêntricos e construções linguísticas da realidade não se devem tomar erroneamente como documento

¹⁹ NEUENFELDT, 2000. p. 51.

²⁰ MUTZENBERG, Maria Helena da Silva. Uma Hermenêutica de Gênero. In: FRIGÉRIO, Tea et al. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. Série A palavra na vida. no/vol 155/156. São Leopoldo: CEBI, 2000. p. 43.

²¹ SANTOS, Odja Barros. *Uma Hermenêutica Feminista e Simbólica do Pentecostes: uma leitura de Atos 2. 1-13 a partir da mulher*. Monografia de Especialização em Assessoria Bíblica. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2006. p. 19.

²² ROESE, Anete. Corporeidade no espaço relacional – interpretações a partir do Acompanhamento Pastoral Terapêutico Feminista. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; 2004. p. 288.

²³ ROESE, 2004. p. 287.

fidedigno de história, cultura e religião humanas.²⁴ Ivoni Richter Reimer afirma que os textos bíblicos vem influenciando na construção de identidades de mulheres e homens durante séculos e solidificando doutrinas e dogmas que colocam as mulheres (e os/as negros/as, os/as homossexuais etc) em uma posição de submissão.²⁵ Sendo assim, a linguagem e a visão androcêntrica dos textos bíblicos são revistas pela hermenêutica da suspeita:

Já é possível perceber os impactos que uma hermenêutica da suspeita tem provocado sobre a hermenêutica bíblica – como iniciar o processo interpretativo do texto sagrado pela hermenêutica da suspeita –, especialmente pela *desconstrução* de textos e interpretações sexistas e patriarcais, pela *reconstrução* de histórias e tradições de mulheres e pela *construção* de novas possibilidades de leitura e espiritualidade. Essa desconstrução não se dá apenas em nível teórico e acadêmico, mas na vida prática cotidiana, inclusive, na vida doméstica da casa, que também é espaço de relações de poder e de construção de saber. Por outro lado, recupera o potencial das mulheres, suas tradições não inscritas nos cânones patriarcais e propõe novas tradições, articulações teológicas, símbolos, rituais, ações pró-ativas e novas proposições éticas.²⁶

Repensar o que já foi pensado, desconstruir o que está solidificado em séculos de tradição não é tarefa fácil. Porém, é mais do que importante, é necessário. Através de novas possibilidades de interpretações e releituras dos textos bíblicos também podem se abrir novas possibilidades de vidas mais dignas para as mulheres:

O procedimento hermenêutico não é um fato mecânico nem tem a pretensão de interpretar tudo de uma única vez nem definitivamente, mas desconstruir, reconstruir e construir trazem impulsos de transformação e projetam possibilidades de dignidade e igualdade para as relações humanas.²⁷

²⁴ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As Origens Cristãs A Partir Da Mulher: Uma nova hermenêutica*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 56.

²⁵ REIMER, Ivoni Richter. Mulheres nas origens do cristianismo. In: *Revista Caminhos: História Cultural e Religião*. vol. 9. no. 1. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2011. p. 189. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/issue/view/97/showToc>>. Acesso em: 25 out 2012.

²⁶ STRÖHER, Marga J. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. In: *Revista História Unisinos*. vol. 9. no. 2. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, 2005. p. 119. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/historia/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid=158&menu_ativo=active_menu_sub&marcador=158>. Acesso em: 25 out 2012.

²⁷ PAIXÃO, Márcia Eliane Leindcker da. *A experiência educativa da extensão na Faculdades EST analisada sob a perspectiva da hermenêutica feminista*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. p. 47. Disponível em: <http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=1851>. Acesso em: 25 out 2012.

A Teologia Feminista propõe a releitura dos textos bíblicos, trazendo-os e interpretando-os para o contexto atual e despindo-os do caráter androcêntrico, patriarcal e sexista a que estão inseridos, como, por exemplo, está escrito em 1Tm 2, 12: “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio.”²⁸ Apenas com o exemplo de um único versículo, pode-se observar uma gama de possibilidades de subjugação e desempoderamento das mulheres. Tal situação pode ser traduzida, por exemplo, nos baixos índices de mulheres que chefiam grandes empresas ou até mesmo no silêncio que envolve a violência contra as mulheres:

O desafio é abrir a ‘clausura’, na qual os textos foram fechados, explorando a polissemia potencial das palavras, ou afirmações, para que falem a partir da experiência anterior ao escrito e das novas mediações e pressupostos atuais. Em vez de apenas atualizar, a tarefa é recriar a Palavra de Deus de um modo novo, para nossa realidade hoje.²⁹

Não é possível falar de Teologia Feminista sem relacioná-la com o Movimento Feminista – a segunda fase do Movimento Feminista constitui a base de articulação da Teologia Feminista³⁰. O Movimento Feminista pode ser dividido em três fases (ou três ondas), construídas conforme as necessidades políticas e o contexto material e social de cada época³¹.

A primeira fase representa o surgimento do Movimento Feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres por direitos que eram reservados apenas aos homens, tais como direitos civis, políticos e educativos. O movimento sufragista e a denúncia da opressão à mulher imposta pelo sistema patriarcal tiveram fundamental importância nesta fase. Nas décadas de 1960 e 1970 deu-se a segunda fase do Movimento Feminista, em especial nos Estados Unidos e na França. Enquanto as norte-americanas focavam-se na denúncia da opressão masculina e na busca por igualdade, as francesas lutavam pela valorização das diferenças entre homens e mulheres, evidenciando

²⁸ 1 TIMÓTEO 2, 12. In: *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 172.

²⁹ WEILER, Lúcia. Chaves hermenêuticas para uma releitura da Bíblia em perspectiva feminista e de gênero. In: Luiz Carlos Susin (org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. p. 228.

³⁰ HALKES; MEYER-WILMES, 1996. p. 502.

³¹ KOLLER, Sílvia Helena; NARVAZ, Martha Giudice. Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política. In: *Revista Psicologia em Estudo*. vol. 11. no. 3. Paraná: Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, 2006. p. 649. Disponível em: <<http://www.dpi.uem.br/rpe/>>. Acesso em: 25 out 2012.

as experiências femininas geralmente negligenciadas. Por fim, a terceira fase surgiu na década de 1980, com grandes influências dos escritos de Michel Foucault e Jacques Derrida. Os estudos voltaram-se para as relações de gênero, mantendo-se sempre estreitos os laços entre teoria e política-militância feminista. Começaram a surgir nas universidades brasileiras centros de estudos de gênero e feminismo.

Na contemporaneidade, há uma coexistência e entrelaçamento destas três fases do feminismo³². Influenciadas pelo Movimento Feminista, desde o início da década de 1960, teólogas no mundo todo começaram a perceber com maior clareza as relações entre a face simbólica histórica e masculina de Deus e a opressão das mulheres³³:

Perceberam pouco a pouco que a justificação da dominação masculina sobre as mulheres era possível porque a cultura patriarcal tinha seu justificador absoluto [...] Esse ser poderoso e abstrato, adorado e glorificado como Senhor absoluto dos céus e da terra, justificava leis, comportamentos e costumes estabelecidos. Ele determinava, por intermédio de seus representantes e dos textos reconhecidos como 'revelados', os diferentes papéis sociais. Ordenava caminhos, julgava e até condenava os que pareciam se distanciar de uma ordem predeterminada por ele mesmo fixada.³⁴

Em 1968, a filósofa, teóloga e militante feminista Mary Daly publicou *The Church and the Second Sex* (A Igreja e o Segundo Sexo), que serviu e serve, ainda hoje, de referência para muitas teólogas que escrevem em todas as disciplinas teológicas e eclesiais³⁵. Além disso, estas mulheres tem/tiveram outros nomes a quem se inspirar e aliar, tais como Juana Inês da Cruz, religiosa mexicana vítima da Inquisição no século XVII. Por não se conformar com a prisão doméstica e com o impedimento de busca de conhecimento a que as mulheres eram impostas, sob a alegação de cumprirem a vontade de Deus, tornou-se poetisa, literata e astrônoma. Seus textos, por serem considerados *atrevidos*, foram queimados pela Inquisição e ela foi forçada a assumir a culpa de não seguir os caminhos que a Igreja lhe indicara, na fidelidade ao seu ser feminino. Morreu dois anos após ter sido condenada a prestar trabalhos domésticos forçados no Convento de São Jerônimo.

³² KOLLER; NARVAZ, 2006. p. 650.

³³ GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. Coleção Primeiros Passos, 326. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 15.

³⁴ GEBARA, 2007. p. 15.

³⁵ MENDES, 2008. (sem página)

Outro nome que serviu/serve de inspiração para muitas biblistas feministas é o da sufragista norte-americana do século XIX Elisabeth Cady Stanton. Ela escreveu a *Bíblia das Mulheres* quando percebeu que os homens contrários ao direito do voto feminino apoiavam-se na Bíblia para fazer valer, em nome de Deus, as proibições da ascensão feminina à cidadania. Porém, apenas em 1988 – cem anos após a sua morte – seu trabalho foi redescoberto e seu pioneirismo em favor das mulheres foi reconhecido. Nasceu assim uma leitura e interpretação dos textos bíblicos partindo das mulheres – hermenêutica feminista da Bíblia. O texto bíblico passa a ser a expressão de um modo de ser cultural, escrito, interpretado, situado e datado³⁶.

A Teologia Feminista não é um bloco unitário, pois pode se identificar nela diversas perspectivas e correntes, dentre as quais uma delas situa-se claramente dentro da tradição bíblico-cristã e de suas instituições, visando exercer uma função profética frente a sociedade e frente a Igreja:

Uma imagem transcendente do Pai sem a correspondente imagem da Mãe, tal como há em nossa cultura, nos fecha o caminho para a imanência de Deus e tem levado o cristianismo e a todos nós ao engano sobre o centro da religião cristã que é a encarnação e a presença de Deus na criação. Portanto, devemos expandir nossas imagens de Deus cheias de vidas novas e antigas. Uma nova geração de pais pode nos ajudar a ver o Pai de um modo novo, olhando não para a transcendência, afastamento e onipotência, mas sim para a corporalidade, proximidade com a terra e ao trabalho de relação [...] eu mesma creio em Deus Pai e espero um novo Pai.³⁷

Uma outra corrente da Teologia Feminista inclui mulheres que se movem em um espaço aberto, em busca de novas formas de experimentar a transcendência. Há um discurso religioso, porém não cristão. Nesta corrente, podemos citar Mary Daly e Peggy Ann Way, que consideram que o cristianismo se constitui em uma distorção das relações humanas. Se o símbolo principal do cristianismo se expressa através de uma linguagem masculina e patriarcal, como a expressão da fé em Deus como Pai, disto se deriva uma série de consequências que são nocivas para as mulheres, como práticas e estruturas sociais patriarcais. Quando a mulher abandona a sociedade sexista e a Igreja

³⁶ GEBARA, 2007. p. 17.

³⁷ MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth. *Hablar de Dios como mujer y como hombre*. Madri: PPC, 1991. p. 20.

patriarcal, experimenta uma vida nova. Neste novo caminho, as mulheres se unem em uma *Irmandade*, entendida como o *estar juntas* em um caminho de libertação.

A Bíblia deixa claro a condição desafortunada – e muitas vezes miserável – da mulher nos tempos antigos. Os redatores do Antigo e Novo Testamento eram homens de seu tempo, e seria ingênuo pensar que estavam livres dos preconceitos de sua época. Portanto, é um processo muito duvidoso elaborar uma ideia de natureza feminina ou do plano divino para as mulheres a partir dos textos bíblicos. Como expressou um teólogo: Sejamos cuidadosos para não transcrever a termos de natureza aquilo que foi escrito em termos históricos.³⁸

Ainda podemos citar uma terceira corrente – *religião da Deusa* ou *espiritualidade da Deusa*³⁹. O culto à Deusa sobreviveu até a Idade Clássica da Grécia e de Roma, e só começou a perder forças na época dos imperadores cristãos de Roma.

O símbolo da Deusa tem muito a oferecer para as mulheres que lutam para liquidar aqueles estados de ânimo e aquelas motivações poderosas, persuasivas e persistentes, geradas pela religião patriarcal, de devolução do poder feminino, de desvalorização do corpo feminino, de desconfiança da vontade feminina e de negação dos vínculos e do patrimônio cultural das mulheres. E assim como as mulheres estão lutando para criar uma cultura nova na qual se celebram o poder, os corpos, a vontade e os vínculos das mulheres, assim também parece natural que volte a aparecer a Deusa como símbolo da beleza, da força e do poder recuperados das mulheres.⁴⁰

Especificamente relacionado com o catolicismo, é importante citar como um dos primeiros movimentos feministas, a fundação *Aliança Internacional Joana D'Arc*, fundada na Grã Bretanha em 1911. Sua proposta era *garantir a igualdade dos homens e das mulheres em todos os campos*. O seu lema, considerado polêmico, era *Orai a Deus: Ela vos ouvirá!* A proposta com o uso do feminino para Deus era evidenciar que Ela/Ele não é nem masculino nem feminino, mas transcende as diferenciações sexuais⁴¹.

³⁸ DALY, Mary. El cristianismo: una historia de contradicciones. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJØRUP, Lene (org.). *Del cielo a la tierra: Una antología de teología feminista*. Série Crítica Cultural Feminista. Santiago: Sello Azul, 1994. p. 61.

³⁹ STEEGMANN, 2011. (sem página)

⁴⁰ CHRIST, Carol P. Why Women Need the Goddess: Phenomenological, Psychological and Political Reflections. In: CHRIST, Carol P; PLASKOW, Judith. *Womanspirit Rising*. New York: Harper and Row, 1979. p. 286.

⁴¹ GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 415.

A(s) Teologia(s) Feminista(s) ganham vida através de cada especificidade das experiências cotidianas de mulheres e homens, de fatores sócio-culturais, étnico/raciais, entre outros. Sendo assim, há diversas correntes da Teologia Feminista espalhadas pelos continentes. No contexto brasileiro, ganha força a Teologia Feminista Latino-Americana e seus desdobramentos.

1.2 Teologia Feminista Latino-Americana

Com raízes na Teologia Latino-Americana da Libertação e influência de diversas correntes de movimentos feministas contemporâneos, temos a Teologia Feminista Latino-Americana. Com a Teologia Latino-Americana da Libertação os pobres, os fracos, os oprimidos ganham voz e vez. É levado em consideração a classe social e até mesmo, de certa forma, a raça/etnia. No entanto, o gênero é deixado à margem. É necessário apontar o grande abismo de diferenças que há na condição de vida entre O pobre e A pobre, O fraco e A fraca, O oprimido e A oprimida. Porém, a Teologia Feminista Latino-Americana não podia apropriar-se inteiramente do que as teólogas do chamado Primeiro Mundo produziam, pois haviam questões cruciais de especificidades:

Critica-se que ao pretender falar em nome de 'todas' as mulheres o movimento feminista teria definido seus objetivos com base na visão que as mulheres brancas do Ocidente tem da realidade. Se no Ocidente as mulheres buscam em primeira linha a 'auto-realização', no Terceiro Mundo são as questões da sobrevivência que realmente lhes interessam. As feministas ocidentais, bem à moda dos opressores de todos os tempos, teriam invocado para si o 'poder de definição' e imposto estas definições às outras, sem se lembrarem de sua própria cumplicidade social, racial e econômica com o sistema de opressão.⁴²

Neste contexto, a Teologia Feminista Latino-Americana compartilha de teorias, reivindicações e lutas dos movimentos feministas para transformar a opressão e a dor em libertação e integridade humana para as mulheres e para seus vínculos familiares e sociais. Um exemplo é o método da desconstrução das ideologias patriarcais:

⁴² WARTENBERG-POTTER, Bärbel V. No Terceiro Mundo. In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 510.

Este método tem sido muito importante para mostrar que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar. Assim, foi imposta a ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários, a filiação divina única de Jesus, um varão, o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, a ideia da virgindade de Maria de Nazaré e várias outras ideologias sexistas.⁴³

Segundo Ivone Gebara, a hermenêutica feminista é uma nova forma de compreender Deus.⁴⁴ Na tradição cristã a imagem de Deus é como Pai. A figura masculina aparece como Ser Supremo. Isso pode trazer consequências muito negativas para as mulheres, pois podem chegar a conclusão de que os homens são naturalmente e divinamente superiores a elas. Podem crer que devem ser obedientes e submissas, pois sendo Deus do sexo masculino, os homens recebem diretamente de Deus esta autoridade sobre elas:

Deus sempre nos foi apresentado como Pai, como amigo, como Senhor. Como se Deus fosse do sexo masculino. Estamos tão acostumadas a falar de Deus como um homem que quase chegamos a acreditar que Deus é verdadeiramente masculino. Essa é a imagem que nos tem sido passada Dele e ainda que nos ensinem que Deus não tem sexo, é espírito, sempre nos é representado como um homem.⁴⁵

Ao fazer-se uma hermenêutica feminista, não se está apenas relendo e reinterpretando os textos bíblicos, mas com isso também se reflete e se ressignifica as bases de sustentação política, econômica e antropológica, produtoras e legitimadoras de injustiças. Nas leituras bíblicas, a Teologia Feminista Latino-Americana parte do princípio de que as interpretações dos textos sagrados são histórica e culturalmente condicionadas por uma sociedade patriarcal e sexista. E até mesmo antes de se pensar em interpretações dos textos bíblicos, deve-se estar atenta/o à própria linguagem humana presente nas Escrituras, que também partilha dos esquemas sociais patriarcais e sexistas. Sendo assim, a Teologia Feminista Latino-Americana propõe dar espaço a um novo paradigma hermenêutico:

⁴³ TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. *In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 3. Disponível em:

<<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 6 dez 2011.

⁴⁴ GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Edições Paulinas, 1994. p. 33.

⁴⁵ CALABRESE, Cora Ferro et al. *Mujer, Sexualidad y Religión: Hasta Cuándo..., Señor?* Equador: CLAI, 1998. p. 42.

As mulheres aprenderam a ler e a interpretar a Bíblia com as lentes dos esquemas teológicos masculinos e a partir de determinados paradigmas hermenêuticos desenvolvidos historicamente. A hermenêutica bíblica feminista reconhece que a Bíblia exerceu e exerce influência tanto positiva quanto negativa na vida de muitas mulheres e homens e que essa influência não se dá somente através dos textos em si, mas também através da forma como esses textos são lidos e interpretados.⁴⁶

A Teologia Feminista Latino-Americana diferencia-se de outras Teologias Feministas por considerar, especificamente, a realidade histórica, cultural, social e

étnica/racial das mulheres latino-americanas e caribenhas. Entende-se, neste contexto latino-americano, que a supremacia masculina está intimamente relacionada com a injustiça econômica, com a opressão social e com a violência a que as mulheres são submetidas⁴⁷. O lugar social é fundamental para compreender a experiência das mulheres. A forma de compreender o mundo e de interpretar a realidade é determinada por gênero, raça, classe, idade e orientação sexual:

Na América Latina a teologia feminista é elaborada a partir de realidades concretas, quer acompanhar a experiência que as mulheres pobres e oprimidas têm de Deus em sua prática libertadora e procura responder às questões e aos desafios que essa prática propõe à fé cristã. Além disso, entende que a revelação não ocorre fora das coordenadas históricas, daí a contextualidade ser uma das suas características centrais.⁴⁸

No fazer teológico feminista latino-americano, o conhecimento não se dá apenas através do exercício da razão, pois a reflexão não se separa da experiência vital. No cotidiano se encontra a experiência de Deus e é onde devem ocorrer as construções de relações de dignidade à vida de mulheres e homens⁴⁹. Esta teologia engloba as múltiplas dimensões da existência humana e

⁴⁶ SANTOS, Odja Barros. *Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2010. p. 33.

⁴⁷ ARAÚJO, Claudete Ribeiro de. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. In: Luiz Carlos Susin (org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. p. 241.

⁴⁸ AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*. Tradução de Rodrigo Contrera. São Paulo: Edições Paulinas, 1997. p. 55.

⁴⁹ SILVA, Sílvia Regina de Lima. Abriendo Caminos, Teología Feminista e Teología Negra Feminista Latinoamericana. In: *Revista Magistro*. vol. 1. no. 1. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, 2010. p. 88. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055>>. Acesso em: 5 dez 2011.

está intimamente ligada aos limites e possibilidades da vida cotidiana, ao mundo real e à plenitude do corpo e expansão do espírito. Emprega valores iguais ao público (Igreja e sociedade) e ao privado (ambiente doméstico-familiar), pois os processos de libertação das mulheres devem acontecer plenamente, e não apenas como aparência aos olhos do povo. Sendo assim, a Teologia Feminista Latino-Americana busca identificar e nomear os fatores opressivos para então conseguir afetar os padrões de comportamentos institucionais, os valores, as atitudes e as relações que se dão no cotidiano:

Esta teologia entende que o exercício de pensar a fé a partir da própria consciência, situação e condição de mulheres, interpretada analiticamente, supõe nomear os mecanismos de dominação, enfrentar-se com eles e transformá-los. Se a teologia feminista latino-americana quer ativar a prática emancipatória das mulheres, deve esclarecer as causas que a impedem. Por isso não pode eludir a convergência e o mútuo reforço do sistema tríade formado de forma combinada pelo patriarcado presente na sociedade, na Igreja e na teologia; o capitalismo imperialista atual e o neo-colonialismo das culturas dominantes do Norte geopolítico.⁵⁰

No entanto, há ainda dificuldades e desafios a serem vencidos nos estudos e nas produções teológicas feministas. A maioria dos artigos e livros a que as estudantes de teologia tem acesso são escritos por homens, sendo estes o ponto de partida para embasar suas teorias – há que se ressaltar que as produções teológicas feministas estão crescendo e tornando-se referência também. É relevante dizer que todos os livros sagrados estudados com *seriedade* – a Torá, o Novo Testamento, os Upanixades, o Alcorão⁵¹ – foram escritos e interpretados historicamente pelos homens. Mais uma vez pelos homens é que sempre foram feitas as mediações entre o divino e o mundo – Buda, Maomé, Jesus Cristo – e também os processos de salvação. As mediações femininas existem, mas em religiões consideradas menores, pejorativas e desqualificadas pela teologia⁵². Outra barreira que a Teologia Feminista precisa transpor é a frequente depreciação que sofre por ser produzida por mulheres que transformam suas experiências corporais em produção teológica. Por vezes, os escritos das teólogas feministas não são considerados pela teologia tradicional como trabalhos científicos, pois, por se

⁵⁰ AQUINO, 1997. p. 57.

⁵¹ ARAÚJO, 2000. p. 244.

⁵² ARAÚJO, 2000. p. 244. A autora não cita quais são as religiões consideradas menores, pejorativas e desqualificadas pela teologia.

evidenciar as experiências do corpo e do cotidiano, são considerados românticos e sem consistência lógica:

Essa desqualificação está ligada com a depreciação milenar que se tem feito do corpo na medida em que a Teologia se ocupou das 'coisas do espírito'. Quebrar esse dualismo se faz necessário uma vez que a vida humana acontece no corpo assim como toda experiência religiosa.⁵³

A elaboração do conhecimento teológico tradicional em relação a condição das mulheres sempre seguiu, basicamente, por dois lados: ora pelo desinteresse, desconhecimento das várias formas de opressão e ao ocultamento da palavra das mulheres, ora pela justificação e perpetuação de tradições e instituições sócio-culturais opressoras. Enquanto as teologias libertadoras feitas pelos homens continuarem ignorando o empobrecimento e a condição de opressão das mulheres latino-americanas e caribenhas, estarão demonstrando e reforçando sua visão hierárquica da realidade e da fé e, conseqüentemente, apoiando o capitalismo patriarcal e suas adesões religiosas⁵⁴.

De acordo com Delir Brunelli, a presença da consciência de gênero na Teologia Latino-Americana teve início na década de 1970, podendo ser dividida em três fases.⁵⁵ A primeira fase é *a Teologia e 'a questão da mulher'*⁵⁶. A partir da segunda metade da década de 1970, começaram a surgir produções teológicas de mulheres latino-americanas. No entanto, essas produções nem sempre estiveram envoltas nas questões de gênero. Porém, a grande maioria dessas mulheres – senão todas elas – enfrentaram alguns problemas em comum: encontraram dificuldades em seus cursos por serem mulheres e sofreram preconceito e discriminação em suas próprias comunidades eclesiais quando procuraram socializar e fazer valer seus novos conhecimentos. Mas ainda há outro ponto em comum entre elas: são mulheres, na maioria das vezes, comprometidas com as lutas sociais por libertação, o que, neste contexto, fez aflorar nas suas reflexões teológicas *a questão da mulher*. O ponto de partida consistiu em refletir bíblica e teologicamente a situação das mulheres oprimidas e discriminadas dentro das Igrejas cristãs e também na sociedade como um

⁵³ ARAÚJO, 2000. p. 244.

⁵⁴ AQUINO, 1997. p. 53.

⁵⁵ BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. In: Luiz Carlos Susin (org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: perspectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. p. 211.

⁵⁶ BRUNELLI, 2000. p. 211.

todo. Já nesta primeira fase buscou-se uma nova hermenêutica, com o intuito de transformar a leitura da Bíblia libertadora para as mulheres. Havia ainda pouco diálogo com o Movimento Feminista – a própria palavra *feminista* era evitada pelas teólogas. A evocação do divino continuava no masculino e o uso da linguagem era não-inclusiva.

A segunda fase é chamada de *a teologia 'na ótica da mulher'* e desenvolveu-se na década de 1980⁵⁷. Neste momento, as mulheres começaram a questionar o tratamento que a Teologia da Libertação designava aos pobres, que era genérico até então, e enfatizavam que o fazer teológico baseado nas experiências dos homens pobres era diferente do fazer teológico com base nas experiências da mulheres pobres. Percebeu-se e denunciou-se o caráter racionalista, androcêntrico e patriarcal do modo de fazer teologia. Porém, a proposta metodológica da Teologia da Libertação não foi abandonada: situou-se na mesma linha da luta dos pobres e foi feita através da ótica da mulher, engrandecendo as experiências vividas no cotidiano e trazendo à tona reflexões e discussões comunitárias e ecumênicas. Entendeu-se como necessária uma releitura – *na ótica da mulher* – de toda a Bíblia, pois chegou-se à conclusão de que as interpretações eram mais patriarcais e androcêntricas do que os próprios textos. Nesta fase, houve uma espécie de *feminização da Teologia*. Buscou-se um resgate e uma valorização do feminino e destacou-se as imagens femininas de Deus. Dentro das lutas por libertação afirmou-se que tanto as mulheres quanto os homens deveriam cultivar certas características ditas como femininas – sensibilidade, experiência, cotidiano, celebrativo, discurso teológico poético etc. No entanto, a necessidade de reconstrução de toda a teologia ainda não estava clara. Foi neste momento que as teólogas começaram a dialogar com o pensamento feminista da América Latina e do chamado Primeiro Mundo. Resignificaram o termo *feminista* e passaram a usá-lo com certa liberdade, além de perceberem a necessidade de uma reeducação para o uso de linguagem inclusiva.

Na década de 1990, a terceira fase foi chamada de *Teologia Feminista – a mediação de gênero na Teologia*⁵⁸. Nesta fase, através de um diálogo já mais aprofundado entre militantes do Movimento Feminista e teólogas, percebeu-se

⁵⁷ BRUNELLI, 2000. p. 212.

⁵⁸ BRUNELLI, 2000. p. 214.

que toda a teologia deveria ser reconstruída com novas bases, e não apenas fazer teologia *na ótica das mulheres*. A categoria *gênero* passou a fazer parte das reflexões e discursos e as teólogas buscaram no Movimento Feminista seu conceito:

Construção inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.⁵⁹

A análise de gênero questiona a estrutura do pensamento teológico, que tem caráter androcêntrico e patriarcal. Critica-se o universalismo do discurso teológico, que torna o masculino sinônimo de normativo. O patriarcalismo, presente nas relações – entre as pessoas, com a natureza, com Deus – também é duramente criticado:

A mediação de gênero faz perceber que a nossa Teologia é masculina não só porque sempre foi feita por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era normativo, porque se serviu de um conhecimento filosófico produzido dessa forma. Por isso, o discurso teológico pretensamente ‘universal’ é androcêntrico.⁶⁰

Segundo Maria Pilar Aquino, a Comissão Latino-Americana de Mulheres da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) contribuiu notavelmente para a crescente incorporação de mulheres ao fazer teológico.⁶¹ Em 1979, no México, aconteceu o primeiro encontro promovido pela ASETT, o *Encontro Inicial*, com o tema *Mulher Latino-Americana, Igreja e Teologia*. Neste evento foi reconhecido que a visão das mulheres vinha sendo omitida pela Teologia da Libertação. Sua meta principal foi impulsionar e encorajar a incorporação de mulheres no campo teológico. O evento seguinte, o *Encontro de Ampliação*, ocorreu em Buenos Aires, em 1985, com o tema *Encontro Latino-Americano de Teologia desde a Perspectiva da Mulher*. Teve um impacto decisivo no desenvolvimento da Teologia Feminista Latino-Americana, pois seu foco foi o *discernimento das categorias intelectuais para articular e analisar o*

⁵⁹ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 3 ed. Recife: S.O.S. CORPO, 1996. p. 3.

⁶⁰ BRUNELLI, 2000. p. 216.

⁶¹ AQUINO, María Pilar. Teologia feminista latinoamericana. In: *Revista Cristianismo Y Sociedad*. vol. 36. no. 135/136. Logroño: Universidad de La Rioja, 1998. p. 21.

*discurso teológico enraizado na experiência de fé das mulheres oprimidas*⁶². No ano seguinte, novamente no México, ocorreu o *Encontro de Enlace*, que teve como tema principal *Fazer Teologia desde a Perspectiva das Mulheres do Terceiro Mundo*. Este evento contou com a participação de teólogas da Ásia, África e América Latina. Seu ponto chave foi o reconhecimento de que é necessário romper com os sistemas patriarcais para se alcançar uma sociedade justa e igualitária. Por fim, no ano de 1993, no Rio de Janeiro, ocorreu o *Encontro de Consolidação e Avanço*, com o tema *Espiritualidade pela Vida: Mulheres contra a Violência*. Seu ponto chave foi a constatação de que o discurso teológico deve contribuir na busca de alternativas para combater a violência contra as mulheres, visto que esta é uma realidade crescente⁶³.

A Teologia Feminista Latino-Americana subdivide-se em várias correntes, a partir de diferentes especificidades. A Teologia Feminista Negra parte de questões específicas de sua cultura e do que implica ser mulher negra. Já a Teologia Ecofeminista parte do princípio de que mulher e natureza estão na mesma condição de dominação e exploração.

1.2.1 Teologia Feminista Negra

A Teologia Feminista Negra busca questionar e desconstruir a teologia patriarcal – que tem como identidade um rosto branco, masculino e elitista. Esta imagem patriarcal de Deus incentiva e colabora para a manutenção de uma sociedade e teologia – construídas ao longo de um processo histórico – racistas, sexistas e classicistas, onde a mulher negra e pobre torna-se triplamente oprimida.

Desde o início da colonização, a cultura escravocrata trouxe os negros e negras para o continente americano. Quando chegavam ao porto de destino – seus locais de venda – ao homem negro era observado as condições físicas para o trabalho, já à mulher negra, além disso, também eram necessários outros quesitos: beleza e procriação. Assim, ela satisfazia os desejos dos senhores, dos escravos e, conseqüentemente, produzia, de graça, mais escravos: “Ela não só era mercadoria e força de trabalho, mas também uma máquina reprodutora

⁶² AQUINO, 1998. p. 22.

⁶³ AQUINO, 1998. p. 23.

de escravos [...] seus filhos, quando nasciam, eram bens do escravocrata.”⁶⁴ Outro fator muito relevante da história da chegada do povo negro no continente americano diz respeito a imposição religiosa, maus-tratos e discriminação a que foram submetidos⁶⁵:

[...] os missionários dirigiam-se a eles dizendo que a evangelização é desejada por Deus para salvar a sua alma, apresentando também um Deus retribucionista e tolerante da escravidão, já que afirmavam que ‘os colonizadores são bons, têm poder e riqueza dados por Deus’, mas os escravos só receberão a sua recompensa após a morte, em outro mundo. Dessa forma, tiveram que renunciar a quase tudo: terra, pátria, família e religião. Mas, apesar dessa violência que os obrigou a esconder os seus símbolos, crenças, cultura e a sua verdadeira fé, mantiveram a cosmovisão que faz parte da sua cultura espiritual.⁶⁶

Em 1975, em Detroit, na conferência *Theology in the Americas*, a Teologia Latino-Americana da Libertação, Teologia Negra e Teologia Feminista, deram início a um processo de integração de diversas perspectivas de libertação. Dentre elas, a argentina Beatriz Melano Couch evidenciou que racismo e sexismo são ideologias opressoras que caminham juntas e que urge de uma abordagem específica na Teologia da Libertação.⁶⁷ Já na década de 1980, a Teologia Negra questionou a *cor do feminismo*. A teóloga negra Delore Williams apontou que o *feminismo branco* não servia para as mulheres negras por uma série de questões, tais como a falta de isenção do preconceito racista do próprio movimento feminista. Além disso, a crítica que a Teologia Feminista faz se resume ao patriarcado, ao poder masculino, mas para as mulheres negras ela vai além: é uma crítica ao poder exercido pelos homens e mulheres brancas sobre as mulheres negras⁶⁸:

[...] a mulher negra é invisível não só no interior do sistema patriarcal, mas também no interior do próprio movimento feminista e da teologia feminista. Se o patriarcado produz o sexismo como opressão da mulher

⁶⁴ LÓPEZ, Maricel Mena. *Corpos (i)maculados: Um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas*. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 70.

⁶⁵ LÓPEZ, Maricel Mena. *A força da solidariedade: O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista*. Série Mosaicos da Bíblia. Tradução de Jane Falconi F. Vaz; José Adriano Filho. Rio de Janeiro: Koinonia, 1995. p. 17.

⁶⁶ LÓPEZ, 1995. p. 17.

⁶⁷ GIBELLINI, 1998. p. 410.

⁶⁸ GIBELLINI, 1998. p. 410-411.

em razão do sexo/gênero, o sistema perverso que oprime a mulher negra gera uma dupla opressão em razão do sexo/gênero e da raça.⁶⁹

A teóloga feminista colombiana Maricel Mena López destaca que, no contexto de América Latina, o percurso histórico da Teologia Negra passa por quatro etapas.⁷⁰ A primeira etapa iniciou-se com a chegada dos escravos e escravas em solo latino-americano e toda a filosofia, cultura e religiosidade que trouxeram em suas bagagens. Mas, como já vimos, a religiosidade negra foi duramente combatida e discriminada. A segunda etapa estendeu-se até a década de 1960 e sua principal característica foi a crítica ao racismo institucional, incluindo as lutas por emancipação dos movimentos abolicionistas. A terceira etapa aconteceu até o final dos anos 70, já à luz da Teologia da Libertação. E finalmente a quarta etapa vai desde a década de 1980 até a atualidade, que tem como principais características a crítica ao sistema capitalista e ao silêncio velado dos teólogos negros sobre a situação das mulheres, construindo assim uma forte correlação entre racismo, classicismo e sexismo. Neste contexto Latino-Americano, o Movimento Feminista também exerceu influência sobre as teólogas negras, contudo, da mesma forma que Delore Williams já apontava, elas também viam um racismo camuflado no chamado *feminismo branco*.⁷¹

Nós, mulheres negras, confrontamo-nos não apenas com o racismo e o sexismo da sociedade dominante e de suas estruturas patriarcais, mas nos deparamos, por um lado, com o racismo de um movimento feminista dominado por mulheres brancas e, por outro lado, com o anti-feminismo e o heterossexismo normativo do movimento negro, somos esquecidas tanto como negras, quanto como mulheres, por isso a teologia negra feminista latino-americana quer colocar as experiências das mulheres negras no centro.⁷²

A sexualidade das mulheres negras continua sendo estigmatizada. Seus corpos ainda são locais de abuso, apropriação e exploração. Cria-se assim o mito que dura até os dias atuais de que a mulher negra é *quente, sexy e está sempre disponível para relações sexuais*. Segundo Heleieth I. B. Saffioti, “o

⁶⁹ GIBELLINI, 1998. p. 411.

⁷⁰ LÓPEZ, Maricel Mena. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André S; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 33.

⁷¹ LÓPEZ, 2005. p. 33-34.

⁷² LÓPEZ, 2005. p. 36.

homem branco construiu o mito da negra ou mulata sensual.”⁷³ No contexto brasileiro, esse mito é muito evidente no carnaval, por exemplo. A negra ou mulata com *corpo escultural* mostrando o máximo possível de seu corpo é o produto de venda, o objeto de propaganda desta festa popular.

A Teologia Feminista Negra tem um caráter ecumênico muito marcante e particular. Ao resgatar as experiências religiosas da cultura negra e de seus antepassados, acaba dialogando e interagindo com outras expressões religiosas. No entanto, este diálogo encontra-se fundamentado nas raízes cristãs. Principalmente quando se fala do contexto histórico brasileiro, vê-se que o cristianismo sempre esteve atrelado a todas as formas de expressões religiosas da cultura afro. Negar a religiosidade histórica do povo negro seria o mesmo que negar toda a sua existência:

As experiências religiosas das tradições africanas estão relacionadas com a natureza e com o culto aos antepassados. A terra, os ancestrais, os rios, a comida, o axé são parte da memória histórico-religiosa, parte de nossa experiência de Deus e fundamentos de uma teologia com rosto negro. Não renunciamos as raízes cristãs, mas as enriquecemos a partir desta experiência de fé [...] A recuperação de nossas raízes nos dá forças para seguir sendo uma voz profética contra as desigualdades, as discriminações e o racismo.⁷⁴

As religiões afro nos trazem reflexões interessantes sobre o papel das mulheres. No Candomblé, por exemplo, elas tem poder de decisão na família e comunidade, tem controle sobre a economia, sobre as atividades religiosas, o lazer, a educação dos filhos e filhas e a vida em comunidade em geral. No que diz respeito à sexualidade, sentem-se como parceiras, e não como objetos de prazer. Também não são dependentes economicamente dos parceiros, pois trabalham na comunidade do Candomblé e na sociedade como um todo.⁷⁵ Diferentemente do cristianismo, as religiões afro tem o corpo como local sagrado. É nele que, por meio de suas danças rituais, seus cantos, se manifesta o transcendente, a força cósmica, o processo de libertação:

A partir de uma perspectiva teológica e em comunhão com as religiões afro, o corpo das afro-americanas é, por excelência, o lugar da manifestação da Divindade. O ser humano é também sagrado, pois o seu corpo revela o Orixá. Essas religiões não proíbem o corpo, pois

⁷³ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. 3 ed. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1987. p. 53.

⁷⁴ SILVA, 2010. p. 94.

⁷⁵ LÓPEZ, 2004. p. 75.

nele se dá a relação com o transcendente, que valoriza o corpo exterior que dança. Essa aceitação do corpo integral como pressuposto teológico desafia a teologia judaico-cristã, que durante séculos promoveu uma separação entre o corpo e o transcendente.⁷⁶

Para Silvia Regina de Lima Silva, o fazer teológico negro feminista latino-americano parte de três elementos fundamentais, que são *a recuperação do corpo como lugar de manifestação de Deus, história e memória e encontro com a experiência religiosa dos antepassados*.⁷⁷

- *Recuperação do corpo como lugar de manifestação de Deus*: o corpo negro é afirmado como lugar teológico. No entanto, quando há discriminação racial, há a negação deste corpo. Negar o corpo negro é desejar embranquecer-se e isso, no fundo, é desejar não existir como pessoa ou como povo. Na Teologia Negra Feminista, o corpo é reconhecido, celebrado, resgatado em suas relações cotidianas.
- *História e memória*: O povo negro tem raízes, tem passado. Fazer parte da história é se descobrir como sujeito que faz a história, e essa história também é lugar de Revelação. Redescobrir a história de um povo, se resgata e se reafirma a sua memória, memória essa que se manifesta viva nas experiências do dia a dia, enchendo-se de sentidos e transcendência.
- *Encontro com a experiência religiosa dos antepassados*: a religiosidade afro está intimamente relacionada com a natureza e com a ancestralidade. Ir de encontro a essa experiência religiosa afro não quer dizer negar o cristianismo, mas sim enriquecê-lo e torná-lo mais ecumênico. Essa reflexão de fé traz aos negros e negras um Deus com diferentes rostos, mas com um só coração que os/as ama e acolhe em suas diferenças.

Conquistar o reconhecimento do rosto da mulher negra como imagem e semelhança de Deus é um dos pontos chave da Teologia Feminista Negra. A busca da identidade dos negros e negras dentro da teologia é fundamental neste fazer teológico: “A questão da ancestralidade [...] diz respeito aos fundamentos

⁷⁶ LÓPEZ, 2004. p. 71.

⁷⁷ SILVA, 2010. p. 93-94.

primordiais de um grupo, aos elementos mantenedores de sua identidade.”⁷⁸ A identidade está relacionada ao contexto social, cultural, histórico, de gênero, entre outros. Ter e reconhecer a sua própria identidade ou a identidade de um povo significa pertencer, existir perante o todo. Resgatar a história e memória do povo negro – que sempre foram desvalorizadas e diminuídas na sociedade – tem um papel muito importante na busca e (re)afirmação da identidade. Só assim é possível devolver a dignidade de vida que lhes foi roubada pelo sistema escravocrata e que perdura até os dias de hoje envolto no patriarcado, racismo e sexismo. O rosto do negro, da negra, também são imagem e semelhança de Deus.

1.2.2 Teologia Ecofeminista

O termo *ecofeminismo* surgiu na França, através de Françoise d'Eaubonne – feminista e ativista em movimentos ecológicos⁷⁹. Ecofeminismo diz respeito às relações de homens e mulheres e sua relação com a natureza. Essas relações nem sempre foram de subordinação e dominação. Nos primórdios, natureza e seres humanos viviam em harmonia, sintonia e respeito. Religiosamente, a natureza era representada e consagrada por Deuses e Deusas – diga-se de passagem que o número de Deusas era superior ao número de Deuses⁸⁰. Porém, com a queda do politeísmo e o início do monoteísmo, passa-se a adorar um Deus patriarcal e masculino que vê na mulher, assim como na natureza, um perigo que deve ser dominado:

As sociedades antes organizadas de forma igualitária passam a ser de dominação masculina, dentro de um sistema patriarcal e militarizado. Esta estrutura foi tomando uma dimensão cada vez maior e foi organizando tudo a seu redor de forma que o controle fosse somente dos homens. E tudo que representasse uma ameaça deveria ser dominado, demonizado – mulher e natureza.⁸¹

⁷⁸ LÓPEZ, Maricel Mena. Ecofeminismo e cultura negra. *In: Várias Autoras. Fontes e Caminhos Ecofeministas*. no. 175/176. Série A Palavra na Vida. São Leopoldo: Con-Texto, 2002. p. 21.

⁷⁹ GEBARA, Ivone. Corporeidade e Gênero: uma perspectiva ecofeminista. *In: GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010. p. 89.

⁸⁰ TEZZA, Maristela. Ecofeminismo e Bíblia. *In: Fontes e Caminhos Ecofeministas*. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002. p. 8.

⁸¹ TEZZA, 2002. p. 9.

As mulheres estão relacionadas ao corpo, à terra, ao sexo, à fraqueza, ao pecado, à natureza, à emoção, ao doméstico (privado). Enquanto os homens estão relacionados ao espírito, à racionalidade, à cultura, à objetividade, à rua (público), e também ao poder soberano e absoluto sobre as mulheres e sobre a natureza. A dominação dos corpos e do trabalho das mulheres está intimamente relacionada com a exploração da terra, da água e dos animais. Essa dominação acontece tanto no nível sócio-econômico quanto no nível das representações simbólicas:

Ambas, mulher e natureza, seriam objetos da exploração patriarcal, 'colonizadas' por um sistema orientado por uma lógica utilitarista de dominação; dominação esta legitimada e 'naturalizada' pelo modelo cultural simbólico que funciona como superestrutura ideológica para a exploração sócio-econômica da mulher e da natureza.⁸²

Florestas são destruídas e rios são poluídos para que os homens tenham trabalho e a sobrevivência da família seja garantida. Novas formas de exploração da mão de obra feminina, anulando anos de conquistas trabalhistas, são desenvolvidas para que as mulheres tenham trabalho⁸³. O que é preciso entender, no entanto, é que nossa própria existência depende de toda a comunidade ecológica.⁸⁴ A religiosa católica Rosa Dominga Trapasso afirma que o ecofeminismo seria uma evolução natural do movimento feminista:

Atrevo-me a pensar que o feminismo necessariamente teve que evoluir em direção ao ecofeminismo ao colocar em evidência as vinculações de todas as formas de opressão e violência, desde a opressão no interior da família até a destruição do planeta.⁸⁵

Para se fazer uma reflexão ecofeminista, segundo Charlene Spretnak, é necessário direcionar o foco para uma religião baseada na natureza, preferencialmente relacionada com o culto da divindade feminina.⁸⁶ Carol Christ

⁸² SOUZA, Sandra Duarte de. *Teo(a)logia, Ética e Espiritualidade Ecofeminista: uma análise do discurso*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 1999. p. 199.

⁸³ GEBARA, 2010. p. 90.

⁸⁴ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 79.

⁸⁵ TRAPASSO, Rosa Dominga. Revisando Nuestra Conexión com la Naturaleza. *In: Con-Spirando: Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología*. Santiago: junho, 1993. p. 3.

⁸⁶ SPRETNAK, Charlene. Ecofeminism: Our Roots and Flowering. *In: DIAMOND, Irene; ORENSTEIN, Gloria. Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990. p. 5-6.

aponta que a recuperação do símbolo da Deusa permite formar e fortalecer os vínculos entre as mulheres – nos mais variados tipos de relações. Ela ainda lembra que, nas celebrações litúrgicas patriarcais das religiões tradicionais, as relações entre as mulheres são praticamente ausentes, simbolizando apenas as relações protagonizadas pelos homens.⁸⁷ Maria Soave Buscemi afirma que “na imagem da igreja como Corpo de Cristo, o corpo acaba sendo reduzido a um só: o corpo humano e masculino.”⁸⁸ A religião sempre esteve significativamente envolvida na construção e manutenção dos padrões simbólico-culturais que inferiorizam e dominam mulheres e natureza:

Na formação cultural da Grécia Antiga e judaico-cristã [...] encontramos a simbolização da mulher como ser inferior, a ser controlada pelos machos. Na tradição babilônica, o guerreiro Marduk é o criador do cosmos que só consegue essa façanha após dominar a Deusa Tiamat colocada como uma mulher monstruosa [...] Na Reforma Calvinista continuamos vendo a interpretação da natureza e do feminino como inferior, a ser dominada [...] Tudo natural era depravado. Nada tocável e visível podia carregar o divino. A própria mulher é relacionada com pecado e diabo. A boa esposa é aquela que se submete e é obediente aos maridos, pais e religião.⁸⁹

A reflexão teológica ecofeminista vai além da conexão de dominação da natureza e da mulher, mas também questiona e reflete sobre a co-responsabilidade das religiões patriarcais, especialmente do cristianismo, sobre esta dupla dominação e exploração.⁹⁰

Um exemplo claro foi a *caça às bruxas*, as quais simbolizavam o mal e a natureza violenta e ainda eram vistas como perpetradoras e responsáveis por tempestades, doenças, mortes de crianças etc. A mulher, como a natureza, poderia ser bela e sedutora por fora, mas isso só escondia corrupção, pecado,

⁸⁷ CHRIST, Carol P. Por qué las Mujeres Necesitan a la Diosa: Reflexiones Fenomenológicas, Sicológicas y Políticas. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJØRUP, Lene (org.). *Del cielo a la tierra: Una antología de teología feminista*. Série Crítica Cultural Feminista. Santiago: Sello Azul, 1994. p. 171-172.

⁸⁸ BUSCEMI, Maria Soave. Do Egocentrismo ao Ecocentrismo: Passos para uma Teologia Ecofeminista. In: *Revista Caminhos: História Cultural e Religião*. vol. 1. no. 1. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003. p. 117.

⁸⁹ FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Corrente do Ecofeminismo propõe fim da sociedade patriarcal. In: *Poiésis – Literatura, Pensamento & Arte*. no. 154. 2009. p. 10. Disponível em: <http://www.jornalpoiesis.com/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=348&Itemid=50>. Acesso em: 30 dez 2011.

⁹⁰ PRIMAVESI, Anne. *Do Apocalipse ao Gênesis: Ecologia, Feminismo e Cristianismo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1996. p. 304.

morte e condenação.⁹¹ Fazia-se clara a associação entre as mulheres e a natureza que não se podia controlar: “As mulheres desordeiras assim como a natureza em desordem precisavam ser controladas.”⁹² Em função disso, do século XIV ao XVII, cerca de um milhão de mulheres foram executadas.⁹³ A tradição cristã nos mostra um Deus patriarcal que se relaciona intimamente com a imagem do homem branco e rico, colaborando para a dominação da natureza e das mulheres.⁹⁴

Deus está acima de tudo, como o Senhor Absoluto, e abaixo de Deus tudo obedece a uma hierarquia: em primeiro plano os homens, depois as mulheres, em seguida as outras criaturas. As relações daí resultantes são de domínio: mando/obediência, poder/submissão. Os homens se submetem a Deus e são seus principais representantes com poder sobre as mulheres.⁹⁵

A Teologia e Espiritualidade Ecofeminista, de um modo geral, procura “recuperar a vida plena do ecossistema, e dentro disso a vida das mulheres.”⁹⁶ No contexto Latino-Americano, a atenção é direcionada para as mulheres mais pobres, pois são elas que são mais afetadas pelas consequências dos problemas ecológicos. “Falar de justiça social implica falar de eco-justiça e impõe uma mudança nos discursos e práticas oficiais das igrejas.”⁹⁷ Segundo a teóloga Mary Judith Ress, a Teologia Ecofeminista centra-se no ser humano como parte integrante do todo, o que acaba, de certa forma, desafiando a teologia tradicional⁹⁸. Para este fazer teológico, as mulheres e a natureza são fontes de vida, e não apenas recursos dos quais se pode aproveitar, como o capitalismo e o patriarcalismo estão habituados. Sua espiritualidade está intimamente relacionada e vinculada à natureza:

⁹¹ RUETHER, 1993. p. 74.

⁹² GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997. p. 10.

⁹³ RUETHER, 1993. p. 74.

⁹⁴ LÓPEZ, 2002. p. 23.

⁹⁵ LAZARIN, Cleide. Ecofeminismo: uma hermenêutica feminista. In: *Fontes e Caminhos Ecofeministas*. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002. p. 32-33.

⁹⁶ OTTERMANN, Mônica. As águas mansas de Siloé – um mergulho ecofeminista em questões de vida e morte. In: *Fontes e Caminhos Ecofeministas*. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002. p. 48.

⁹⁷ GEBARA, 1997. p. 19.

⁹⁸ RESS, Mary Judith. O crescimento do ecofeminismo na América Latina. In: *Revista HIU online: O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. no. 304. Ano IX. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2009. p. 37. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_antteriores&secao=405>. Acesso em: 25 out 2012.

Esta corrente teológica se rege pelo princípio da articulação integral, segundo a qual tudo o que existe está em interdependência dinâmica, desde o ser humano dentro do grande organismo vivo chamado cosmos, até todos os fenômenos físicos e sociais [...] A experiência de Deus interpretada desde uma atuação humana responsável que apóia a igualdade na diferença, a autonomia nas relações, o equilíbrio universal, a integridade ecológica, o bem-estar pessoal e social e a plenitude da criação.⁹⁹

Para Anne Primavesi, um dos pontos-chave de co-responsabilização do cristianismo para com a dominação e exploração da natureza deve-se ao fato da suposição do domínio humano – diga-se aqui, do homem – sobre o mundo. E além disso, há ainda a absolvição de Deus sobre qualquer responsabilidade pela destruição da natureza. Em função disso, a autora aponta que o ser humano e a religião cristã devem perceber que a destruição do ecossistema não é obra de um castigo divino, mas sim fruto de ações humanas.¹⁰⁰

Feminismo e ecologia perguntam às religiões o que estão fazendo das mulheres e o que estão fazendo do corpo da Terra. Perguntam às tradições cristãs de nosso meio sobre a marginalização de grupos sociais e particularmente das mulheres, sobre o poder no interior das instituições religiosas e na formulação de nossas crenças profundas.¹⁰¹

Segundo Maricel Mena López, em Gênesis há três sentenças, e a primeira delas é aplicada à serpente.¹⁰² A serpente simboliza a Deusa e a sabedoria. No entanto, no contexto em que foi escrito o relato da criação, que era de veneração de Deuses e Deusas, fazia-se politicamente necessário rechaçar qualquer crença fora de Javé. Fica explícito aqui o interesse em reprimir o conhecimento e a religiosidade das mulheres que acreditavam no poder das Deusas: “Ela (serpente) é amaldiçoada, caminhará sobre seu ventre e comerá poeira todos os dias da sua vida. A serpente e a mulher serão inimigas, e haverá hostilidade entre a linguagem delas.”¹⁰³

A segunda sentença é aplicada à mulher, com dois temas centrais: maternidade e sexualidade: “Terá muitas dores na gravidez e no parto, e desejará seu marido, e este a dominará.”¹⁰⁴ Quando a mulher busca o conhecimento simbolizado na serpente, é vista como uma grande tentadora,

⁹⁹ AQUINO, 1998. p. 26.

¹⁰⁰ PRIMAVESI, 1996. p. 125.

¹⁰¹ GEBARA, 1997. p. 81.

¹⁰² LÓPEZ, 2002. p. 25.

¹⁰³ LÓPEZ, 2002. p. 25.

¹⁰⁴ LÓPEZ, 2002. p. 26.

moldando o caráter sedutor feminino. “Porque achou que podia tomar uma decisão sozinha foi que Eva colocou tudo a perder, por isso deve ficar sob o governo do homem.”¹⁰⁵ A identificação da mulher com a serpente reduziu-se ao controle de sua sexualidade. Seu corpo passou a ser corpo para reprodução:

A mulher, que antes podia confiar na Deusa para que a ajudasse nos partos, dará à luz seus filhos com dor. As mulheres ficaram subordinadas aos homens e responsabilizadas por esmagar a Deusa em forma de serpente. É evidente que esse relato, entendido dessa maneira, fomenta a subjugação das mulheres. Por isso, desde uma ótica ecofeminista, deve-se posicionar-se e denunciar qualquer tipo de dominação das mulheres e da natureza.¹⁰⁶

A terceira e última sentença é aplicada ao homem e está relacionada com suas condições de trabalho: “[...] por ter escutado a voz da mulher, morará numa terra amaldiçoada, com suor e trabalho comerá todos os dias, até retornar à terra.”¹⁰⁷ Do ponto de vista ecofeminista, a partir daí, está traçada a relação de inimizades entre homens e natureza, o que faz com que eles distanciem-se dela, neguem que sejam parte dela e ainda busquem o domínio sobre ela. Este relato também evidencia uma relação trágica com a morte, apesar de fazer parte do ciclo natural. É como se a morte, aqui, fosse vista como castigo pela transgressão. E o fardo desta transgressão está nas costas de Eva – das mulheres: “Ela (Eva), a mãe de todos os viventes, se converte em portadora da morte.”¹⁰⁸

Anne Primavesi propõe uma leitura ecológica e não hierárquica de Gênesis, o que implicaria no reconhecimento de uma relação mútua entre Deus, os seres humanos, os animais e todo o ecossistema. Na proposta de Anne Primavesi, o homem, ao invés de estar em uma posição de dominação perante mulher e natureza, partilharia da mesma argila e do mesmo espírito. A mulher não mais seria responsabilizada pelo pecado. Comer o fruto simbolizaria autoconsciência e discernimento. A serpente estaria relacionada ao questionamento de estruturas hierárquicas e normas relacionadas ao mundo.¹⁰⁹

¹⁰⁵ PEREIRA, Nancy Cardoso. *Remover pedras, plantar roseiras, fazer doces: por um ecossocialismo feminista*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 23.

¹⁰⁶ LÓPEZ, 2002. p. 26.

¹⁰⁷ LÓPEZ, 2002. p. 26.

¹⁰⁸ LÓPEZ, 2002. p. 27.

¹⁰⁹ PRIMAVESI, 1996. p. 355-357.

O ecossistema e a vida, conseqüentemente, encontram-se ameaçados. É necessário, urgentemente, repensarmos e mudarmos as relações com o universo.¹¹⁰ A Teologia Ecofeminista tem como objetivo repensar e questionar a tradição teológica ocidental e a cadeia hierárquica dos seres humanos entre si e sobre a natureza. Ela necessita contestar o modelo capitalista e patriarcal de tratar as mulheres e a natureza como propriedades privadas a serem dominadas e exploradas. Para tal, precisa desmascarar as estruturas de dominação social¹¹¹. Por fim, deve questionar e desconstruir o modelo hierárquico teológico ocidental – Deus, como espírito não-material, o homem, como sua imagem e semelhança, a mulher, como ser inferior e a natureza, que juntamente com a mulher, encontram-se inertes e disponíveis para serem dominadas e exploradas.

¹¹⁰ LAZARIN, 2002. p. 37.

¹¹¹ RUETHER, 1993. p. 77.

2 UM FATO CONCRETO: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES

Sou brasileira, guerreira, não tô de bobeira,
 Não pague pra ver! Porque vai ficar quente a chapa!
 Você não vai ter sossego na vida, seu moço, se me der um tapa!
 Da Dona Maria da Penha você não escapa!¹¹²

2.1 Contextualizando a Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil

A violência doméstica contra as mulheres está presente em todas as classes sociais, idades, raças/etnias, orientações sexuais, culturas, níveis educacionais e religiões. A ONG *Centre On Housing Rights and Evictions* (COHRE) divulgou, no dia dezesseis de julho de 2010, dados da pesquisa intitulada *Um Lugar no Mundo: o direito à moradia adequada como um elemento essencial a uma vida livre de violência doméstica*, revelando que no Brasil, estima-se que uma em cada quatro mulheres sofre e/ou já sofreu algum tipo de violência¹¹³. De acordo com dados divulgados pela *Fundação Perseu Abramo* em 2010, em nosso país uma mulher é agredida a cada vinte e quatro segundos, totalizando, aproximadamente, 1,314 milhões de mulheres vitimadas pela violência por ano¹¹⁴. Seguem alguns dados do *Mapa da Violência 2012*¹¹⁵: de 1980 a 2010, foram assassinadas no Brasil cerca de 91 mil mulheres; duas em cada três pessoas atendidas no Sistema Único de Saúde (SUS) em razão da violência doméstica ou sexual são mulheres; seis em cada dez brasileiros/as conhecem alguma mulher que foi vítima de violência doméstica; machismo (46%) e alcoolismo (31%) são apontados como principais fatores que contribuem para a violência de gênero; 94% das pessoas conhecem a Lei Maria da Penha, mas apenas 13% sabem seu conteúdo; 52% acham que juízes e policiais desqualificam o problema; o medo continua sendo a razão principal (68%) para

¹¹² ALCIONE. Maria da Penha. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/alcione/maria-da-penha.html>>. Acesso em: 12 nov 2012. (sem página)

¹¹³ COHRE – Centre on Housing Rights and Evictions. *A Place in the World: The Right to Adequate Housing as an Essential Element of a Life Free from Domestic Violence*. Disponível em: <<http://www.cohre.org/news/documents/a-place-in-the-world-the-right-to-adequate-housing-as-an-essential-element-of-a-life->>. Acesso em: 27 jun 2011. (sem página)

¹¹⁴ PESQUISA Fundação Perseu Abramo. *Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado 2010*. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-es>>. Acesso em: 17 nov 2012. (sem página)

¹¹⁵ WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. CEBELA – Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2012. Disponível em: <<http://mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 7 out 2012. (sem página)

evitar a denúncia dos agressores; em 66% dos casos os responsáveis pelas agressões foram os maridos ou companheiros. Levando em consideração estes dados destacados até aqui, fica evidente que a violência doméstica contra as mulheres não é algo que pode ser ignorado em nosso país.

Em Viena, no ano de 1993, a *Conferência das Nações Unidas sobre Direitos Humanos* reconheceu formalmente que a violência contra as mulheres é uma forma de violação dos direitos humanos. Conforme a *Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas de 1993*,

A violência contra as mulheres é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram à dominação e à discriminação contra as mulheres pelos homens e impedem o pleno avanço das mulheres.¹¹⁶

Na década de 1990, com o intuito de transformar a dura realidade da violência doméstica, que sempre atingiu a sociedade como um todo, instrumentos internacionais foram criados, os quais foram ratificados pelo Estado Brasileiro: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW), Plano de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (conhecida como a Convenção de Belém do Pará), Protocolo Facultativo à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, além de outros instrumentos de Direitos Humanos.¹¹⁷

Concomitantemente a todo esse movimento, organizações de defesa dos direitos humanos levaram até a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) uma denúncia relativa à impunidade do crime de violência doméstica cometido contra a cidadã Maria da Penha Fernandes, que ficou paraplégica por consequência de duas tentativas de homicídio praticadas contra ela por seu marido, o qual estava impune e, na época, em véspera de ser beneficiado com a prescrição do caso. O que aconteceu com Maria da Penha, infelizmente, foi apenas mais um dos casos

¹¹⁶ PAZ, Nivia Ivette Núñez de la. *Da violência de gênero para relações humanizadas: guia regional*. São Leopoldo: CEBI, 2010. p. 14.

¹¹⁷ SECRETARIA de Políticas para as Mulheres. *Lei Maria da Penha: Breve histórico*. Disponível em: <<http://www.sepm.gov.br/subsecretaria-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres/lei-maria-da-penha/breve-historico>>. Acesso em: 17 nov 2012. (sem página)

rotineiros de violência doméstica contra as mulheres. Mas este caso, particularmente, tem/teve uma importância singular, pois reconhecendo a omissão do Estado brasileiro, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA aceitou a denúncia e determinou, com urgência, o julgamento do agressor de Maria da Penha Fernandes e a elaboração de uma lei específica relativa a violência contra as mulheres no Brasil.¹¹⁸

Em 2002, as ONGs Feministas Advocacy, Agende, Themis, Cladem/Ipê, Cepia e Cfemea, reuniram-se para elaborar um anteprojeto de lei com a finalidade de combater a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Em 2004, o anteprojeto foi apresentado à Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, que instituiu Grupo de Trabalho Interministerial para elaborar um Projeto de Lei sobre mecanismos de combate e prevenção à violência doméstica contra as mulheres. Após consultar representantes da sociedade civil, operadores/as do direito e servidores/as da área da segurança pública e demais representantes de entidades envolvidas na temática, por meio de debates e seminários, o Poder Executivo encaminhou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei sob o nº 4.559. Na Câmara dos Deputados o projeto original foi alterado por amplo debate, através de audiências públicas realizadas em todo o país, resultando na Lei nº 11.340, sancionada pelo Presidente da República – Luiz Inácio Lula da Silva – e publicada em 7 de agosto de 2006, conhecida como a *Lei Maria da Penha*.¹¹⁹

A Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha) caracteriza a violência doméstica contra as mulheres como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.”¹²⁰ Pode ocorrer no âmbito da unidade doméstica (convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar), no âmbito da família (comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados) e em qualquer relação íntima de afeto, na qual o homem com comportamento agressivo conviva ou tenha convivido com a mulher agredida. De acordo com a Lei Maria da Penha, há cinco formas distintas de se praticar violência doméstica

¹¹⁸ SECRETARIA, 2012. (sem página)

¹¹⁹ SECRETARIA, 2012. (sem página)

¹²⁰ LEI nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 27 jun 2011. (sem página)

contra as mulheres, que são: violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial:¹²¹

- *Violência física:* A violência física é entendida por qualquer agressão com o objetivo de ferir o corpo, deixando ou não marcas visíveis. São comuns socos, queimaduras, empurrões, agressões com objetos, entre outros. Esta forma de violência não é necessariamente cometida pelo companheiro, pois também podem estar envolvidos parentes próximos ou até mesmo uma pessoa contratada para tal.
- *Violência psicológica:* Este tipo de violência não deixa marcas visíveis, visto que a lesão aloja-se na estrutura emocional, invisível e impossível de ser detectada pelo exame de corpo de delito¹²². O homem com comportamento agressivo sente satisfação em ver a mulher agredida menosprezada, diminuída, se sentindo incompetente. São frequentes na violência psicológica as ameaças de cometer agressões físicas e até mesmo de matar a mulher e/ou seus/suas filhos/as. Também é considerada violência psicológica a restrição da liberdade (cárcere privado). Ele mantém a mulher presa em sua própria casa, restringindo os contatos familiares.
- *Violência sexual:* A violência sexual, além das marcas físicas, também deixa muitas marcas invisíveis, tais como culpa, medo e vergonha. Ela é caracterizada por atos sexuais sem o consentimento da mulher, com ou sem violência física, tais como forçá-la a presenciar, manter ou participar de uma relação sexual não desejada. Induzir a comercializar e/ou utilizar sua sexualidade e anular o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos também são considerados atos de violência sexual. Geralmente, esta forma de violência está intimamente ligada às violências psicológica e física.
- *Violência patrimonial:* Roubar, reter, destruir parcial ou totalmente objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens e/ou recursos econômicos da mulher são considerados atos de violência patrimonial.

¹²¹ LEI nº 11.340, 2006. (sem página)

¹²² Tipo de prova obrigatória aos crimes que deixam vestígios, pois seu laudo constitui prova da materialidade do delito. Sua falta pode acarretar nulidade. JUSBRASIL Tópicos: *Corpo de Delito*. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/291084/corpo-de-delito>>. Acesso em: 19 mai 2011. (sem página).

- *Violência moral*: É entendida como qualquer ato que configure calúnia, difamação ou injúria.

A Lei Maria da Penha conta com mecanismos novos e efetivos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil. Através destes mecanismos, é possível buscar também a promoção de mudanças significativas no que diz respeito à proteção das mulheres em situação de violência doméstica e familiar e à punição dos seus respectivos agressores.¹²³ Suas principais características, além das já citadas acima, são:¹²⁴

- Estabelece que a violência contra as mulheres independe de orientação sexual;
- A pena de detenção poderá ser de três meses à três anos e, caso a violência seja cometida contra mulher com deficiência, esta será aumentada em 1/3;
- Em quarenta e oito horas a autoridade policial pode requerer ao/à juiz/a medidas protetivas de urgência, como suspensão do porte de armas do agressor, afastamento do lar e impedimento de ver os/as filhos/as pelo potencial de agressividade e risco;
- Determina que a mulher somente poderá renunciar à denúncia perante o/à juiz/a;
- Ficam proibidos os pagamentos de multas e cestas básicas (penas pecuniárias);
- É proibida a entrega de intimação ou notificação pela mulher ao agressor. Este ato será realizado pelo/a funcionário/a público/a competente;
- A mulher será notificada dos atos processuais, principalmente quando do ingresso e saída da prisão do agressor;
- Altera o código do processo penal para possibilitar ao/à juiz/a a decretação da prisão preventiva quando houver risco à integridade física ou psicológica da mulher;

¹²³ BLOGUEIRAS Feministas. *Seis anos de Lei Maria da Penha*. Post publicado em: 7 ago 2012. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/08/seis-anos-de-lei-maria-da-penha/>>. Acesso em: 17 nov 2012. (sem página).

¹²⁴ PAZ, 2010. p. 28-29. CORNAGLIA, Graciela Patrícia; SANTOS, Karine dos. *Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Caderno 2. São Leopoldo: CEBI, 2010. p. 26-27.

- Mantém o vínculo trabalhista da mulher por até seis meses, quando necessário o afastamento do local de trabalho;
- Altera a lei de execuções penais para permitir ao/a juiz/a que determine o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação.

Segundo Graciela Patrícia Cornaglia, o fenômeno da violência doméstica contra as mulheres repete um padrão cíclico, denominado de *Ciclo da Violência Doméstica*, o qual é composto por três fases: tensão, agressão e lua-de-mel¹²⁵. Este ciclo pode se tornar vicioso, repetindo-se ao longo de meses ou anos, variando de acordo com as pessoas envolvidas.¹²⁶

1. *Fase da tensão*: Toda a tensão do casal vai aqui acumulando-se. A violência psicológica se faz presente com frequência nesta fase, através de xingamentos, ciúmes excessivos, críticas e humilhações constantes, gritos, ameaças de morte e de abandono, controle econômico etc. A autonomia da mulher passa a ser controlada por seu companheiro. A fase da tensão pode durar de poucos dias a um período de anos. A mulher demonstra medo e grande preocupação em relação ao seu companheiro. Para que as ameaças dele não se tornem reais, ela tenta controlar a situação *agradando-o*, sendo uma *esposa e mãe exemplar*. Os conflitos do casal não são resolvidos adequadamente, produzindo assim um estado de tensão permanente, até desencadear na próxima fase.¹²⁷
2. *Fase da agressão*: Nesta fase acontece a descarga descontrolada de toda a tensão acumulada anteriormente. Aqui são muito frequentes as violências física e psicológica, podendo também serem acompanhadas de violência sexual e patrimonial. É muito comum o companheiro agredir a mulher com socos, pontapés, empurrões, armas ou qualquer objeto que estiver ao seu alcance e, tudo isso, geralmente acompanhado de duras agressões verbais. Esta fase normalmente dura de duas a quarenta e oito

¹²⁵ CORNAGLIA, Graciela Patrícia. *Prevenção à Violência contra as Mulheres*. Caderno 1. São Leopoldo: Con-Texto, 2010. p. 19.

¹²⁶ MARTÍNEZ, Raquel Carmen Riquelme. *Rompendo velhas mortalhas: a violência contra a mulher e sua relação com o Imaginário Androcêntrico de Deus na Igreja Metodista do Chile*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004. p. 73.

¹²⁷ MARTÍNEZ, 2004. p. 74.

horas. Aqui é onde ocorrem os danos físicos mais prejudiciais à mulher, podendo chegar até mesmo ao óbito. Quando não for este o caso, a mulher agredida, geralmente, nega a seriedade da situação, com a finalidade de acalmar o parceiro e findar o mais rapidamente possível esta fase.¹²⁸

3. *Fase da lua-de-mel*: Nesta fase, geralmente, ambos negam ou justificam a situação de violência. Aqui, o comportamento padrão do homem que praticou a violência doméstica é de mostrar-se arrependido, pedindo perdão e prometendo nunca mais voltar a cometer um ato violento, ou apenas fingir que não aconteceu nada, sem ao menos tocar no assunto, mas ficando mais carinhoso, trazendo presentes, fazendo promessas e agrados. Com isso, a mulher agredida geralmente acredita e confia que aqueles atos de violência não voltarão a acontecer e, conseqüentemente, acaba perdendo seu companheiro. A duração da fase da lua-de-mel é curta, pois ao menor dos *deslizes* da mulher, começa, gradativamente, a se instaurar a fase da tensão, voltando assim, ao início do ciclo novamente.¹²⁹

A cada repetição do *Ciclo da Violência Doméstica*, é muito comum que a agressão seja cada vez mais intensa e o intervalo entre as fases menor. Este ciclo pode se repetir indefinidamente ou terminar em tragédia, como em uma lesão grave ou até mesmo o assassinato da mulher agredida: “Enquanto não existir a intervenção eficiente de terceiros que, eventualmente, acompanhem o casal num processo terapêutico, quebrar o ciclo da violência será uma tarefa complexa.”¹³⁰

O número de mulheres que conseguem sair de uma relação abusiva é bastante reduzido e, quando conseguem se libertar, geralmente levam algum tempo, que pode durar até mais de vinte anos, para se desvencilharem dos parceiros agressivos. Segundo a *Organização Mundial de Saúde (OMS)*, apenas 10% das situações de violência sofridas por mulheres são denunciadas.¹³¹ Os

¹²⁸ MARTÍNEZ, 2004. p. 74-75.

¹²⁹ MARTÍNEZ, 2004. p. 75.

¹³⁰ MARTÍNEZ, 2004. p. 75.

¹³¹ DEFENSORIA Pública do Estado de São Paulo. *Lei Maria da Penha: sua vida recomeça quando a violência termina – estímulo à aplicação da Lei nº 11.340/2006*. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa, 2011. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0CFgQFjAH&url>>

motivos para tal são muitos, como por exemplo o medo de que as ameaças de matá-la, queimar a casa, matar os/as filhos/as tornem-se reais; dependência econômica; a existência de filhos/as pode fazer com que a mulher acredite que, independente da situação, o melhor é crescer na convivência do pai; baixa autoestima devido as humilhações constantes provocadas pelo agressor; isolamento social, por sentir que família, amigos/as, vizinhos/as, polícia e serviços sociais não acreditam nela e não a apóiam; pressão da própria família, quando o agressor os convence de que está tudo bem e que se há algo errado a culpa é dela; sofrimento aprendido, ou seja, se a mulher cresceu em um ambiente de violência, pode acreditar que é natural este tipo de situação; por amor, pois mesmo com as agressões, pode acreditar que o parceiro vai mudar; papéis sociais construídos e atribuídos historicamente à mulher, ou seja, ela pode acreditar que é seu dever, acima de tudo, zelar pela família, pelo seu bem-estar e manutenção. Esses, entre muitos outros fatores, podem contribuir para manter a mulher que sofre violência dentro de uma relação afetiva abusiva.¹³²

O Art. 35 da Lei Maria da Penha prevê a criação de núcleos diversificados e específicos de atendimento às mulheres que sofrem/sofreram violência doméstica, seus/suas filhos/as e também para os agressores.¹³³ Por serem específicos, funcionam em uma rede integrada de atendimento, pois um núcleo complementa o outro. As mulheres em situação de violência doméstica, seus/suas filhos/as e os homens com comportamento agressivo podem dispor desta rede, que é composta por:¹³⁴

- *Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM)*: Estabelece políticas públicas para contribuir com a melhoria de vida das brasileiras e reafirma o compromisso do Governo Federal com as mulheres em enfrentar as desigualdades sociais, raciais/étnicas, sexuais e das mulheres deficientes. Compete à SPM assessorar à Presidência da República na formulação, coordenação e articulação de políticas para as mulheres; elaborar e implementar campanhas nacionais educativas e não discriminatórias;

http://www.defensoria.sp.gov.br/repositorio/Cartilha%20Lei%20Maria%20da%20Penha.pdf&ei=DHyIUMi9H-PA0AGnuYHYCA&usq=AFQjCNEPhxgKa0rrEES87Lrs3vZpu4CbNw&sig2=diyKAf_yHPyhPuy-jVIO2w>. Acesso em: 15 nov 2012. p. 7.

¹³² PAZ, 2010. p. 18.

¹³³ LEI nº 11.340, 2006. (sem página)

¹³⁴ PAZ, 2010. p. 32-35.

elaborar o planejamento de gênero que contribua na ação do Governo Federal e das demais esferas de governo; promover a igualdade de gênero; articular, promover e executar programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados à implementação de políticas para as mulheres; promover o acompanhamento da implementação de legislação de ação afirmativa e definição de ações públicas que visem ao cumprimento dos acordos, convenções e planos de ação assinados pelo Brasil, nos aspectos relativos à igualdade entre mulheres e homens e de combate à discriminação, tendo como estrutura básica o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, o Gabinete e três Subsecretarias.¹³⁵

- *Casa Abrigo*: Local que oferece moradia protegida e atendimento integral às mulheres em situação de ameaça de morte iminente. Seu endereço é sigiloso e a permanência das usuárias é temporária, período no qual receberão condições necessárias para retomar suas vidas. O objetivo principal da Casa Abrigo é garantir a integridade física e/ou psicológica de mulheres que sofrem ameaças de morte, assim como de seus/suas filhos/as menores de idade.¹³⁶
- *Centro de Referência da Mulher*: Espaço que oferece atendimento psicológico, social e jurídico, realizando o encaminhamento da mulher agredida aos órgãos competentes. Atendem mulheres que sofrem todos os tipos de violência descritos na Lei Maria da Penha, acolhendo-as e apoiando-as, juntamente com seus familiares.¹³⁷
- *Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)*: É a porta de entrada para a rede de proteção social básica. Trabalha na perspectiva da prevenção e minimização e/ou superação das desigualdades sociais.¹³⁸
- *Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS)*: Disponibiliza serviços especializados e continuados a famílias e pessoas em situação de ameaça ou violação de direitos. Tem como objetivo principal o acesso da família a direitos socioassistenciais por meio da potencialização de recursos e capacidade de proteção.¹³⁹

¹³⁵ PAZ, 2010. p. 32.

¹³⁶ PAZ, 2010. p. 32.

¹³⁷ PAZ, 2010. p. 33.

¹³⁸ PAZ, 2010. p. 33.

¹³⁹ PAZ, 2010. p. 33.

- *Conselhos dos Direitos da Mulher*: Tem como finalidade promover políticas que visem a eliminação da discriminação da mulher assegurando-lhe condições de liberdade e igualdade de direitos assim como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país. Presta assessoria ao Poder Executivo e fiscaliza e exige o cumprimento da legislação que assegura os direitos da mulher. Subdivide-se em *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)*, *Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM)* e *Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (COMDIM)*.¹⁴⁰
- *Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM)*: Investigam, apuram e tipificam os crimes de violência contra as mulheres. As DEAMs vinculam-se aos Sistemas de Segurança Pública Estaduais e sua ação se dá em parceria com a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) do Ministério da Justiça.¹⁴¹
- *Serviços de Saúde*: Oferecem serviços de atendimento a casos de violência sexual e estupro, realizando, também, a distribuição da contracepção de emergência (pílula do dia seguinte), que faz parte do protocolo de atenção, especificamente, em casos de estupro.¹⁴²
- *Centros de Educação e Reabilitação do Agressor*: Espaços de acompanhamento, responsabilização e educação de homens que cometem/cometeram violência, encaminhados pelos Juizados Especiais de Violência Doméstica/Familiar contra a Mulher e demais juizados/varas.¹⁴³
- *Organizações não Governamentais (ONGs)*: Organizações da sociedade civil que, voltadas às abordagens de gênero, violência e outras temáticas relacionadas às mulheres, fazem parte desta rede de atendimento.¹⁴⁴

Apesar de muitos avanços já terem sido feitos no que tange as políticas públicas para as mulheres, ainda há um longo caminho a percorrer. Segundo Patrícia Krieger Grossi, um levantamento realizado em julho de 2012 pela Secretaria da Mulher do Estado do Rio Grande do Sul, apontou que o mesmo

¹⁴⁰ PAZ, 2010. p. 33-34.

¹⁴¹ PAZ, 2010. p. 34.

¹⁴² PAZ, 2010. p. 34.

¹⁴³ PAZ, 2010. p. 34-35.

¹⁴⁴ PAZ, 2010. p. 35.

conta com (apenas) vinte e um Centros de Referência Municipais da Mulher, nove Casas Abrigo, um Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, quinze Delegacias Especializadas da Mulher e vinte e sete Postos de Atendimento à Mulher, cento e dez Coordenadorias Municipais da Mulher e cinquenta e dois Conselhos Municipais de Direitos das Mulheres, além de uma iniciativa de intervenção com homens autores de violência, que está sendo implementada no Juizado de Violência Doméstica contra a Mulher de Porto Alegre.¹⁴⁵ Como sabemos, de acordo com o que as estatísticas revelam, estes números ainda são insuficientes para atender toda a demanda da violência doméstica.

Mas por que há tantos casos de violência contra as mulheres? Em que baseia-se e justifica-se este padrão de comportamento em que a mulher torna-se submissa e passiva e o homem agressivo e dominador? De onde vem esta necessidade masculina de controle sobre os corpos, pensamentos e atitudes femininas? E o que faz com que a sociedade encare isto de uma forma tão naturalizada e despreocupada? As respostas para estas perguntas podem ser muitas, e ainda assim insuficientes. No entanto, há um fator que, em muitos casos, vem contribuindo há séculos para a legitimação da opressão e violência sofrida pelas mulheres: Religião. Discutiremos este ponto a seguir.

2.2 A Igreja e a Violência Doméstica contra as Mulheres

O agressor repousa... pensa-se vitorioso, deixando a vítima no chão e possivelmente no seu ventre a semente da continuação da humanidade. Humanidade estuprada que guardará as sequelas de violência ao longo de sua história e ao longo de gerações sucessivas. Semente violenta em corpo violentado... Raiva da humanidade depositada em corpo de mulher. Depois, raiva do ventre preme de violência. Raiva da criança que não morreu, resignação com o filho ou a filha que venceu a morte, mas que já nasce marcada por um ódio encoberto de cuidado, de tentativas de esquecimento e de mentirosa bondade. Quantos nasceram do estupro, do não desejo, do não amor, da guerra, do acaso e mesmo do ódio?¹⁴⁶

¹⁴⁵ GROSSI, Patrícia Krieger. Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: GROSSI, Patrícia Krieger (org.). *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 94.

¹⁴⁶ GEBARA, Ivone. Quando as mulheres atraem violência. In: GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010. p. 173.

Escolhi começar com este trecho da Ivone Gebara porque acredito ser quase impossível lê-lo e não parar, ao menos por alguns instantes, para refletir. De uma forma quase poética – mórbida, mas poética – ela retrata a realidade de milhares de brasileiras. E continuo com duas perguntas que sabiamente Ivone Gebara faz: “O que temos nós mulheres que atrai tanta violência? O que existe em nós que provoque a vontade de violar, de agredir, de sacrificar, de eliminar?”¹⁴⁷ Será possível responder estes questionamentos tão instigantes? Uma potencial explicação está na religião, com seus mitos, símbolos, construções patriarcais etc. Seguiremos por este caminho.

A religião, primeiramente, está popularmente associada com a paz, com o bem comum da humanidade, com o amor, com a proteção daqueles/as menos favorecidos/as, o que “dificulta a percepção do potencial de violência que subjaz em seu discurso e em sua prática, sobretudo em relação às mulheres.”¹⁴⁸ Os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica contra as mulheres também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo. As famílias com experiências religiosas também podem ser afetadas pela problemática da violência doméstica:

[...] os aconselhadores pastorais precisam reconhecer a realidade de que a família é o grupo mais violento ao qual mulheres e crianças pertencem. Mesmo que haja um desejo de ver a família como um grupo que vive os valores cristãos, onde há conforto, amor e alegria, é necessário reconhecer que a família é um lugar onde não apenas a violência, mas também a tragédia pode ocorrer.¹⁴⁹

Muitas mulheres buscam compreender a relação de violência que sofrem através da religião. Querem entender o porquê de seu sofrimento e de sua permanência na relação violenta. Buscam na religião respostas para a transformação do companheiro, que antes jurou amá-la e respeitá-la, mas que

¹⁴⁷ GEBARA, 2010. p. 171-172.

¹⁴⁸ CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir. Vol./No. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010. p. 5.

¹⁴⁹ BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 125.

agora a agride violenta e sistematicamente.¹⁵⁰ Essa busca de compreensão pode se dar, frequentemente, através da oração, do diálogo com Deus. Muitas vezes, essa busca – ou até mesmo algum aconselhamento religioso – as direcionam para a história da crucificação de Jesus. Cria-se uma espécie de conformação com a situação de violência através do sofrimento de Jesus, pois este é o maior sofrimento existente. Esta afirmação teológica diminui qualquer sofrimento humano:

[...] no centro da tradição cristã, está o filho de Deus, sofrendo e morrendo na cruz [...] Quando esta interpretação teológica e pastoral do sofrimento é combinada com Gênesis 3.16, onde Deus aumenta extremamente a dor de Eva no parto, devido ao seu pecado cometido, uma mensagem dupla, duradoura e complicada é enviada para as mulheres. Primeiro, é bom e é o desejo de Deus sofrer, e, segundo, o sofrimento é a consequência inevitável do pecado pessoal. As mulheres cristãs são chamadas a sofrer tanto quanto Jesus sofreu; como filhas de Eva, as mulheres são eternamente punidas com sofrimento.¹⁵¹

Os valores religiosos atuam com grande força no plano simbólico e subjetivo. “A inferiorização das mulheres veiculada por discursos religiosos é uma forma de violência simbólica, implementada através de representações sociais.”¹⁵² Um exemplo que está configurado e sustentado nos valores religiosos é o modelo tradicional da configuração familiar patriarcal, com relações heterossexuais, chefias masculinas e submissão dos/as filhos/as e da mulher ao pai e marido.¹⁵³ As mulheres estão submetidas a uma violência simbólica tão incrustada na sociedade, que muitas vezes nem percebem o que acontece. Essa violência é tão sutil que pode estar disfarçada com o nome de *liberdade feminina*, mas na verdade, não passa de escravidão. Ou seja, quando as mulheres buscam o mercado de trabalho, ainda é comum que o serviço doméstico e o cuidado com as crianças, idosos/as e demais pessoas dependentes, quando o caso, não sejam compartilhados com seus companheiros, o que faz, conseqüentemente, com que elas tenham jornadas

¹⁵⁰ LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A Casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 19.

¹⁵¹ TATMAN, Lucy *apud* BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 220.

¹⁵² TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e Cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004. p. 175.

¹⁵³ CITELI; NUNES, 2010. p. 6.

duplas, triplas de trabalho. Além disso, no Brasil, as mulheres com a mesma idade e o mesmo nível educacional que os homens, ainda ganham salários inferiores, aproximadamente 30% a menos que eles.¹⁵⁴ E essa violência simbólica, em alguns casos, pode se transformar em violência doméstica. Quando estas mulheres não conseguem cumprir com perfeição todas as suas *obrigações* em função do trabalho fora do lar, são punidas com violência psicológica e física: “O fato de a mulher haver saído para o mundo público do trabalho é a cena do fruto proibido que ela come. Diariamente ela desobedece, e segue os conselhos da serpente. A sutileza do discurso dirá que ela não ficará sem o castigo.”¹⁵⁵

Quando a religião ensina que as mulheres devem ser obedientes, passivas e submissas, acaba contribuindo com a produção e reprodução das diversas formas de violências que as acometem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da Igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência.¹⁵⁶ Algumas passagens bíblicas são extremamente violentas em relação às mulheres. Eis apenas um exemplo:

[...] Então o levita pegou a sua concubina, a pôs para fora e a entregou a eles. E eles a forçaram e abusaram dela a noite toda e só a deixaram de manhã. Ao amanhecer a mulher veio e caiu na frente da casa onde o seu marido estava. E ficou ali até clarear o dia. De manhã o marido se levantou para continuar a viagem. Quando abriu a porta, achou a sua concubina caída em frente da casa, com as mãos na soleira da porta. Aí lhe disse: – Levante-se! Vamos embora! Porém não teve resposta. Então pôs o corpo dela atravessado sobre o jumento e seguiu viagem para casa. Quando chegou lá, entrou, pegou uma faca e cortou o corpo da concubina em doze pedaços. Depois mandou um pedaço para cada uma das doze tribos de Israel.¹⁵⁷

¹⁵⁴ OBSERVATÓRIO Brasil da Igualdade de Gênero. *Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil*. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>>. Acesso em: 21 nov 2012. (sem página)

¹⁵⁵ ROESE, Anete. A subjetividade do discurso patriarcal sobre o lugar da mulher e da natureza: uma leitura ecofeminista. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI*. Coleção Estudos da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2009. p. 182.

¹⁵⁶ STRÖHER, Marga J. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 101.

¹⁵⁷ JUÍZES 19. 24-29. In: *A Bíblia Sagrada*. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988. p. 272.

Ao nos depararmos com discursos religiosos fundamentados em trechos bíblicos como o citado acima, percebemos que a religião pode colaborar para a naturalização e disseminação da violência de gênero, pois é através da religião que as representações sociais se estabelecem e se desenvolvem.¹⁵⁸ A história de violência contra as mulheres dentro da Igreja, como na caça às bruxas, nas discriminações biológicas, nas omissões em relações conjugais violentas, contribuíram para que sociedade e cultura discriminassem as mulheres. “A Igreja é um lugar de formação e influência sobre indivíduos que passam a agir socialmente.”¹⁵⁹

A caça às bruxas foi uma das formas mais cruéis de violência contra as mulheres, e o que é mais agravante, foi perpetrada pela própria Igreja. Segundo Karen Bergesch, a tortura era considerada o meio mais eficaz para conseguir a confissão. Os torturadores procuravam por qualquer sinal de *anormalidade*, o que seria um sinal claro de pacto com o demônio. Por isso, as vítimas eram despidas e depiladas. Se a mulher não confessasse ser bruxa, isso também era considerado uma importante prova de bruxaria, pois “sua suposta inferioridade biológica não permitiria resistência, a menos que recebesse auxílio do mal.”¹⁶⁰ Em 1694, os responsáveis religiosos pelas perseguições, agressões e execuções de milhares de mulheres consideradas bruxas, elaboraram um documento baseado em uma leitura manipulada da Bíblia para justificar tais atos. Entre outras coisas, constava no documento: a) toda maldade é pouca comparada com a da mulher; b) quando (as mulheres) usam bem suas qualidades, são boas, porém quando usam mal são o próprio demônio; c) uma mulher é perversa por sua natureza e é fácil para ela renunciar sua fé, o que é a raiz da bruxaria; d) deve-se dizer que houve um defeito quando se fez a primeira mulher, já que foi feita de uma costela dobrada, ou seja, a do peito, que está feita ao contrário da costela do homem e, deste então, por este defeito, é um animal imperfeito.¹⁶¹

O tema da violência contra as mulheres sempre esteve cercado por mitos. Cora Calabrese e Nidia Fonseca escreveram sobre os mitos considerados

¹⁵⁸ TOMITA, 2004. p. 177.

¹⁵⁹ BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 114.

¹⁶⁰ BERGESCH, 2006. p. 112.

¹⁶¹ CALABRESE et al, 1998. p. 51.

mais comuns popularmente e no meio midiático, inclusive.¹⁶² “O discurso generalizado pelo senso comum e pela mídia passa a noção de que, quando se fala de violência doméstica, fala-se de uma rotina, uma normalidade.”¹⁶³ Destaco aqui brevemente alguns destes mitos, fazendo uma relação com situações reais ocorridas no Brasil:

- *As mulheres podem evitar o estupro*: Será mesmo possível acreditar que tantas mulheres estupradas poderiam ter evitado tal ato considerado tão doloroso e humilhante? Os problemas de saúde acarretados pelo estupro podem ser muitos. Fisicamente, além das agressões aos órgãos genitais, seios e corpo como um todo, pode haver a possibilidade de doenças e até mesmo de uma gravidez indesejada. Psicologicamente, além da preocupação com todas estas questões e o terror de reviver a cada segundo a situação traumática, a mulher pode sentir-se *manchada*, *impura* ou até mesmo *culpada* perante a sociedade, o que a deixa sujeita ao silêncio. Uma das finalidades deste mito é tirar a culpa do estuprador. Sim, isso mesmo. Pois, se a mulher pode evitar o estupro, por que ela não o faz? A responsabilidade pelo crime passa a ser da vítima, e não do criminoso. Mais uma vez nos salta aos olhos o mito de Eva, a mulher má, tentadora do pecado, com armadilhas sexuais aos quais os homens não conseguem resistir.¹⁶⁴ Em junho de 2011, o Bispo de Guarulhos, Luiz Gonzaga Bergonzini, fez uma declaração polêmica. Ao posicionar-se contra o aborto, o Bispo afirmou que as mulheres mentem que foram estupradas. Ele ainda explicou que elas até podem dizer que não querem, mas que acabam cedendo e, demonstrou com a caneta da repórter: “*Eu falava: bota aqui*, pedindo para a repórter encaixar o cilindro da caneta no orifício da tampa. O bispo começou a mexer a mão, evitando o encaixe. *Entendeu, né? Tem casos assim, ah, não queria, mas acabei deixando.*”¹⁶⁵

¹⁶² CALABRESE et al, 1998. p. 155-167.

¹⁶³ ROESE, 2009. p. 187.

¹⁶⁴ CALABRESE et al, 1998. p. 156-158.

¹⁶⁵ PRAGMATISMO Político. *Bispo sugere que mulheres só são estupradas quando querem*. Post publicado em: 20 jun 2011. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/06/absurdo-bispo-sugere-que-mulheres-so.html>>. Acesso em: 23 nov 2012. (sem página)

- *As agressões envolvem pessoas pobres e de baixa escolaridade:* A violência doméstica, como já vimos, não escolhe classe social, escolaridade ou qualquer outro contexto. As autoras dão o exemplo de esposas de líderes religiosos ou as próprias líderes religiosas que sofrem violência. Nestes casos, o *status social* acaba dificultando a situação, pois elas sentem-se na obrigação de manter a imagem da *família perfeita* perante a comunidade, mantendo-se assim em profundo silêncio.¹⁶⁶ Como exemplo de pessoas de classe social alta envolvidas em episódios de violência, temos o caso de Eliza Samudio e do ex-goleiro do Flamengo, Bruno Fernandes: Em maio de 2009, Eliza engravidou de Bruno, na época goleiro do Flamengo. Segundo a acusação, o goleiro queria que ela abortasse. Na época, Eliza acusou Bruno de agredi-la e fazer ameaças. Após o nascimento do filho, Eliza tentava o reconhecimento da paternidade e o pagamento de pensão alimentícia. Segundo o Ministério Público, no dia quatro de junho de 2010, Bruno ordenou o sequestro de Eliza e do filho. No dia dez de junho, seis dias após o sequestro, Eliza e o filho foram levados para a casa de Marcos Aparecido dos Santos, o Bola, onde teria sido agredida antes de morrer. À polícia, um primo de Bruno, menor de idade, que teria participação no sequestro, disse que Eliza tinha sido esquartejada e que viu os cachorros de Bola comerem a mão dela.¹⁶⁷
- *As mulheres denunciam o estupro para justificar suas condutas imorais:* Este mito coloca em dúvida a veracidade da narrativa da mulher que sofreu o estupro, desvalorizando sua conduta moral e questionando qualquer ato que possa ser considerado libidinoso. Mais uma vez, tira a culpa do agressor e à transmite para a vítima.¹⁶⁸ No dia dezesseis de agosto de 2012, duas adolescentes de dezesseis anos acusaram os músicos da Banda *New Hit* de estupro após um show na cidade de Ruy Barbosa, na Bahia. Elas contaram que após o show foram ao ônibus da banda pedir autógrafos e acabaram sendo violentadas no banheiro do veículo. O laudo médico, assinado pela ginecologista Maria Verônica

¹⁶⁶ CALABRESE et al, 1998. p. 159-160.

¹⁶⁷ G1 Globo.com. *Bom Dia Brasil relembra detalhes do caso Eliza Samudio*. Post publicado em: 19 nov 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/11/bom-dia-brasil-relembra-detalhes-do-caso-eliza-samudio.html>>. Acesso em: 23 nov 2012. (sem página)

¹⁶⁸ CALABRESE et al, 1998. p. 161-162.

Simões, confirmou o estupro e, conforme alegou a família de uma das jovens, ela era virgem: "A paciente [...] foi examinada, onde foi comprovado o estupro (vulva apresenta fissura em intróito vaginal, o hímen apresenta ruptura e hematoma no mesmo local)" afirma a ginecologista. Segundo o jornal Massa, as famílias das adolescentes têm recebido ameaças: "Ligam constantemente. Uma mulher falou que viriam de Salvador matar as meninas, que eram responsáveis pela prisão dos bebês dela. Não estou trabalhando e meus filhos não vão para a escola", contou a mãe de uma das jovens.¹⁶⁹ Apesar de todos esses fatos, houve inúmeras manifestações em defesa dos estupradores, culpabilizando as jovens. Na página da banda no Facebook houve várias postagens, tais como a de uma fã, com as iniciais L. C.: "Ninguém dá a *** se não quiser não rapaz. Elas que são s*fadas e querem ganhar fama em cima da New Hit. Elas deram porque quiseram, elas são fãs e foram pro ônibus, é claro que elas deram ousadia pros meninos né?" M. S. compartilha opinião semelhante: "Acredito em vocês, não sou fã, mas sei que uma menininha não ia aguentar a bronca de dez homens né? Vocês são todos bonitos, é fato. Essas p*tinhas querem aparecer em cima de vocês. Força aí!"¹⁷⁰

- *As mulheres provocam os estupros com suas roupas:* Se pensarmos por esta lógica, seria o mesmo que dizer que os homens não têm controle sobre sua própria sexualidade, que são seres irracionais. "Há mulheres que escondem suas formas [...] para dissimular sua sexualidade. Erro gravíssimo! Isto é uma ofensa a Deus que nos criou com amor. Devemos nos orgulhar de nossa sexualidade."¹⁷¹ Em janeiro de 2011 ocorreram diversos casos de estupro na Universidade de Toronto – Canadá. O policial Michael Sanguinetti, em uma palestra de prevenção à violência, fez uma observação para que 'as mulheres evitassem se vestir como vadias (*sluts*), para que não fossem estupradas'. No dia três de abril de

¹⁶⁹ ACORDA Cidade. *Caso New Hit: ginecologista confirma estupro e perda da virgindade*. Post publicado em: 30 ago 2012. Disponível em: <<http://www.acordacidade.com.br/noticias/95366/caso-new-hit-ginecologista-confirma-estupro-e-perda-da-virgindade.html>>. Acesso em: 23 nov 2012. (sem página)

¹⁷⁰ METRO 1. *Entre apoios à New Hit, fã diz que pagodeiros são 'irresistíveis'*. Post publicado em: 28 ago 2012. Disponível em: <<http://www.metro1.com.br/portal/?varSession=noticia&varId=17121>>. Acesso em: 23 nov 2012. (sem página)

¹⁷¹ CALABRESE et al, 1998. p. 163.

2011, em Toronto, aconteceu a primeira *Marcha das Vadias (SlutWalk)*, que contou com cerca de três mil pessoas. A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro são responsáveis por isso devido as suas roupas. Desde então, a Marcha das Vadias espalhou-se pelo mundo inteiro.¹⁷²

- *O amor dos filhos é incondicional e eles são incapazes de maltratar suas mães*: Milhares de casos de filhos que agredem suas mães diariamente desmentem este mito: “Hoje não somente o marido ou o namorado agride a mulher, mas os filhos já são inseridos neste mundo de violência doméstica. O número tem aumentado significativamente”, comentou a delegada da mulher, Maria Haydée Alves Guimarães Aguiar.¹⁷³ Alguns, desde pequenos, aprenderam que as mulheres são como objetos. Aos poucos, foram interiorizando que as mulheres são inferiores aos homens. “Muitas mães vivem como empregadas domésticas de seus filhos/as, recebendo como reconhecimento um presentinho por ano, quase sempre acompanhado de exigência de mais trabalho, maior entrega e responsabilidade. ¹⁷⁴ Muitas mulheres que sofriam violência de seus companheiros, ao separarem-se ou ficarem viúvas, passam a ser controladas por seus filhos, que as privam de desfrutar da liberdade conquistada e até mesmo chegam a agredi-las. Em alguns casos, usando a desculpa de que as amam demais, motivados por ciúmes, as impedem de começar uma nova relação amorosa. Na madrugada do dia treze de agosto de 2012, em Belo Horizonte, Júlio Alves Moreira César, dezenove anos, matou a própria mãe a facadas, Adriana Alves Moreira, quarenta e quatro anos, e depois ateou fogo no corpo da vítima. “Ela foi morta por amar demais o filho, Adriana era apaixonada por esse menino”, contou uma amiga da vítima. Segundo a amiga, o rapaz era usuário de drogas e

¹⁷² UNIVERSIDADE Livre Feminista. *Marcha das Vadias, chega de culpabilização das vítimas!*. Post publicado em: 10 jun 2011. Disponível em: <http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=4689:marcha-das-vadias-chega-de-culpabilizacao-das-vitimas&catid=58:violencia&Itemid=574>. Acesso em: 23 nov 2012. (sem página)

¹⁷³ PORTALCT. *Mães agredidas pelos filhos pedem para que eles não sejam presos, diz delegada*. Post atualizado em: 14 mai 2012. Disponível em: <<http://www.portalct.com.br/estado/2012/05/11/43627-maes-agredidas-pelos-filhos-pedem-para-que-eles-nao-sejam-presos-diz-delegada>>. Acesso em: 24 nov 2012. (sem página)

¹⁷⁴ CALABRESE et al, 1998. p. 166.

teria tentado matar uma das irmãs, por isso, ele saiu de casa e foi morar nas ruas. “A mãe ficou sabendo que ele estava morando na rua igual um mendigo e trouxe o filho de volta pra casa”, concluiu. O acusado contou que brigou com a mãe, depois lhe atingiu com dois golpes de faca no pescoço e arrastou o corpo para a cama onde colocou fogo.¹⁷⁵

As Igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática. “Ignorar as mulheres, não levá-las em conta, não referir-se a elas é uma forma de menosprezá-las e negar-lhes o lugar que lhes corresponde na sociedade e nas Igrejas.”¹⁷⁶ Ao comportarem-se frente a violência contra as mulheres como algo natural e banalizado socialmente, as Igrejas acabam legitimando sua prática no íntimo familiar, reforçando assim a visão de mundo patriarcal na qual o homem pode e deve exercer seu poder e autoridade sobre a mulher e sobre os/as filhos/as.¹⁷⁷

As mulheres foram afirmadas como naturalmente inferiores aos homens por vários teólogos cristãos que, influenciados pela filosofia clássica, argumentavam a partir de bases teológicas uma suposta superioridade masculina, legitimando assim, a dominação sobre as mulheres. Agostinho, por exemplo, em *De Trinitate*, afirmava que a mulher estaria privada de ser a imagem de Deus simplesmente pelo fato de ser mulher. Tomás de Aquino, na *Summa Teologica*, defendia que as mulheres possuíam uma natureza inferior e que, por isso, deveriam sujeitar-se aos homens. Para Lutero, a autoridade do marido representava uma autoridade sagrada, tendo as mulheres que se submeterem sem questionamentos. Calvino, por sua vez, afirmava que as mulheres deveriam permanecer no casamento mesmo havendo violência física, pois o marido possui autoridade sobre a esposa.¹⁷⁸ Até hoje, os argumentos que

¹⁷⁵ MIX Notícias Pedro Leopoldo. *Mata a própria mãe, coloca fogo no corpo e se entrega à Polícia de Capim Branco*. Post publicado em: 14 ago 2012. Disponível em: <<http://pachecodesouza.blogspot.com.br/2012/08/mata-propria-mae-coloca-fogo-no-corpo-e.html>>. Acesso em: 24 nov 2012. (sem página)

¹⁷⁶ CALABRESE et al, 1998. p. 38.

¹⁷⁷ CAVALCANTE, Arthur; SOARES, Ilcéia A.; Violência de gênero contra mulheres e meninas: desafio e compromisso das igrejas. In: OROZCO, Yury Puella (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 54.

¹⁷⁸ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 53-57.

a Igreja Católica usa para negar às mulheres o direito à ordenação dizem respeito à natureza supostamente inferior das mulheres em relação aos homens e também baseiam-se em Efésios 5.23 – o homem é a cabeça da esposa/casa, assim como Cristo é a cabeça da Igreja.¹⁷⁹

O conjunto das representações sociais que se constituíram no decorrer da história sobre a subordinação e a inferioridade das mulheres, marca a sua autopercepção e a percepção dos outros sobre elas. São essas representações sociais que trazem significados que têm provocado nas mulheres a permissão resignada da violência, e o discurso religioso tem participação no processo de produção e reprodução dessas representações.¹⁸⁰

Segundo Mary Hunt, o primeiro trabalho de investigação da relação entre religião e violência contra as mulheres foi o da Reverenda Dr.^a Marie Fortune Marshall, em 1977, nos Estados Unidos. Com o intuito de informar, consultar e fornecer materiais educativos a respeito da violência doméstica, Marie Marshall criou o *Centro para a Prevenção de Violência Sexual e Doméstica*, hoje conhecido por *Faith Trust Institute*.¹⁸¹ Estudantes feministas da religião e Marie Marshall indagaram a origem teológica das violências sofridas pelas mulheres. Pesquisaram, entre tantos temas, a linguagem e o imaginário exclusivamente masculino e sua possível relação com a violência, por exemplo. No entanto, o que surpreendeu Marie Marshall e seus/suas colegas, foi descobrir que também haviam sacerdotes e outras autoridades religiosas envolvidas em comportamento violento:

Pastores, rabinos e padres envolvidos em atividade sexual com seus paroquianos, os imãs que aconselham mulheres a ter matrimônios abusivos [...] mostram que a violência não é simplesmente algo que as religiões condenam, mas algo em que seus próprios líderes estão envolvidos. Mais ainda, a violência cometida por líderes religiosos tem o elemento extra de violar não só as dimensões físicas e psicológicas, mas também a dimensão espiritual da pessoa.¹⁸²

Em 1983, o *Faith Trust Institute* reformulou seus programas de ação, os quais estão válidos até os dias atuais. Estes programas são quatro: 1) ética para os clérigos: formação e materiais educativos, com o fim de prevenir os casos de

¹⁷⁹ BERGESCH, 2006. p. 116.

¹⁸⁰ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 59.

¹⁸¹ HUNT, Mary E. Religião e Violência contra as Mulheres: Diferentes causas, Compromisso comum. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2009. p. 8.

¹⁸² HUNT, 2009. p. 9.

abuso sexual e instruir sobre os temas de limites; 2) Segurança e Saúde na Congregação: apoiar clérigos e líderes laicos na criação e manutenção de congregações seguras e saudáveis, enfatizando a prevenção do abuso sexual juvenil; 3) Famílias Sãs: material didático impresso e audiovisual sobre abuso juvenil, violência doméstica e relações na adolescência, educando os/as líderes religiosos/as para envolver as comunidades como parte de uma ação comunitária global contra a violência doméstica; 4) Tráfico de Seres Humanos e Exploração Sexual: materiais educativos para clérigos e líderes laicos.¹⁸³

A Igreja geralmente passa a ser o refúgio, o local onde a mulher que sofre violência busca auxílio e acolhida. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que este é um espaço permitido a ela pelo homem que a agride. Outro fator relevante é que este espaço religioso e seus/suas líderes são considerados/as sagrados/as, livres de sentimentos profanos. No entanto, não podemos esquecer que as instituições religiosas e seus/suas representantes estão inseridos/as no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem, na maioria das vezes, para a manutenção desta organização social. Um exemplo que deixa isto claro é que os pecados dos homens são sempre diminuídos e até mesmo justificados, enquanto as mulheres são a causa deste pecado. Quando uma mulher é estuprada, é muito comum presenciarmos atitudes que a coloca no papel de culpada pelo estupro. Se o estupro foi cometido porque a mulher se insinuou, provocou, permitiu e pediu para ser violentada. Esta culpabilização da mulher também está presente dentro das instituições religiosas:

[...] a reprodução é um dom divino, e a sexualidade constitui um meio para alcançar o fim divino da reprodução. Esta concepção religiosa justifica a desapropriação do corpo das mulheres e abre espaço para a violência contra elas quando querem exercer seus direitos de autonomia e liberdade [...] Existe uma visão tradicional que torna as mulheres e seus corpos culpados da violência que sofrem, embora, na verdade, a violência se encontre enraizada na sociedade, que se pauta por um sistema por si mesmo violento na medida em que a engendra, mas que atribui ao corpo da mulher a violência que ela própria, a sociedade, produz, e na qual aparecem, como importante componente, as instituições religiosas.¹⁸⁴

¹⁸³ HUNT, 2009. p. 13.

¹⁸⁴ OROZCO, Yury Puello. Violência, religião e direitos humanos. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009. p. 138.

Assim, quando uma mulher busca auxílio na religião, sente seu sofrimento diminuído, banalizado e naturalizado, passando a entender que o sofrer faz parte do ser mulher: “As religiões patriarcais tendem a legitimar a subserviência das mulheres associando-as ao mal, ao desviante, à desordem e à fraqueza moral, deixando-as à mercê de punições apregoadas como *naturais*”.¹⁸⁵ Diante disso, passam a assumir a culpa pela violência que sofrem. Procuram recordar momentos de suas vidas ou de seus relacionamentos onde *fizeram algo errado, pelo qual estão sendo castigadas. Para evitar mais castigos, procuram se esforçar para serem esposas exemplares (aos olhos de quem?). Mas, afinal, o que é ser uma esposa exemplar? É cuidar dos afazeres domésticos, dos/as filhos/as, do marido, sem ter anseios próprios e autonomia e ainda estar disponível para satisfazer o outro sexualmente, mesmo sem prazer, sem desejo? Ou uma esposa exemplar seria aquela que busca uma relação de respeito e dignidade mútua? Seria aquela mulher que não finge prazer apenas para alimentar o ego masculino e, ainda, espera que este realmente a satisfaça, que haja uma troca mútua de entrega? Qual destas mulheres a maioria dos/as líderes religiosos/as acredita ser a esposa exemplar? Devaneios à parte, seguimos adiante.*

A teologia tradicional, apesar de considerar abranger o ser humano como um todo, deixa as mulheres à margem, pois não trata, pelo menos não o suficiente, de questões fundamentais que atravessam suas vidas, tais como a violência doméstica e sexual. “A mulher é desrespeitada, pois a teologia tradicional não considera o sofrimento feminino em sua reflexão. Pelo contrário, a mulher recebe a culpa sobre si por ter introduzido o pecado no mundo.”¹⁸⁶ Para esta teologia, há apenas duas opções para as mulheres: ser Eva, a pecadora, ou ser Maria, a santa.

A vida e a posição social das mulheres hoje não é a mesma que em dez anos atrás e, muito menos, que em séculos. No entanto, o discurso religioso nunca acompanhou esta mudança dos paradigmas femininos. “Há uma mistificação religiosa e cultural da mulher, do feminino, um culto ao materno, ao feminino virginal, sagrado, divinizado.”¹⁸⁷ Em relação à família, o discurso

¹⁸⁵ CITELI; NUNES, 2010. p. 6.

¹⁸⁶ BERGESCH, 2006. p. 119.

¹⁸⁷ ROESE, 2009. p. 189.

religioso defende que esta é sagrada, intocável e, conseqüentemente, não é possível questionar estrutura, hierarquia e até mesmo relações violentas. Assim cria-se a cultura de *não meter a colher*. A violência torna-se estrutural e institucionalizada, sendo sustentada por uma moral conservadora.¹⁸⁸

A realidade em relação a muitas mulheres na sociedade e a forma como a família se organiza mudaram. As mulheres hoje, em um número crescente, trabalham fora de casa, são profissionais qualificadas e competentes, moram sozinhas e, muitas, sustentam suas próprias famílias. O discurso da Igreja hoje não está adequado para a realidade cotidiana destas mulheres, sejam elas independentes ou estejam elas em um relacionamento abusivo [...] O tema da violência contra a mulher pode ser tratado em prédicas ou como tema nos vários grupos da comunidade.¹⁸⁹

Muitas vezes, as mulheres que sofrem violência pedem à Deus para livrá-las deste calvário, porque crêem em seu poder. No entanto, não acreditam em si próprias. Buscam na religião apoio não apenas para o casamento, mas para a separação também, quando o ciclo da violência torna-se insuportável. “Uma legitimação religiosa para a não permanência em situações de violência.”¹⁹⁰ Deus nos dá a possibilidade de alcançar os meios para superar a violência. “Temos o poder interior para vencer toda enfermidade (conforme Romanos 5. 10-17).”¹⁹¹ À essas mulheres, apenas falta o reconhecimento de que têm capacidade para tal. Deus nos cuida com amor e nos estimula a fazer uso deste poder interior, nos abrindo portas para entendermos quem somos e o quanto somos importantes no mundo: “Posso enfrentar qualquer coisa com a força que Cristo me dá.”¹⁹² No entanto, é fundamental entender que crer somente em Deus não é o suficiente. É preciso confiar que Deus também crê em nós. As mulheres que passam por situações de violência, geralmente, têm uma autoestima tão prejudicada que demoram a perceber sua própria força. Aos poucos, podem recuperar a dignidade humana que lhes foi roubada, descobrindo-se como mulheres criadas por Deus para a felicidade, a solidariedade e a vida plena. E então, estarão livres para cultivarem, antes de mais nada, o amor próprio. “A mulher que se ama anda sempre com a cabeça

¹⁸⁸ ROESE, 2009. p. 190-191.

¹⁸⁹ BERGESCH, 2006. p. 128.

¹⁹⁰ LEMOS; SOUZA, 2009. p. 19.

¹⁹¹ CALABRESE et al, 1998. p. 190.

¹⁹² FILIPENSES 4. 13. *A Bíblia Sagrada*, 1988. p. 254.

erguida, o olhar seguro, e a cada dia cresce sua confiança em si mesma e em seu poder como filha de Deus.”¹⁹³

2.3 A Musicoterapia e a Violência Doméstica

A música revela formas de comportamentos humanos. Através de cada canção podemos visualizar cenários, contextos histórico-sociais e a forma do ser humano se relacionar intra e interpessoalmente. Através dos versos e prosas encontrados no repertório das canções populares brasileiras identificamos a mulher retratada de muitas formas. Ressalta-se aqui o grande número de canções que banalizam e fazem da violência contra a mulher uma forma aceitável de agir, construindo assim, uma imagem estereotipada do feminino. Denunciam um cenário de desvalorização, preconceito e violência de gênero.¹⁹⁴ No ano de 1932, o músico e compositor Noel Rosa, através da canção *Mulher Indigesta*, deixa claro para toda a sociedade que as mulheres não devem ter opinião e muito menos manifestar suas ideias. O que Noel Rosa retrata com esta canção é que, se as mulheres não querem apanhar, devem ficar caladas. Eis um trecho: “Mas que mulher indigesta! / Merece um tijolo na testa! / E quando se manifesta / O que merece é entrar no açoite.”¹⁹⁵

Reforça-se assim um padrão comportamental de silêncio em torno do sofrimento de inúmeras mulheres que são acometidas pela violência. Muitas gerações cresceram ouvindo, cantando e reproduzindo no seu cotidiano canções como esta. Passados mais de 60 anos, ainda é possível encontrar a violência contra as mulheres estampada nas canções brasileiras de uma forma corriqueira, naturalizada e até banalizada, como na canção *Tapa na cara* (2006), da banda norte rio-grandense Saia Rodada: “Olha que ela é safada mas gosta de apanhar / E diz que é gostoso na hora de amar / Apanha pra dormir, apanha pra acordar / Apanha todo dia, toda hora sem parar.”¹⁹⁶ Outro exemplo é a canção *Faixa Amarela* (1997), de Zeca Pagodinho:

¹⁹³ CALABRESE et al, 1998. p. 193.

¹⁹⁴ KROB, 2010. p. 8-9.

¹⁹⁵ NOEL Rosa. *Mulher Indigesta*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/noel-rosa/mulher-indigesta.html>>. Acesso em: 07 dez 2012. (sem página)

¹⁹⁶ SAIA Rodada. *Tapa na cara*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em:

Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela / Vou lhe dar uma banda de frente / Quebrar cinco dentes e quatro costelas / Vou pegar a tal faixa amarela / Gravada com o nome dela / E mandar incendiar / Na entrada da favela / Vou comprar uma cana bem forte / Para esquentar sua goela / E fazer um tira-gosto / Com galinha à cabidela / Sem falar na tal faixa amarela / Bordada com o nome dela / Que eu vou mandar pendurar / Na entrada da favela.¹⁹⁷

Uma variedade de canções surgem como espaços musicais para que homens e mulheres anunciem a sua forma de pensar sobre o comportamento feminino e de se relacionar entre si. “A música provoca e promove a autoexpressão [...] em todas as sociedades, uma das funções da música tem sido a representação simbólica das ideias e comportamentos, utilizando sua melodia e harmonia.¹⁹⁸ Cria-se uma imagem da mulher como se esta fosse incapaz, desprovida de inteligência, vulnerável e frágil. Cantando, transmite-se e sublinha-se a ideia de que ela *pede* e *gosta* de ser subjugada.¹⁹⁹ A mulher passa a ser *culpada* por seus atos e escolhas. O homem apenas atende seus desejos, dando-lhe o que esta *pediu* e *mereceu*, como retrata a canção *Morocho* (1984), de Telmo de Lima Freitas: “Não te boleia, que o cabresto é forte / O palanque é grosso, senta e te arrepende / Sou carinhoso, mas incompreendido / Isso é para o teu bem, vê se tu me entendes.”²⁰⁰

Ao cantar, acolhemos esse tipo de comportamento expresso nas nossas canções. No ano de 1976, João Bosco e Aldir Blanc compuseram a canção *Gol Anulado*, que conta a história de um casal onde o homem pensava que a sua companheira era Vascaína, assim como ele. No entanto, quando ela vibra com o gol do Flamengo, ele a agride violentamente:

Quando você gritou Mengo no segundo gol do Zico / Tirei sem pensar o cinto e bati até cansar / Três anos vivendo juntos e eu sempre disse contente: / Minha preta é uma rainha porque não teme o batente / Se garante na cozinha e ainda é Vasco doente / Daquele gol até hoje o meu rádio está desligado / Como se irradiasse o silêncio do amor

<<http://www.vagalume.com.br/saia-rodada/tapa-na-cara.html>>. Acesso em: 28 nov 2012. (sem página).

¹⁹⁷ ZECA Pagodinho. Faixa Amarela. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-pagodinho/faixa-amarela.html>>. Acesso em: 09 dez 2012. (sem página)

¹⁹⁸ BLASCO, Serafina Poch. *Compêndio de Musicoterapia*. vol. I. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002. p. 76.

¹⁹⁹ KROB, 2010, p. 10.

²⁰⁰ TELMO de Lima Freitas. *Morocho*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/tche-garotos/morocho.html>>. Acesso em: 28 nov 2012. (sem página)

terminado / Eu aprendi que a alegria de quem está apaixonado / É como a falsa euforia de um gol anulado.²⁰¹

Mais do que anunciar desafetos entre casais, amores impossíveis, traições etc, o mercado da música contribui para a disseminação da violência doméstica contra a mulher ao proporcionar ao público acesso a tais canções. “A música pode ser considerada como uma matriz dinâmica que se desenrola no tempo, por meio do qual podemos experimentar emoções intensificadas e uma alternância de nossos estados de consciência.”²⁰² Saindo do contexto da música brasileira, podemos encontrar o machismo escancarado até mesmo em algumas músicas de uma das bandas mais famosas mundialmente de todos os tempos: The Beatles. A canção *Run For Your Life*, composta por Paul McCartney e John Lennon no ano de 1965, retrata o que acontece até nos dias atuais com milhares de mulheres: são assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros por ciúmes. Um dado curioso é que John Lennon dizia não gostar desta canção.²⁰³

Bem, eu preferia te ver morta garotinha / Do que com outro homem / É melhor você manter a consciência garotinha / Ou não vou saber onde estou / É melhor você correr pela sua vida se puder garotinha / Esconda sua cabeça na areia garotinha / Te pegar com outro homem / É o fim garotinha / Bem, você sabe que eu sou um cara mau / E que eu nasci com uma mente ciumenta / E eu não posso desperdiçar minha vida / Tentando fazer você ficar na linha²⁰⁴

O repertório musical infantil, até então composto de canções folclóricas e pedagógicas, incorporou textos erotizados que passaram a ser cantados e coreografados por crianças até em escolas, como a canção *Na boquinha da garrafa* (1995), da banda Cia do Pagode: “Vai ralando na boquinha da garrafa / É na boca da garrafa / Vai descendo na boquinha da garrafa / É na boca da garrafa / Desce mais, desce mais um pouquinho / desce mais, desce devagarzinho.”²⁰⁵

²⁰¹ JOÃO Bosco. Gol Anulado. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/joao-bosco/gol-anulado.html>>. Acesso em: 09 dez 2012. (sem página)

²⁰² MCCLELLAN, R. *apud* LEÃO, Eliseth Ribeiro; SILVA, Maria Júlia Paes da. Sobre o cuidar ampliado. In: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). *Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. p. 18.

²⁰³ BLOGUEIRAS Feministas. *Beatles e o machismo*. Post publicado em: 17 nov 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/11/musicas-beatles/>>. Acesso em: 10 dez 2012. (sem página)

²⁰⁴ THE Beatles. Run For Your Life. In: *Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/the-beatles/273/traducao.html>>. Acesso em: 10 dez 2012. (sem página)

²⁰⁵ CIA do Pagode. Na boquinha da garrafa. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/cia-do-pagode/na-boquinha-da-garrafa.html>>. Acesso em: 28 nov 2012. (sem página)

Sem critérios, todas as gerações – da criança ao/a idoso/a – cantam canções com este cunho. A melodia e o ritmo podem mascarar a mensagem do texto de tal forma que as pessoas não percebam e muito menos questionem o que realmente estão cantando. Se cantam, incorporam ideias e as aceitam. Se aceitam, permitem que elas se estabeleçam.²⁰⁶ O uso da música como meio de expressão e comunicação “é um dado a mais a se considerar na reflexão da inércia do ser humano, não só na presença da poluição sonora, mas em situações de subjugação e violência que se valem do poder do som.”²⁰⁷

No entanto, a música também pode ser usada para expressar a vontade que as mulheres têm de se libertar destes estereótipos femininos. Para Serafina Poch Blasco, a música “provoca e expressa estados emocionais independentemente do individualismo. Uma emoção pessoal expressa musicalmente deixa de ser pessoal para tornar-se universal, já que quem a escuta pode se ver refletido em emoções semelhantes.”²⁰⁸ Através da música, as mulheres se empoderam para compartilhar com as outras pessoas o que pensam a respeito de suas condições enquanto mulheres na sociedade. No ano de 2000, Rita Lee e Zélia Duncan compuseram a canção *Pagu*, inspirada na ativista feminista brasileira do início do século XX, Patrícia Rehder Galvão. Eis um trecho: “Minha força não é bruta, não sou freira nem sou puta / Porque nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda / Meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem.”²⁰⁹ Outro exemplo de expressão musical feminina contra a opressão e subjugação das mulheres é a canção *Terrorismo machista*, da banda Lolittas (2008):

A noite é escura / Não podemos sair na rua / Com tanta violência /
 Você nunca está segura / Não pode sair livremente / O estupro está
 presente / Nesse mundo evoluído / Somos cegos iludidos / Terrorismo
 machista / Não somos estupráveis / Terrorismo machista / Não somos
 controláveis / Não sou objeto / Pra você usurpar / Eu quero liberdade /

²⁰⁶ KROB, 2010. p. 11.

²⁰⁷ FORSTER, Susan Christina. Música: tortura e maus-tratos. In: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). *Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. p. 268.

²⁰⁸ BLASCO, 2002. p. 77.

²⁰⁹ RITA Lee. *Pagu*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/rita-lee/pagu.html>>. Acesso em: 11 dez 2012. (sem página)

E calada não vou ficar / Este mundo está doente / Muito ato
inconsequente / E quem paga é você.²¹⁰

Todavia, não são apenas as mulheres que fazem uso da música para protestar sobre a violência de gênero e a condição da subordinação feminina na cultura e sociedade. “A música educa a sensibilidade das pessoas e modifica de alguma forma seu comportamento social.”²¹¹ Alguns homens também cantam essa causa, como na canção *Fiz uma Canção Pra Ela* (2011), composta por Fernando Anitelli e Galldino: “Fiz uma canção pra ela / Na mais bela tradução / De igualdade e autonomia / Ao teu corpo e coração.”²¹² Outro exemplo é a canção *Violência machista* (2001), da banda espanhola SKA-P:

Toda a vida aguentando / Um casamento doente / Sua boca cheira a
gim / E seu corpo fede / Os dias seguem / Iludindo a realidade / O
medo brilha em meus olhos / Hoje volta a me bater / Mulher, não vale a
pena! / Sua passividade / Mulher, não vale a pena! / Você deve agir /
Mulher, não vale a pena! / Arma-te!²¹³

Em todos os momentos importantes da sociedade a música esteve presente, servindo como modo de expressão e comunicação de sentimentos associados a momentos transcendentais festivos, guerreiros, de luto, rituais, culturais etc. “Em todas as culturas, a música é uma representação simbólica de coisas, ideias e comportamentos.”²¹⁴ Onde quer que haja um ser humano em contato com outro ser humano, a música está presente: em lojas, bares, restaurantes, estações de metrô, salas de espera, cinema, televisão, campanha política, publicidade etc. Nos momentos de lazer, as pessoas utilizam a música para a distração e também gostam de ouvir música até mesmo durante o trabalho.²¹⁵

²¹⁰ LOLITTAS. Terrorismo Machista. In: *Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://www.letrasdemusicas.tv/1355312/letra-terrorismo-machista-lolittas/>>. Acesso em: 04 dez 2012. (sem página)

²¹¹ BLASCO, Serafina Poch. *Compendio de Musicoterapia*. vol. II. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002. p. 597.

²¹² O TEATRO Mágico. *Fiz Uma Canção Pra Ela*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/fiz-uma-cancao-pra-ela.html>>. Acesso em: 11 dez 2012. (sem página)

²¹³ SKA-P. *Violência machista*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ska-p/violencia-machista.html>>. Acesso em: 04 dez 2012. (sem página)

²¹⁴ BLASCO, 2002. p. 537.

²¹⁵ HUGUET, Vicente Sanjosé; VERCHER, Francisco Blasco. *Música y Afectividad: La música como medio de exploración de las emociones humanas*. In: TORO, Mariano Betés de (org.). *Fundamentos de musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000. p. 149.

A dimensão social humana está contemplada no contexto histórico e geográfico no qual a música se origina, que possibilita ao indivíduo se reconhecer dentro de determinada cultura com suas peculiaridades, da mesma forma que ajuda a ancorar as suas lembranças e o sentimento de 'pertencimento' de um povo, uma região, da história pessoal ou social em um determinado período.”²¹⁶

Um dos padrões de comunicação da música em Musicoterapia é a sua definição como linguagem não-verbal. “Ela é considerada como uma espécie de linguagem emocional, capaz de atingir áreas da psique que processam informação e que, por vários motivos, não comunicamos com clareza a nós mesmos.”²¹⁷ Partindo da análise psicológica, é possível perceber as particularidades da música como uma catarse de emoções não expressadas verbalmente e como uma influência que pode produzir mudanças na personalidade. Por ser o próprio sujeito quem interpreta e conduz a música, este pode repetir quantas vezes desejar determinado trecho que mais o afeta, vindo à tona sentimentos com maior facilidade e, conseqüentemente, os mecanismos de defesa tornam-se menos controlados.²¹⁸ “Visto que os sentimentos são expressos com maior coerência sob a forma musical do que sob a forma da linguagem, a música pode revelar a natureza das emoções com mais detalhes e verdade do que através da linguagem.”²¹⁹

“A Musicoterapia pode reconstruir padrões corporais, mentais e emocionais a partir da aplicação da linguagem musical associada a recursos instrumentais com objetivos terapêuticos.”²²⁰ Kenneth E. Bruscia, no livro *Definindo Musicoterapia*, cita tipos de mudança considerados de origem terapêutica que a Musicoterapia pode proporcionar. Entre eles estão: *reconstrutivo* – as mudanças na terapia ajudam o/a paciente a desconstruir e depois a reconstruir partes do eu ou da vida para recuperar uma condição de saúde anterior; *apoio* – as mudanças na terapia dão ao/à paciente um sistema de apoio necessário para lutar contra ou conviver com uma condição de saúde; e

²¹⁶ LEÃO, Eliseth Ribeiro. Por uma compreensão e inserção da música no cuidar. In: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). *Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009. p. 350.

²¹⁷ RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. Tradução de Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990. p. 87.

²¹⁸ HUGUET; VERCHER, 2000. p. 151.

²¹⁹ LANGER, Susan *apud* BLASCO, Serafina Poch. *Compendio de Musicoterapia*. vol. I. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002. p. 81.

²²⁰ CAMEJO, Josiani Irigoyen. *Forte e Feminina: A Musicoterapia como Articuladora de Mudanças à Mulher em Situação de Violência*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Musicoterapia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010. p. 5.

reabilitação – as mudanças na terapia ajudam o/a paciente a readquirir ou compensar capacidades que foram perdidas.²²¹ A música também pode ser considerada um caminho eficaz para estabelecer a empatia²²² no ambiente terapêutico:

No fazer musical, musicoterapeuta e paciente compartilham a mesma melodia, o mesmo ritmo, o mesmo centro tonal e o mesmo texto da canção. Isso faz com que o/a paciente obtenha como retorno de sua ação, um simulacro sonoro da experiência vivida, recebendo na mesma intensidade e proporção aquilo que está produzindo.²²³

No ano de 2010, para a conclusão do curso de Bacharelado em Musicoterapia, realizei a pesquisa intitulada *Comigo não violão!: Musicoterapia com Mulheres em Situação de Violência Doméstica*.²²⁴ Em termos de Brasil, trata-se de uma pesquisa pioneira, pois até a sua conclusão não foram encontrados outros escritos sobre Musicoterapia aplicada com mulheres em situação de violência doméstica em nosso país. Seu objetivo geral foi investigar a aplicabilidade da Musicoterapia no tratamento dos danos emocionais decorrentes da violência doméstica – depressão, estados de ansiedade, estresse, baixa autoestima e isolamento social – e na reabilitação emocional dessas mulheres, proporcionando assim uma melhora na condição de saúde e na qualidade de suas vidas. A pesquisa, de ordem qualitativa, contou com dezesseis atendimentos grupais de Musicoterapia, com a periodicidade semanal e a duração de quarenta e cinco minutos. As participantes foram seis mulheres em situação de violência doméstica, consideradas capazes, com idades entre vinte e cinco e cinqüenta e três anos. Como instrumentos de avaliação foram usadas as análises da gravação de áudio das sessões de Musicoterapia e dois questionários.

Os sintomas de depressão, de estados de ansiedade, de estresse e de baixa autoestima sofreram uma queda significativa. Como afirma Carlos Daniel Fregtman, “recuperar os nossos sons é recuperar os nossos corpos.”²²⁵ Além dos instrumentos de avaliação que apontam este progresso, foi possível

²²¹ BRUSCIA, 2000. p. 163.

²²² Empatia é a capacidade de compreender ou de se identificar com o que outra pessoa está vivendo.

²²³ KROB, 2010. p. 15.

²²⁴ KROB, 2010.

²²⁵ FREGTMAN, Carlos Daniel. *Corpo, Música e Terapia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 26.

percebê-lo também no comportamento das participantes: “Já apresentam uma nova postura corporal – andam de cabeça erguida, olham nos olhos [...] descobriram o potencial que cada uma tem para mudar sua situação e buscar uma vida digna e saudável.”²²⁶ Esta evolução também pôde ser constatada musicalmente através do canto:

Nas primeiras sessões, as participantes apresentaram um cantar tímido, com intensidade fraca e geralmente abaixo do tom sugerido pelas musicoterapeutas. Elas não apresentavam autonomia no canto, ou seja, só cantavam se pelo menos uma das musicoterapeutas cantasse junto. Entretanto, no decorrer dos encontros, este cantar passou a ser melhor projetado, numa intensidade mais adequada, o tom começava a acompanhar o proposto pelas musicoterapeutas e já havia momentos de autonomia vocal.²²⁷

Um semestre após a minha pesquisa, a colega Josiani Irigoyen Camejo realizou a pesquisa intitulada *Forte e Feminina: A Musicoterapia como Articuladora de Mudanças à Mulher em Situação de Violência*.²²⁸ Seu objetivo era investigar se a Musicoterapia poderia auxiliar na criação de novos padrões de comportamento, ressignificar memórias, percepções, auxiliar no resgate da identidade pessoal e da autoestima, promovendo assim uma vida mais saudável e sustentável às mulheres que sofreram violência doméstica. A pesquisa, de ordem qualitativa, contou com cinco participantes. Como método de avaliação dos atendimentos musicoterápicos realizados em dez sessões, foram consideradas a observação clínica, análise dos relatórios descritivos, dois questionários com autoavaliação e avaliação em grupo e oral sobre o impacto das sessões de Musicoterapia na vida pessoal e social. Os resultados encontrados na pesquisa de Camejo indicam que a Musicoterapia pode ser utilizada para a criação, significação e impulsão de mudanças em mulheres que sofreram violência:

[...] a musicoterapia propiciou enxergarem-se como ‘sujeito’ ativo, com individualidade, reconhecendo sua identidade pessoal, autonomia e interdependência. Articulou-as, também a outras possibilidades, ampliando a compreensão dos sintomas, promovendo uma experiência de re-conexão com o mundo e permitindo uma vida mais saudável.²²⁹

²²⁶ KROB, 2010. p. 15.

²²⁷ KROB, 2010. p. 17.

²²⁸ CAMEJO, 2010.

²²⁹ CAMEJO, 2010. p. 18.

Nos Estados Unidos, no entanto, as pesquisas e os trabalhos relacionados à temática da Musicoterapia com mulheres em situação de violência de gênero encontram-se bem mais desenvolvidas que no Brasil. Em 2006, foi publicado um livro específico sobre o tema, intitulado *Feminist Perspectives in Music Therapy*.²³⁰ A musicoterapeuta Elizabeth York faz uma breve análise da causa do desinteresse de grande parte dos/as musicoterapeutas sobre temas relacionados às mulheres. A análise de Elizabeth York é dentro de um contexto norte-americano, mas creio que enquadra-se no contexto brasileiro. Segundo ela,

As questões das mulheres raramente têm sido abordadas na literatura da musicoterapia [...] talvez porque os/as musicoterapeutas têm sido relutantes em reconhecer a realidade da violência doméstica e entrar nessa área de prática clínica e pesquisa, visto que os currículos de graduação têm sido academicamente insuficientes, tanto em conteúdo do curso quanto em oportunidades de estágio sobre o tema.²³¹ (tradução nossa)

Em 1992, Judith Worell e Pamela Remer já haviam criado cinco metas feministas para se trabalhar em terapia, que são: 1) ajudar as pacientes a confiar em sua própria experiência e sua intuição; 2) estimular o reconhecimento dos valores femininos; 3) auxiliar as mulheres a cuidarem de si próprias; 4) ajudar as mulheres a aceitarem e gostarem de seus próprios corpos, e 5) ajudar as mulheres a definirem-se e agirem de acordo com suas próprias necessidades e vontades sexuais.²³² A pesquisa de Elizabeth York (2002 à 2003) foi de ordem qualitativa e financiada pela Associação Americana de Mulheres Universitárias. Ela contou com quarenta mulheres em situação de violência doméstica como participantes. O objetivo principal da pesquisa foi investigar a eficácia de uma abordagem feminista em Musicoterapia e intervenções de artes criativas sobre a

²³⁰ HADLEY, Susan (org.). *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006.

²³¹ YORK, Elizabeth. Finding Voice: Feminist Music Therapy And Research With Women Survivors of Domestic Violence. In: HADLEY, Susan (org.). *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006. p. 306-307. *Women's issues have rarely been addressed in the music therapy literature [...] Perhaps music therapists have been reluctant to acknowledge the reality of domestic abuse and enter into this area of clinical practice and research. Perhaps, given the burgeoning undergraduate curriculum, they have been academically unprepared both in course content and in practicum opportunities.*

²³² REMER, Pamela; WORELL, Judith *apud* YORK, Elizabeth. Finding Voice: Feminist Music Therapy And Research With Women Survivors of Domestic Violence. In: HADLEY, Susan (org.). *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006. p. 308.

autoestima e o empoderamento das mulheres sobreviventes da violência doméstica.²³³ Como resultados, Elizabeth York descreve diversas situações:

Estavam fazendo mudanças em aspectos de suas vidas dentro e fora do grupo. Várias mulheres faziam planos de voltar à faculdade, aplicadas para bolsas de estudo, e foram aceitas na universidade local. Outras conseguiram emprego remunerado. Uma mulher deixou sua dependência de medicamentos anti-ansiedade. Outras redescobriram habilidades musicais e criativas que lhes tinham sido 'roubadas' durante o período de violência. Duas compraram suas próprias guitarras e começaram a escrever e compartilhar suas próprias canções. Elas discutiram sobre o desejo de demonstrar os efeitos positivos da música e das artes criativas sobre a sua capacitação pessoal, bem como para romper equívocos e estereótipos sobre violência doméstica e suas vítimas.²³⁴ (tradução nossa)

Ao final da pesquisa, um livro de poesias anônimas foi produzido contendo materiais de todas as quarenta participantes. As músicas compostas também foram gravadas em CD. Isto mostra o nível de comprometimento e empoderamento das mulheres envolvidas na pesquisa. "Elas demonstraram a coragem de quebrar o silêncio, para se tornarem advogadas da comunidade e mentoras para outras mulheres vítimas de violência doméstica."²³⁵ (tradução nossa) Elizabeth York conclui que a sua pesquisa

[...] reforçou a convicção de que uma abordagem feminista em musicoterapia, quando usada para capacitar mulheres sobreviventes de violência doméstica, tem grande potencial como agente de mudança, como arrecadação de consciência, como construtora da confiança e mudança de vida.²³⁶ (tradução nossa)

Levando-se em conta os resultados positivos que as pesquisas citadas apontaram, podemos constatar que a Musicoterapia é um meio seguro e eficaz para tratar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica. No entanto, o Brasil ainda carece de mais pesquisas relacionadas a esta temática.

²³³ YORK, 2006. p. 309.

²³⁴ YORK, 2006. p. 317-319. *Were making changes in other aspects of their lives both inside and outside of the group. Several women made plans to return to college, applied for scholarships, and were accepted into the local university. Others procured gainful employment. One woman ceased her dependency on anti-anxiety medication. Others rediscovered musical skills and creative skills that had been 'stolen' while they had been abused. Two bought their own guitars and began writing and sharing their own songs. They discussed their desire to demonstrate the positive effects of music therapy and the creative arts on their personal empowerment, as well as to break through misconceptions and stereotypes about domestic violence and its victims.*

²³⁵ YORK, 2006. p. 321. *They demonstrated the courage to break the silence, and to become community advocates and mentors to other women experiencing domestic violence.*

²³⁶ YORK, 2006. p. 322. *[...] Has reinforced the conviction that a feminist approach to music therapy, when used to empower women survivors of domestic violence, holds great potential as change agent, as consciousness raiser, as confidence builder and life changer.*

“Encontrar a coragem de falar, de ser ouvida, para contar a história de alguém, é uma parte potente do processo de cura para sobreviventes de violência doméstica.”²³⁷ (tradução nossa)

²³⁷ YORK, 2006. p. 323. *Finding the courage to speak out, to be heard, to tell one's story, is a potent part of the healing process for survivors of intimate partner violence.*

3 DO ABSTRATO AO CONCRETO: MUSICOTERAPIA COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Da luta não me retiro!
Me atiro do alto e que me atirem no peito!
Da luta não me retiro!²³⁸

3.1 A Pesquisa social

Há décadas a Musicoterapia vem sendo utilizada para recuperar e resgatar a autoestima, revertendo e diminuindo estados de depressão e ansiedade, estimulando a autonomia, influenciando na re-socialização e melhora da qualidade de vida.²³⁹ Sendo assim, recursos musicais com objetivos e técnicas terapêuticas podem ser efetivos para tratar os sintomas emocionais negativos causados pela violência doméstica.

As redes de apoio e atendimento às mulheres em situação de violência doméstica contam, em sua maioria, com as áreas da psicologia, assistência social e jurídico. Porém, por vezes, estes atendimentos deixam de ser procurados porque implicam na exposição verbal da situação traumática. A Musicoterapia, através de técnicas terapêuticas específicas, de seus recursos estéticos e do uso da música como linguagem/comunicação não-verbal, pode oferecer às mulheres em situação de violência doméstica outra forma de comunicação e de expressão de sentimentos difíceis de serem manifestados de outro modo. A música não é apenas um som não-verbal, ela pode incluir palavras, movimentos e imagens visuais. Portanto, pode enriquecer e ampliar outras formas de comunicação e servir de ponte para conectá-las.

O discurso religioso, muitas vezes, pode colaborar para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. Muitas mulheres buscam compreender a relação de violência que sofrem através da religião. Elas querem entender a causa e o propósito de seu sofrimento. Além disso, em muitos casos, a mulher que sofre violência tem a *permissão* do homem que a agride para frequentar (apenas) a Igreja, que passa a ser sua única opção de auxílio, de aconselhamento. Tendo em vista que o princípio básico da Teologia Feminista é

²³⁸ O TEATRO Mágico. De Ontem em Diante. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/de-ontem-em-diante.html>>. Acesso em: 12 dez 2012. (sem página)

²³⁹ GASTON, Thayer E. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968. p. 17.

a promoção da humanidade plena das mulheres²⁴⁰, esta pode servir de base para a desconstrução dos discursos religiosos e culturais que contribuem com a prática da violência doméstica contra as mulheres.

Além da pesquisa bibliográfica, também foi realizada uma pesquisa social. Trata-se de uma pesquisa-ação de ordem qualitativa. Primeiramente, o projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdades EST, conforme prevê a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Após sua aprovação pelo CEP, a pesquisa então pôde ser iniciada.

3.1.1 Objetivos

A pesquisa social tem como objetivo principal investigar de que forma a Musicoterapia e a Teologia Feminista podem ressignificar os danos emocionais decorrentes da violência doméstica. Especificamente, esta pesquisa tem o objetivo de investigar em que medida os recursos da Musicoterapia são eficazes para minimizar ou curar a depressão e os estados de ansiedade de mulheres em situação de violência doméstica, bem como investigar em que medida a Musicoterapia pode ser aplicada para elevar a autoestima e estimular a autonomia e a re-socialização da população alvo desta pesquisa, para que sintam-se novamente pertencentes à sua sociedade, voltando a participar de atividades coletivas. Por último, porém não menos importante, pois permeia todas as questões, com esta pesquisa busca-se compreender o discurso religioso e a sua relação com o comportamento de mulheres que vivenciaram a violência doméstica.

3.1.2 População

Foram selecionadas, através do *Centro Jacobina de Apoio e Atendimento à Mulher*²⁴¹, onze mulheres, maiores de dezoito anos, consideradas

²⁴⁰ RUETHER, 1993. p. 23.

²⁴¹ Criado em 19/10/2006, atende mulheres agredidas e é o instrumento de São Leopoldo/RS para combater a violência, fazendo o acompanhamento e encaminhamento para profissionais da psicologia e assistência social. JORNAL VS. *Centro Jacobina está em novo local em São Leopoldo*. Post publicado em: 10 abr 2011. Disponível em:

capazes, residentes em São Leopoldo/RS e em situação de violência doméstica e de gênero. Destas, nove foram entrevistadas individualmente, pois com duas delas foram remarcados cinco vezes novos dias e horários, porém não compareceram. As nove participantes entrevistadas receberam e assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* que as tornam cientes de sua participação na pesquisa e regulamentam os termos desta. No entanto, das nove participantes entrevistadas, duas não compareceram em nenhum dos atendimentos de Musicoterapia. Os motivos, segundo elas, uma por trabalho e outra por não ter quem cuidasse do neto de dois anos. Sendo assim, os atendimentos musicoterápicos iniciaram-se com sete participantes. Suas idades variaram de vinte e nove à sessenta e quatro anos, a escolaridade, entre a quarta série do Ensino Fundamental e o Ensino Médio completo e o nível sócio-econômico entre baixo e médio. Com o intuito de preservar a identidade das participantes, serão usados codinomes escolhidos por elas próprias durante a pesquisa, representados por pedras preciosas.

3.1.2.1 Cristal

Cristal tem sessenta e quatro anos. Está há vinte anos em uma união estável. Relata sofrer muitas agressões verbais (violência psicológica) por parte do companheiro, de setenta e cinco anos. Segundo ela, ele bebe muito (bebidas alcoólicas) e então desfere contra ela palavras muito ofensivas. “ – Me sinto um capacho” *[sic]*. No decorrer da entrevista, apesar de ter dito anteriormente que a única violência que sofria era psicológica, relatou, timidamente, ter sofrido um episódio de violência física: o companheiro tentou jogar um prato de sopa quente em seu rosto. Porém, não deu mais detalhes sobre o ocorrido. Mais adiante, relatou que ele jogava com certa frequência objetos em sua direção, mas não relacionou com violência física. Semanas antes da entrevista, a filha do companheiro separou-se e foi morar com o filho pequeno em sua casa. “ – Ela se adonou do meu quarto, fui expulsa dele, e ninguém fez nada” *[sic]*. Cristal se emocionou muito ao relatar este fato. Além disso, ela é a responsável por cuidar

de sua mãe, já muito idosa e enferma, que não mora com ela. Todos os dias ela faz jornada dupla de trabalhos domésticos.

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Cristal diz que as canções da Jovem Guarda a remetem à sua juventude, principalmente a canção *E Que Tudo Mais Vá Pro Inferno*. Ela não toca nenhum instrumento e também não tem vivência vocal, mas sempre esteve familiarizada com a música, pois seu irmão toca órgão e violão, sua irmã toca violão e seu primo toca órgão. Suas preferências musicais atuais são música erudita, “ – sem texto” [sic], música gaúcha, samba, pagode, bandinha e Roberto Carlos. Os gêneros musicais que Cristal não gosta são funk, rock e “ – música pesada, barulhenta” [sic]. No entanto, não há nenhum tipo de som ou ruído específico que lhe desagrade ou cause incômodo. Seu instrumento musical preferido, o som que ela mais gosta de ouvir, é do teclado.

3.1.2.2 Ametista

Ametista é casada e tem cinquenta e dois anos. Começou seu relato chorando e dizendo que viveu muitos anos para o marido. “ – Me sinto muito dependente dele” [sic]. Diz ser muito tímida. Descobriu que ele a traía há dez anos. Os dois conversaram e o companheiro fez promessas de que iria mudar. Ela decidiu dar uma segunda chance ao casamento. Ametista relatou que tem pânico de água e que não lembra de nada antes dos seus doze anos de idade. Quando perguntei sobre a relação de seu pai e sua mãe, ela prontamente respondeu que “ – sempre foi harmoniosa” [sic]. Fazem três anos que Ametista e seu marido não têm mais relações sexuais. “ – Hoje sinto como se ele fosse meu filho” [sic]. Ametista também faz tratamento medicamentoso para hipertireoidismo.

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Ametista diz que as canções do Roberto Carlos a remetem à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento, não tem vivência vocal e não lembra de ninguém da família que toque algum instrumento. Suas preferências musicais atuais são Kennedy, Roberto Carlos, Padre Fábio de Melo, Padre Zezinho e música gaúcha. O gênero musical que Ametista não gosta é pagode e das músicas do Luan Santana. Não há nenhum tipo de som ou ruído específico que lhe desagrade ou

cause incômodo. Seu instrumento musical preferido, o som que ela mais gosta de ouvir, é do violão.

3.1.2.3 Esmeralda

Esmeralda, cinquenta e um anos, está com o companheiro atual há dois anos. As agressões começaram verbalmente e evoluíram para violência física. Relatou que o último episódio de violência física foi há três meses. “ – Eu me sinto inferior” *[sic]*. Esmeralda relata que o companheiro tem muito ciúme do filho dela, com vinte e quatro anos. Ela e o companheiro tomam remédios para depressão. Segundo ela, também foi diagnosticada com fobia e ansiedade. Ela não tem moradia definida, pois divide-se entre a casa do companheiro e do filho. Quando não está com o companheiro, ora ela, ora ele, fazem ligações telefônicas um para o outro. Para a entrevista, o companheiro de Esmeralda veio com ela. Ele ficou na sala de espera enquanto conversávamos. Ela explicou que se sente mais segura assim, pois “ – não tinha certeza se acharia o caminho” *[sic]*. O seu primeiro casamento durou três anos. O ex-marido também a agredia e a traía com a sua irmã. Ela fugiu por causa das agressões e ameaças de morte. Esmeralda também relatou que o seu pai sempre bateu em sua mãe. Também contou ter medo de muitas coisas, principalmente de elevador e temporal.

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Esmeralda diz que a canção *Última Viagem* da dupla sertaneja Tônico e Tinoco a remete à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento e também não tem vivência vocal, mas está familiarizada com a música, pois seu filho toca baixo, violão e também canta. Suas preferências musicais atuais são Luan Santana, música gaúcha e hinos da Igreja (Evangélica). Os gêneros musicais que Esmeralda não gosta são funk e rock. O som/ruído que lhe desagrada e causa incômodo é o de alarmes. Seus instrumentos musicais preferidos são teclado e violão.

3.1.2.4 Rubi

Rubi, trinta e quatro anos, está divorciada pela segunda vez. Começou a entrevista dizendo: “ – Perdi a autoestima. Me sinto feia. Estou em depressão”

[sic]. Segundo ela, o ex-marido a menosprezava. Ele a deixou com cento e cinquenta mil reais em dívidas. Ele quer a guarda da filha do casal e “ – por isso mente pro juiz que sou violenta. Ele é muito insistente” [sic]. No primeiro casamento, que durou seis anos, sofria violência física e era traída. Rubi foi morar com o primeiro marido, que segundo ela, era assaltante e traficante, com quinze anos de idade. Com dezoito, engravidou. Após a primeira separação, começou a se prostituir. Ficou sete anos trabalhando em uma casa de prostituição, onde conheceu o segundo companheiro. Após começarem a namorar, ela saiu da prostituição. Rubi diz não querer “ – nunca mais voltar para essa vida” [sic].

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Rubi diz não se recordar de nenhuma canção que a remeta à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento, mas já cantou no coral da Igreja (Evangélica) e hoje é sua filha mais velha quem canta nesse coral. Sua preferência musical atual é música gospel, principalmente Ana Paula Valadão. Os gêneros musicais que Rubi não gosta são funk, e “ – músicas vulgares” [sic]. O som/ruído que lhe desagrada e causa incômodo é o “ – barulho de afiar facas” [sic]. Seu instrumento musical preferido é o teclado.

3.1.2.5 Madrepérola

Madrepérola, vinte e nove anos, está casada há doze anos. Há menos de um mês da data da entrevista, quando estava indo para o trabalho, às sete horas da manhã, sofreu um assalto seguido de estupro. O estuprador estava armado e a agredia muito verbalmente. Ela registrou ocorrência, porém não obteve retorno. Diz sentir medo de sair sozinha e sofre de insônia. Mas, segundo Madrepérola, o pior problema é o silêncio do marido. Ele diz que a apóia, mas não conversa sobre o assunto com ela. O casal já teve relações sexuais depois do ocorrido, pois o marido a “ – procurou” [sic]. Madrepérola diz que ainda achava muito cedo, pois não faz nem um mês do estupro e conta que ficou muito triste com o marido: “ – Será que ele não percebe que ainda não consigo fechar os olhos sem enxergar todo aquele horror?” [sic] Ela confessa, ainda, que sente muita culpa e vergonha.

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Madrepérola diz que Lambada a remete à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento, mas está familiarizada com a música, pois sua sobrinha toca viola. Suas preferências musicais atuais são sertanejo universitário, músicas dos anos sessenta, Galinha Pintadinha (por causa da filha de um ano) e “ – músicas sem texto” [sic]. O gênero musical que Madrepérola não gosta é funk. O som/ruído que lhe desagrada e causa incômodo é o “ – som da torneira pingando” [sic]. Seu instrumento musical preferido é o teclado.

3.1.2.6 Jade

Jade, trinta e nove anos, está separada pela segunda vez. No entanto, seu ex-companheiro, com quarenta e um anos, se recusa a sair de casa. Ele não a agride fisicamente. Segundo Jade, ele é “ – viciado em jogo” [sic]. Moram juntos há oito anos, mas há sete anos não têm mais vida íntima. Jade tentou prestar queixa contra o ex-companheiro, mas o atendente não quis registrar ocorrência porque “ – não houve agressão física” [sic]. Jade relatou que fora do ambiente doméstico, o ex-companheiro tem “ – fama de violento” [sic]. No seu primeiro casamento, há quinze anos, sofreu violência física e revidou. Foi apenas um episódio. Jade diz que não quer saber de namorados. Diz ainda: “ – Perdi o tesão. Tenho medo de homem” [sic].

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Jade diz que a canção *Atirei o Pau no Gato* a remete à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento, mas está familiarizada com a música, pois seu pai era gaiteiro. Suas preferências musicais atuais são músicas gaúchas nativistas, principalmente de César Oliveira e Dante Ramon Ledesma e também músicas gospel, como de Lázaro e Damares. Os gêneros musicais que Jade não gosta são funk, rock e sertanejo. O som/ruído que lhe desagrada e causa incômodo é o “ – tique-taque do relógio” [sic]. Seus instrumentos musicais preferidos são gaita e violão.

3.1.2.7 Turquesa

Turquesa, cinquenta e seis anos, é casada há trinta e um anos. O marido começou a passar os finais de semana fora de casa, sem dar

explicações. Ela pediu a separação, mas ele se recusou e disse que não sairia de casa. Segundo Turquesa, ele a ameaçava, dizendo que se ela procurasse por seus direitos, “ – ele botava fogo na casa comigo dentro” [sic]. Ele a chama de “ – vagabunda e tonga” [sic]. Turquesa relata que o marido bebe muito (bebidas alcoólicas) e é violento, pois com frequência quebra objetos da casa. Contou que uma vez ele tentou bater nela, mas seu genro a defendeu. No entanto, diz que o genro está começando a fazer o mesmo que o sogro – quebrando objetos e discutindo muito com sua esposa, filha de Turquesa.

Quanto às primeiras informações musicais coletadas, Turquesa diz que as canções de John Lennon e Os Atuais a remetem à sua juventude. Ela não toca nenhum instrumento, mas está familiarizada com a música, pois seu pai tocava violino. Suas preferências musicais atuais são Zezé Di Camargo e Luciano, Victor e Leo, Luan Santana, Daniel, Amado Batista, Paula Fernandes e músicas gaúchas em geral. Os gêneros musicais que Turquesa não gosta são funk e rock. Os sons/ruídos que lhe desagradam e causa incômodo são os “ – sons do ronco dos sapos” [sic]. Seu instrumento musical preferido é o teclado.

3.1.3 Metodologia

O formato de atendimento musicoterápico foi de sessões grupais com a duração de quarenta e cinco minutos cada e periodicidade semanal, totalizando dezesseis sessões. O local de atendimento foi na clínica-escola de Musicoterapia da Faculdade EST. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais (triagem), um questionário no início e outro no término da parte prática da pesquisa (apêndices A e B) e análise clínica de gravações audiovisuais das sessões de Musicoterapia. A intervenção terapêutica foi baseada nos quatro principais métodos de Musicoterapia descritos por Kenneth E. Bruscia – experiências receptivas, re-criativas, de improvisação e de composição.²⁴²

1. Experiências Receptivas: Trata-se da escuta musical. As músicas utilizadas podem ser tanto tocadas ao vivo pela musicoterapeuta quanto ser gravações comerciais. A experiência receptiva “pode focar os

²⁴² BRUSCIA, 2000. p. 124-134.

aspectos físicos, emocionais, intelectuais, estéticos ou espirituais da música.”²⁴³ Alguns dos principais objetivos terapêuticos deste método empregados na pesquisa foram: promover a receptividade; estimular ou relaxar; evocar estados e experiências afetivas; explorar ideias e pensamentos; estabelecer uma conexão entre a ouvinte e o grupo comunitário ou sócio-cultural; estimular experiências espirituais. As variações utilizadas deste método foram:

- *Relaxamento Musical*: Através da escuta musical, pode-se reduzir a tensão, a ansiedade e o estresse, induzir o relaxamento corporal e facilitar a entrada em estados alterados de consciência.
 - *Escuta Meditativa*: Utilização da música para a reflexão de uma ideia em particular.
 - *Escuta Subliminar*: Utilização da música para mascarar mensagens verbais subliminares.
 - *Escuta Contingente*: Audição musical como um reforço eventual da mudança comportamental.
 - *Escuta Mediática*: Utilização da música para facilitar o aprendizado ou memorização de informações.
 - *Comunicação (Musical) com Canções*: a paciente escolhe uma canção que expresse ou revele algo sobre si para em seguida ser trabalhado em terapia.
 - *Discussão de Canções*: a musicoterapeuta propõe uma canção que serve de ponte para a discussão de questões de relevância terapêutica.
 - *Escuta Projetiva – Escolha de Canções*: a paciente escolhe e ouve suas canções preferidas.²⁴⁴
2. *Experiências Re-criativas*: Trata-se de executar, reproduzir, transformar e interpretar um modelo musical já existente. As experiências re-criativas são indicadas para as pacientes que precisam “entender e se adaptar às ideias e sentimentos dos outros preservando suas próprias identidades”²⁴⁵ como também trabalhar em grupo objetivos em comum. Alguns dos principais objetivos terapêuticos deste método empregados na pesquisa

²⁴³ BRUSCIA, 2000. p. 129.

²⁴⁴ BRUSCIA, 2000. p. 129-133.

²⁴⁵ BRUSCIA, 2000. p. 126-127.

foram: promover a identificação e a empatia com as outras; desenvolver habilidades de interpretação e comunicação de ideias e de sentimentos; aprender a desempenhar papéis específicos nas várias situações interpessoais; melhorar as habilidades interativas e de grupo. As variações utilizadas deste método foram:

- *Re-criação Vocal*: Reprodução vocal de materiais musicais estruturados ou canções pré-compostas: vocalizar com marcação, cantar lendo uma música, cantar em coro, imitar vocalmente ou aprender melodias, entre outros.
 - *Atividades e Jogos Musicais*: Jogos musicais estruturados pela música.²⁴⁶
3. *Experiências de Improvisação*: A paciente toca, canta, cria uma melodia, um ritmo, uma canção ou peça musical de improviso. Pode ser sozinha, em dueto ou em grupo, que inclui a musicoterapeuta e as outras pacientes. A musicoterapeuta dá o suporte necessário, oferecendo uma ideia ou estrutura musical em que a improvisação se baseará. Alguns dos principais objetivos terapêuticos deste método empregados na pesquisa foram: estabelecer um canal de comunicação não-verbal e uma ponte para a comunicação verbal; dar sentido à auto-expressão e à formação de identidade; explorar os vários aspectos do eu na relação com os/as outros/as; desenvolver a capacidade de intimidade interpessoal; desenvolver habilidades grupais; desenvolver a criatividade, a liberdade de expressão, a espontaneidade e a capacidade lúdica. As variações utilizadas deste método foram:
- *Instrumental Não-referencial*: Improvisação musical – com instrumentos – por si só, sem tentar fazê-la representar ou descrever qualquer coisa não musical.
 - *Instrumental Referencial*: Improvisação com instrumentos musicais com o intuito de retratar sonoramente algo não-musical, como por exemplo, um sentimento, ideia, pessoa etc.
 - *Improvisação de Canções*: Improvisação de textos, melodias e/ou acompanhamento de uma canção.

²⁴⁶ BRUSCIA, 2000. p. 126-127.

- *Improvisações Corporais*: Improvisação com sons corporais percussivos, tais como palmas, toques, estalidos etc.
 - *Improvisações com Múltiplos Meios*: Improvisação com a voz, sons corporais, instrumentos e/ou qualquer combinação de recursos sonoros.
 - *Improvisações Conduzidas*: A paciente cria um improviso dando deixas para uma ou mais improvisadoras.²⁴⁷
4. *Experiências de Composição*: A paciente, auxiliada pela musicoterapeuta, escreve canções, textos ou peças instrumentais, ou cria, ainda, qualquer tipo de produto musical. Alguns dos principais objetivos terapêuticos deste método empregados na pesquisa foram: desenvolver habilidades de planejamento e organização; desenvolver habilidades para solucionar problemas de forma criativa; promover a auto-responsabilidade; desenvolver a habilidade de documentar e comunicar experiências internas; promover a exploração de temas terapêuticos através dos textos das canções. As variações utilizadas deste método foram:
- *Paródias de Canções*: Trata-se de substituir palavras, frases ou o texto inteiro de uma canção existente, enquanto mantém-se a melodia e a harmonia originais.
 - *Colagens Musicais*: A paciente escolhe sons, canções ou músicas e as organiza sequencialmente produzindo um registro que explore questões autobiográficas ou terapêuticas.²⁴⁸

3.2 Resultados Obtidos

Nas entrevistas individuais, unanimemente, as participantes demonstraram dificuldade e resistência em narrar verbalmente as situações traumáticas experienciadas por elas. Outro fator em comum foi o choro. Todas choraram intensamente durante as entrevistas.

Foram aplicados dois questionários, um no início e outro no término da pesquisa, com a finalidade de comparar as respostas das participantes. No entanto, apenas duas mulheres compareceram ao último encontro e responderam o segundo questionário. Todavia, as respostas das outras cinco

²⁴⁷ BRUSCIA, 2000. p. 124-126.

²⁴⁸ BRUSCIA, 2000. p. 127-128.

participantes referentes ao questionário um não foram descartadas, pois revelaram dados importantes, como se pode observar na tabela de respostas do questionário um (apêndice C). Analisando as respostas das sete participantes referente ao questionário um, destacam-se:

- Cinco delas responderam que nunca pensaram em cometer suicídio, embora suas respostas tenham oscilado entre nunca, raramente e muitas vezes quando responderam com que frequência pensam em morrer;
- Seis participantes responderam que choram muitas vezes;
- Cinco mulheres responderam que sentem-se deprimidas muitas vezes;
- Quatro delas costumam irritar-se com facilidade muitas vezes;
- Quatro mulheres responderam que sentem-se inseguras muitas vezes;
- Quatro também foi o número de participantes que respondeu que às vezes sentem medo de que algo ruim possa acontecer a qualquer momento;
- Quatro mulheres responderam que às vezes se consideram tímidas;
- Quatro delas responderam que muitas vezes costumam refletir sobre o próprio valor;
- Cinco participantes responderam que quando têm uma opinião diferente da opinião de outras pessoas, apenas às vezes costumam mantê-la.

Quanto às suas denominações religiosas, Jade, Rubi e Esmeralda responderam ser Evangélicas; Madrepérola, Cristal e Turquesa responderam ser Católicas; Ametista respondeu ser Católica e Espírita.

Das sete participantes, apenas Madrepérola respondeu que não frequentava a Igreja no período em que ocorreu o episódio de violência. Rubi, Esmeralda, Jade e Turquesa responderam que buscaram aconselhamento ou ajuda em suas Igrejas. Rubi escreveu que recebeu “ – Orientação a tomar uma atitude, um basta” *[sic]*. Esmeralda escreveu que o tipo de aconselhamento que recebeu foi “ – Conselho espiritual, oração e que a gente tem orar ter paciência. E não fazer nada precipitado. Ter calma contar até dez” *[sic]*. Jade, por sua vez, recebeu como conselho “ – Que era para eu conversar com ele para se tratar e seguir comigo no caminho certo ou ele ir embora, e eu procurar a justiça” *[sic]*. Por fim, Turquesa respondeu: “ – Procurei a coordenadora do grupo que nós fizemos e contei o que estava acontecendo no meu casamento pedi para que

com o padre eles viesse a nossa casa para falar com meu marido mas não vieram” *[sic]*.

Na época em que responderam o questionário um (março de 2012), apenas Madrepérola disse não frequentar sua Igreja, segundo ela: “ – Sou Católica de batismo nunca fui praticante” *[sic]*. As outras seis participantes disseram frequentar suas Igrejas e suas justificativas foram: Ametista: “ – Porque sou Católica desde quando nasci só que escolhi Espiritismo pois me identifico mais” *[sic]*. Cristal: “ – O conjunto no encontro com Deus” *[sic]*. Rubi: “ – Porque me sinto mais encorajada a viver” *[sic]*. Esmeralda: “ – Porque temos que ter amor. Perdoar quem nos ofende. E aprendermos amar a Deus e conversar com ele. Pois sempre existe solução” *[sic]*. Jade: “ – Assim eu me sinto em paz comigo” *[sic]*. Turquesa: “ – Porque sempre que vou a Igreja me sinto confortada” *[sic]*.

Turquesa e Madrepérola disseram não acreditar que a religião pode oferecer algum tipo de auxílio para mulheres que sofrem situações de violência doméstica. Veja a explicação de Turquesa: “ – Eu acho que a Católica não é uma Igreja unida como as outras religiões” *[sic]*. Madrepérola, por sua vez, escreveu: “ – Para mim religião não faz diferença na vida de uma pessoa, mas sim a fé que ela tem” *[sic]*. As outras cinco participantes disseram que a religião pode sim oferecer auxílio para mulheres em situação de violência doméstica: Jade: “ – Aí depende de cada caso tem mulher e homens querem ser ajudado e mudança vem de dentro de cada um. Não depende da igreja ou placa de igreja. Depende da pessoa querer mudar” *[sic]*. Esmeralda: “ – Porque o pastor nos ensina que temos que ser submissa ao esposo. Temos que conhecer bem a pessoa a qual vai conviver. Porque temos o círculo de oração de mulher e aprendemos que podemos vencer. Como a gente ser e aprendemos a conviver e ser livre de todo o mal” *[sic]*. Rubi: “ – Porque é algo que você tem que decidir sozinho, mas a Igreja pode te apoiar conforme a tua decisão” *[sic]*. Ametista: “ – O Espiritismo me fez sentir vontade de reagir tomar posse do meu eu que tinha sumido. Tomei coragem, me senti mais segura” *[sic]*. Cristal não explicou sua resposta.

Todas as participantes demonstraram dificuldade em manter a frequência às sessões de Musicoterapia, conforme pode-se observar na tabela de frequências (apêndice D). Quando justificavam a ausência, os motivos

variavam entre agressão física sofrida na noite anterior, consulta médica do/a filho/a, cuidar da mãe adoentada, cuidar do/a filho/a adoentado/a, consulta odontológica, consulta médica, compromisso de trabalho e forte dor de cabeça.

No primeiro atendimento, foi utilizado como abertura da sessão o estribilho da canção *Canta Canta, Minha Gente* (Martinho da Vila), substituindo 'minha gente' pelo nome de cada participante. Como canção de encerramento da sessão, foi utilizada *Você* (Tim Maia), substituindo suas frases finais por 'Vou morrer de saudade / Mas temos que ir embora / Obrigada vocês / E até semana que vem'. A partir da segunda sessão até a última, as próprias participantes solicitavam estas canções para iniciar e encerrar os atendimentos. Ainda no primeiro atendimento, foi solicitado às participantes que escolhessem uma canção que as representasse. Nenhuma delas conseguiu responder de imediato. Sendo assim, tiveram sete dias para escolherem suas canções.

Nas sessão de número três foram tocadas as canções escolhidas por Rubi – *A tua vontade* (Ana Paula Valadão), Madrepérola – *Amigo apaixonado* (Victor e Leo) e Ametista – *Quando a gente ama* (Roberto Carlos). Apresentei para as participantes a canção *Desconstruindo Amélia* (Pitty). Ao terminar a canção, Ametista disse: “ – Me vi no refrão” [sic]. Perguntei para as outras mulheres se tinha alguma frase com a qual se identificavam também. Esmeralda respondeu: “ – Nem serva, nem objeto” [sic]; Rubi: “ – Sempre a última a sair” [sic]; Madrepérola: “ – Hoje aos trinta é melhor que aos dezoito” [sic].

Na quarta sessão de Musicoterapia, foram tocadas as canções escolhidas por Cristal – *Solidão de amigos* (Jessé), Turquesa – *Ser mulher* (João Mineiro e Marciano) e Esmeralda – *Amor covarde* (Jorge e Mateus). Todas demonstraram estar incomodadas com a canção de Turquesa, pois, conforme Ametista, “ – Fala da mulher como servil” [sic]. Turquesa se emocionou e disse que a música combina com ela porque ela sempre foi assim.

Na sessão de número seis, após a canção de encerramento, Turquesa relatou verbalmente que há dias não chorava mais e que resolveu começar a cuidar de si. Ametista também relatou que o marido queria que ela não viesse mais na Musicoterapia, mas ela disse que “ – Não deixaria de vir por nada, porque é o que mais gosto de fazer” [sic].

No sétimo atendimento, foi apresentada às participantes a canção *Entre tapas e beijos* (Leandro e Leonardo). Após, refletiram e chegaram à conclusão

que “ – uma vida assim não era certo, mas era normal” [sic]. Em seguida, foi apresentada a canção *Ligue 180*: texto adaptado da canção *Entre Tapas e Beijos*, composto por Carlos Gressler Filho e Daniéli Busanello Krob, para o grupo de mulheres da pesquisa de Josiani Irigoyen Camejo²⁴⁹, tratando dos cinco tipos de violência que a Lei Maria da Penha abrange. Eis o texto da canção *Ligue 180*:

Perguntaram pra mim / O que é a violência? / Respondi que tem cinco / Vou explicar na sequência / Tem a do tipo física / E a tal psicológica / Sexual e moral / Não podemos esquecer da patrimonial / Conhecimento é um direito / E todas devem lembrar / Que não estamos sozinhas / Que a lei nos protege / E juntas vamos cantar / Nós merecemos respeito, amor e desejo, carinho e ternura / Mulher também é gente / Quer vida decente, sem ter dor alguma / Com a Maria da Penha estou protegida e pra quem precisar / Ligue 180, eu tenho certeza que vão te ajudar!

As participantes disseram gostar da canção e da ideia. Resolveram compor uma canção também. Escolheram *Fada* (Victor e Leo) para adaptarem o texto. O processo de composição foi até a sessão de número onze. Eis o resultado, intitulada *Sonhos Perdidos*:

Sonhos, sonhos perdidos / Vida, pra ser vivida / Mentiras são um desrespeito / Me magoou e me marcou / Basta de sofrimento / Hoje sei meus direitos / Eu estou bem, tudo passou / Eu quero a paz que você levou / Vejo o caminho que eu mesma escolhi / Sinto a alegria reservada pra mim / Vejo minha vida voltando ao normal / Eu hoje estou feliz! / Sou mulher, batalhadora, forte e guerreira / Ao meu lado tenho Deus a me orientar / Transpareço o brilho no olhar e na alma / Sei que o meu destino está agora em minhas mãos / As minhas escolhas partem do meu coração / Eu tenho certeza que sou um ser forte e vencedor.

Na décima sessão de Musicoterapia, foi tocada a canção escolhida por Jade – *Vai mudar* (Lázaro). Na metade da canção, Jade começou a chorar, mas continuou cantando. No final, disse que “ – Nunca tinha percebido o que a letra da música dizia” [sic]. No décimo quarto atendimento, Madrepérola relatou que estava se sentindo muito melhor e que ainda, seu psiquiatra estava reduzindo e prevendo interromper a medicação (antidepressivo) devido à sua melhora. Na sessão de número dezesseis, em meio a atividades lúdicas e de despedidas, Ametista disse que a canção que compuseram, *Sonhos Perdidos*, era “ – como um hino para todas as mulheres” [sic].

²⁴⁹ CAMEJO, 2010.

Em relação ao questionário dois, apenas Madrepérola e Ametista o responderam. Como se pode observar na tabela comparativa dos questionários um e dois (apêndice E), Madrepérola teve uma resposta positiva significativa ao tratamento musicoterapêutico relacionada aos danos emocionais acarretados pela violência. Já Ametista manteve-se praticamente estagnada, não havendo evolução ou involução significativas.

Em relação à religiosidade, Madrepérola assinalou que não se sente acolhida em sua Igreja e também não acredita que a religião poderia contribuir com a prevenção e combate da violência doméstica contra as mulheres. Ela não justificou suas respostas. Ametista, por sua vez, sente-se acolhida em sua Igreja: “ – Confortavelmente. Sou Católica vou muito a Igreja. Só que pratico o Espiritismo, desde criança adoro ler livros Espíritas estou em um grupo, toda semana vou. Mudou muito minha vida quando comecei a ir sempre lá” *[sic]*. Ela acredita também que a religião possa contribuir com a prevenção e combate da violência doméstica contra as mulheres: “ – Com orientação do padre, só que vejo nas Igrejas só mulheres, ou casais que vão são mais estruturados. Teria que ter mais propaganda” *[sic]*.

As duas participantes responderam que a Musicoterapia proporcionou algum tipo de mudança positiva em suas vidas. Ametista: “ – Além da amizade que fiz com as gurias e a professora, aprender cada dia é uma benção. Só aprendi com tudo que foi falado em tuas aulas, fizemos a música e também com a alegria que é o essencial pra o nosso ser. Amei tudo que foi dado. Parabéns” *[sic]*. Madrepérola: “ – Me fez perceber que eu preciso estar em contato com outras pessoas não só viver minha rotina de casa e trabalho e vice-versa, também os comentários das colegas me fez mudar alguns pensamentos com relação a vida a dois” *[sic]*

4 MUSICOTERAPIA E TEOLOGIA FEMINISTA: UM CAMINHO PARA VIDAS DIGNAS

É preciso ter pra ser ou não ser,
Eis a questão!
Ter direito ao corpo e ao proceder,
Sem inquisição!²⁵⁰

4.1 Discussão dos Resultados

Como apontaram os resultados, nas entrevistas individuais realizadas com as participantes, todas demonstraram ter dificuldade e resistência em verbalizar a situação traumática de violência que viveram, tanto por medo, vergonha, culpa ou até mesmo para não reviver a dor de episódios pregressos. Diante deste fato, temos a possibilidade de acessar as demandas de outra forma, sendo um dos padrões de comunicação da música em Musicoterapia a sua definição como *linguagem não-verbal*. Segundo Carlos Daniel Fregtman:

O ser humano é uma totalidade e, portanto, a sua forma de comunicar-se com o mundo ocorre através de vários canais simultâneos. Esses canais emitem e recebem sinais e mensagens, de maneira conscientes e inconscientes [...] Muitas vezes a 'forma' da mensagem verbal (entonação, ritmo, intensidade, textura) é percebida antes do 'conteúdo'. Decodificar essas mensagens é o trabalho que o musicoterapeuta se propõe todos os dias.²⁵¹

Nos questionários (apêndices A e B), as questões de números um à oito referem-se à sintomas de depressão, às de número nove à quinze referem-se aos sintomas de transtornos de ansiedade, referentes aos sintomas de baixa autoestima são as questões dezessete, dezoito, vinte, vinte e um e vinte e três e referentes aos sintomas de falta de autonomia são as questões dezesseis, dezoito, vinte e dois, vinte e quatro e vinte e cinco.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Ametista demonstrou estar passando por um quadro depressivo, no entanto, sua ansiedade estava controlada. Sua autoestima mostrou-se um tanto abalada, mas ainda sob seu próprio controle. Porém, ela demonstrou ser uma pessoa sem muita autonomia. Ametista, que denomina-se

²⁵⁰ O TEATRO Mágico. Esse mundo não vale o mundo. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/esse-mundo-nao-vale-o-mundo.html>>. Acesso em: 21 dez 2012. (sem página)

²⁵¹ FREGTMAN, 1989. p. 49-50.

Católica e Espírita, parece ter encontrado na religião uma forma de manter-se em pé e também de manter a sua autoestima sob controle: “ – O Espiritismo me fez sentir vontade de reagir tomar posse do meu eu que tinha sumido. Tomei coragem, me senti mais segura” [sic]. A canção que ela escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Quando a gente ama* (Roberto Carlos): Eis o texto da canção:

Quando a gente ama / Faz loucuras não se toca / Tudo é lindo a gente gosta / Não importa o que der / Quando a gente ama / Nesse amor tudo é perfeito / E não vemos os defeitos / Desse alguém que a gente quer / Quando a gente ama / Esses defeitos são virtudes / E os erros atitudes / Que jamais a gente vê / Perde-se o juízo / O coração da gente voa / E tolices numa boa / Por amor a gente faz / Tudo a gente aceita / Quando está apaixonado / E não há nada de errado / Porque amar é bom demais / Quando a gente ama / A gente ri à toa / Tudo tem desculpa / Tudo se perdoa / O orgulho dança / A gente é uma criança / E diz sim pra tudo / Quando a gente ama / Tudo é um bom programa / Pode ser na rua / Pode ser na cama / O amor é lindo / E tudo é mais bonito / Quando a gente ama²⁵²

Através desta canção, Ametista relatou e ainda complementou musicalmente o que havia verbalizado em sua entrevista, conforme o subitem 3.1.2.2. Outra canção que expressou os sentimentos de Ametista foi *Desconstruindo Amélia* (Pitty), pois, quando tocada em terapia, ela disse: “ – Me vi no refrão” [sic]: “Disfarça e segue em frente / Todo dia, até cansar / E eis que de repente ela resolve então mudar / Vira a mesa, assume o jogo / Faz questão de se cuidar / Nem serva, nem objeto / Já não quer ser o outro / Hoje ela é um também”²⁵³

Na sessão de número seis, Ametista relatou que o marido não queria mais que ela viesse na Musicoterapia. Possivelmente, por ela estar se tornando mais empoderada, segura, independente e auto-confiante. Isto, aos olhos dele, poderia ser uma espécie de ameaça, de perda de controle. No entanto, ela respondeu que “ – Não deixaria de vir por nada, porque é o que mais gosto de fazer” [sic]. Ametista estava tendo uma evolução emocional consideravelmente positiva até o décimo atendimento. No entanto, não compareceu aos atendimentos de número onze, doze, treze e quatorze (vide apêndice D), segundo ela, por dores de cabeça e consultas médicas. Quando retornou, nas

²⁵² ROBERTO Carlos. Quando a gente ama. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/quando-a-gente-ama.html>>. Acesso em: 26 dez 2012. (sem página)

²⁵³ PITY. (sem página)

duas últimas sessões, estava visivelmente mais deprimida e com a autoestima abalada. Percebeu-se esses sinais musicalmente também, pois ela já não mais acompanhava as canções no tom proposto, e sim sempre abaixo, com intensidade vocal fraca e andamento lento. Estes dados comprovaram-se na comparação das respostas do segundo com o primeiro questionário (apêndice E): seu quadro de depressão manteve-se praticamente inalterado, no entanto, ela apresentou leves sinais de um possível transtorno de ansiedade, o que não tinha no início da pesquisa. A sua autoestima sofreu alterações negativas em relação à sua aparência física, porém, positivamente, mostrou-se mais empoderada, já sem a culpa e a vergonha anterior e conhecedora de seus direitos. Em relação a autonomia, os resultados de Ametista mantiveram-se praticamente inalterados. Para ela, seriam necessários mais do que os dezesseis encontros previstos no projeto de pesquisa para proporcionar uma melhora significativa na sua qualidade de vida.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Madrepérola demonstrou estar passando por um quadro depressivo leve e, no entanto, sua ansiedade estava em um nível mais alterado. Sua autoestima mostrou-se muito baixa e também demonstrou ser uma pessoa sem muita autonomia. Ela denomina-se Católica, porém, não praticante. Em nenhum momento buscou auxílio na Igreja. As respostas de Madrepérola nos levam a crer que ela não acredita na religião enquanto instituição, mas sim enquanto fé e espiritualidade: “ – Para mim religião não faz diferença na vida de uma pessoa, mas sim a fé que ela tem” *[sic]*. A canção que Madrepérola escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Amigo apaixonado* (Victor e Leo): Eis o texto da canção:

Pensando bem, eu gosto mesmo de você / Pensando bem, quero dizer
/ Que amo ter te conhecido / Nada melhor que eu deixar você saber /
/ Pois é tão triste esconder / Um sentimento tão bonito / Hoje mesmo vou
te procurar / Falar de mim / Sei que nem chegou a imaginar / Que eu
pudesse te amar tanto assim / Sempre fui um grande amigo seu / Só
que não sei mais se assim vai ser / Sempre te contei segredos meus /
Estou apaixonado por você / Esse amor entrou no coração / Agora diz o

que é que a gente faz / Pode dizer sim ou dizer não / Ser só seu amigo
não dá mais²⁵⁴

Madrepérola, desde o início, demonstrou sofrer mais com o silêncio e a falta de sensibilidade do marido do que com o próprio estupro, conforme relatou em sua entrevista (veja o subitem 3.1.2.5). No entanto, ela sempre deixou evidente que o ama e que almeja resgatar o bom relacionamento que sempre tiveram. A evolução emocional de Madrepérola deu-se a cada atendimento. Tanto que, na décima quarta sessão, ela relatou que estava sentindo-se muito melhor e que seu psiquiatra estava reduzindo e prevendo interromper a sua medicação (antidepressivo).

Madrepérola teve uma resposta positiva significativa ao tratamento musicoterapêutico relacionado aos danos emocionais acarretados pela violência. Estes dados comprovam-se na comparação das respostas do segundo com o primeiro questionário (apêndice E): seu quadro depressivo que antes era considerado leve e sua ansiedade que estava em um nível alto não obtiveram nenhuma marcação relevante. Sua autoestima elevou-se consideravelmente, mas, assim como Ametista, com maior ênfase às questões de empoderamento, ausência de culpa e vergonha e conhecimento de seus direitos, ficando a aparência física em segundo plano. Uma evolução significativa também foi percebida em relação a sua autonomia. Para Madrepérola, os dezesseis atendimentos de Musicoterapia previstos no projeto de pesquisa foram suficientes para proporcionar uma melhora significativa na sua qualidade de vida.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Turquesa demonstrou estar passando por um quadro depressivo e de ansiedade leves. Ela demonstrou estar com a autoestima em um nível saudável, porém, muito insegura em relação a sua autonomia. Turquesa denomina-se Católica e praticante. Inclusive buscou auxílio na Igreja para sua situação de violência, por intermédio do grupo de mulheres, pedindo ajuda ao Padre, mas não obteve nenhum retorno. Possivelmente esta situação a fez desacreditar que a religião pode oferecer algum tipo de auxílio em situações

²⁵⁴ VICTOR & Leo. Amigo apaixonado. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/victor-leo/amigo-apaixonado.html>>. Acesso em: 27 dez 2012. (sem página)

de violência doméstica: “ – Eu acho que a Católica não é uma Igreja unida como as outras religiões” *[sic]*. Mas, apesar disso, ainda diz sentir-se acolhida em sua Igreja: “ – Porque sempre que vou a Igreja me sinto confortada” *[sic]*. A canção que Turquesa escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Ser mulher* (João Mineiro e Marciano): Eis o texto da canção:

Meu dia começa em sua boca / Bem cedo ela tem que me beijar / E enquanto prepara minha roupa / Ouço sua voz a me falar / Levanta meu bem, não perca a hora / Lá fora o dia já se fez / Com seu jeito de mulher amante / Lá no quarto espera mais algum instante / Com medo que eu durma outra vez / Ser mulher, desde cedo até o dia se esconder / Sem contar que a noite afora sua boca / Me concede força extra pra viver / Minha mulher, ela faz tudo que faz por que me quer / Suas mãos tão delicadas me dominam / Simplesmente ela sabe ser mulher / Meu dia termina em sua boca / Preocupada pensa em me cobrir / Depois de dar amor descansa um pouco / Me beija e se vira pra dormir / Até de manhã, café na cama / As coisas vão se repetir / Pontualmente eu terei os seus cuidados / Que me deixam tão mal acostumado / Com tanta mordomia sobre mim²⁵⁵

Na sessão de número quatro, quando foi tocada esta canção, as outras participantes presentes demonstraram um certo incômodo, pois, conforme relatou Ametista, “ – Fala da mulher como servil” *[sic]*. Turquesa ouviu-as e chorou. No entanto, disse que escolheu esta canção porque ela sempre foi assim. A partir deste momento, percebeu-se que Turquesa passou a refletir sobre suas ações e sua vida cotidiana. No sexto atendimento, ela relatou que há dias não chorava mais e que resolvera começar a cuidar de si. Seu desenvolvimento emocional estava sendo positivo, mas seu tratamento não pôde ser concluído, pois a última sessão de Musicoterapia ao qual Turquesa compareceu foi a de número nove.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Jade demonstrou estar passando por um quadro depressivo e de ansiedade sérios. Ela demonstrou estar com a autoestima abalada, porém, mostrou-se ser uma mulher autônoma. Jade denomina-se Evangélica. Ela procurou auxílio com o Pastor de sua Igreja e recebeu como conselho: “ – Que era para eu conversar com ele (marido) para se tratar e seguir comigo no caminho certo ou ele ir embora, e eu procurar a justiça” *[sic]*. A canção que Jade

²⁵⁵ JOÃO Mineiro e Marciano. Ser mulher. In: *Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/joao-mineiro-e-marciano/1878925/>>. Acesso em: 28 dez 2012. (sem página)

escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Vai mudar* (Lázaro). Eis o texto da canção:

Vai mudar, eu sei que a minha vida vai mudar / Hoje estou tão fraco, mas o Senhor vai renovar / Hoje estou chorando, mas o Senhor vai enxugar todas as lágrimas / Vai mudar, eu sei que a minha vida vai mudar / Eu não posso crer que Deus me colocou no mundo só pra sofrer / Eu não posso acreditar que estou aqui no mundo só pra penar / Pois não existe uma tempestade que não tenha fim / A noite vai embora e o dia vai chegar e eu só quero a liberdade de seguir feliz / Eu só quero encontrar o meu lugar e viver dando glória a Deus / Vai mudar, eu sei que a minha vai mudar / Irmão, eu não posso crer que Deus te colocou no mundo só pra sofrer / Eu não posso acreditar que estais aqui no mundo só pra penar / Não existe uma tempestade que não tenha fim / Esta noite vai embora e o dia vai chegar / Você terá a liberdade de seguir feliz / Você vai encontrar o seu lugar / E vai viver dando glória a Deus / Vai mudar, eu sei que a minha vida vai mudar²⁵⁶

Quando esta canção foi tocada, Jade chorou intensamente, porém sem parar de cantar. No final, ela disse que “ – Nunca tinha percebido o que a letra da música dizia” [*sic*]. Inconscientemente, a escolha de Jade por esta canção veio de encontro ao quadro emocional abalado que apresentou, tendo na sua fé e religião o único ponto de equilíbrio, segurança e esperança. Seu desenvolvimento emocional era promissor, pois estava em um processo de auto-conhecimento. No entanto, seu tratamento não pôde ser concluído, pois a última sessão de Musicoterapia ao qual Jade compareceu foi a de número dez.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Rubi não demonstrou sinais de depressão e de ansiedade e demonstrou estar com a autoestima abalada, mas ainda sob controle, apesar de ter começado sua entrevista dizendo: “ – Perdi a autoestima. Me sinto feia. Estou em depressão” [*sic*]. (subitem 3.1.2.4). Rubi também mostrou ser uma mulher com certa autonomia. Ela denomina-se Evangélica. Rubi inclusive procurou auxílio com o Pastor de sua Igreja e recebeu como conselho: “ – Orientação a tomar uma atitude, um basta” [*sic*]. Ela também defende a ideia de que a religião pode oferecer auxílio para mulheres em situação de violência doméstica: “ – Porque é algo que você tem que decidir sozinho, mas a Igreja pode te apoiar conforme a tua decisão” [*sic*]. A canção que Rubi escolheu para representá-la,

²⁵⁶ LÁZARO. Vai mudar. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/lazaro/vai-mudar.html>>. Acesso em: 28 dez 2012. (sem página)

como sua identidade, foi *A tua vontade* (Ana Paula Valadão). Eis o texto da canção:

Toma-me pela mão / Guia-me em teus caminhos / Ensina-me a fazer a tua vontade / Ilumina os meus passos / Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra / Só tenho paz em ti, seguro estou em ti / No teu querer encontro a razão do meu existir / Só tenho paz em ti, seguro estou em ti / No teu querer encontro a razão do meu existir / A tua vontade é boa perfeita e agradável²⁵⁷

A fé e a vivência religiosa de Rubi parecem ter servido como sustentação para seu equilíbrio emocional durante e depois das violências sofridas. Ela diz frequentar sempre a Igreja “ – Porque me sinto mais encorajada a viver” [*sic*]. Seu desenvolvimento emocional estava sendo positivo, mas seu tratamento não pôde ser concluído, pois a última sessão de Musicoterapia ao qual Rubi compareceu foi a de número sete. Rubi começou a trabalhar e não conseguiu mais participar dos atendimentos. No entanto, sempre mandava, via telefone celular, mensagens para as outras participantes.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Esmeralda demonstrou estar passando por um quadro depressivo e de ansiedade sérios. Ela demonstrou estar com a autoestima abalada no que se refere ao julgamento social, como sentimentos de culpa e vergonha, porém, ainda importa-se e cuida de sua aparência física. Esmeralda mostrou ser uma mulher com certa autonomia. Ela denomina-se Evangélica e relatou que procurou ajuda na sua Igreja. No entanto, o aconselhamento que recebeu do Pastor foi “ – Conselho espiritual, oração e que a gente tem orar ter paciência. E não fazer nada precipitado. Ter calma contar até dez” [*sic*]. Mesmo com este conselho que recebeu, Esmeralda acredita que a religião pode oferecer auxílio para mulheres em situação de violência doméstica: “ – Porque o pastor nos ensina que temos que ser submissa ao esposo. Temos que conhecer bem a pessoa a qual vai conviver. Porque temos o círculo de oração de mulher e aprendemos que podemos vencer. Como a gente ser e aprendemos a conviver e ser livre de todo o mal” [*sic*]. Claramente, o Pastor da Igreja que Esmeralda frequenta aconselha as mulheres de sua comunidade a suportarem a violência doméstica em nome da submissão ao marido. E Esmeralda, com toda a

²⁵⁷ ANA Paula Valadão. *A tua vontade*. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/diante-do-trono/a-tua-vontade.html>>. Acesso em: 29 dez 2012. (sem página)

submissão aprendida, continua frequentando sua Igreja “ – Porque temos que ter amor. Perdoar quem nos ofende. E aprendermos amar a Deus e conversar com ele. Pois sempre existe solução” [sic]. A canção que Esmeralda escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Amor covarde* (Jorge e Mateus). Eis o texto da canção:

Quando a gente fica junto, tem briga / Quando a gente se separa,
saudade / Quando marca um encontro, discute / Desconheço um amor
tão covarde / Não vou mais me preocupar com a situação / A gente se
abraça, se beija com tanta ternura / Mas sempre surge qualquer coisa
de errado do tipo sem ter nem porquê / Detalhes que somente o tempo
pode resolver / Se o erro for meu eu assumo, não quero saber / Te
peço milhões de desculpas se preciso for / Não meço limite, distância /
Faço qualquer coisa pra não te perder / Espero que você também seja
capaz de fazer²⁵⁸

Vale observar que, na época da pesquisa, esta canção era tema de duas personagens (Celeste e Baltazar) da telenovela *Fina Estampa* da Rede Globo de Televisão. A personagem Celeste era repetidamente agredida pelo marido na trama, mas sempre acabavam se reconciliando. Outro dado relevante relacionado à Esmeralda foi a sua ausência ao primeiro atendimento. Ela não pôde comparecer porque tinha sido agredida fisicamente pelo companheiro na noite anterior à sessão a ponto de ficar hospitalizada. Não foi observado nenhum progresso emocional significativo em Esmeralda. Seu tratamento não pôde ser concluído, pois compareceu apenas nas sessões três e quatro de Musicoterapia.

Como podemos observar no apêndice C, referente às respostas do questionário um, Cristal demonstrou estar passando por um quadro depressivo e de ansiedade leves. Ela demonstrou estar com a autoestima abalada no que se refere ao julgamento social, como sentimentos de culpa e vergonha, porém, ainda importa-se e cuida de sua aparência física. Cristal mostrou ser uma mulher com certa autonomia. Ela denomina-se Católica e acredita que a religião pode oferecer auxílio para mulheres em situação de violência doméstica, porém não justificou sua resposta. A canção que Cristal escolheu para representá-la, como sua identidade, foi *Solidão de amigos* (Jessé). Eis o texto da canção:

Lenha na fogueira, lua na lagoa / Vento na poeira, vai rolando à toa / A
cantiga espera quem lhe dê ouvidos / A viola entoa, solidão de amigos /

²⁵⁸ JORGE e Mateus. Amor covarde. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/amor-covarde.html>>. Acesso em: 29 dez 2012. (sem página)

A saudade lembra de lembranças tantas / Que por si navegam nessas
 águas mansas / Quando a cachoeira desce nos barrancos / Faz a
 várzea inteira se encolher de espanto / Lenha na fogueira, luz de
 pirilampos / Cinzas de saudades voam pelos campos / A saudade
 lembra de lembranças tantas / Que por si navegam nessas águas
 mansas²⁵⁹

Esta canção traduz musicalmente o que Cristal relatou verbalmente em sua entrevista (subitem 3.1.2.1). Sente-se abandonada, não-amada, usada pelas pessoas ao seu redor: “ – Me sinto um capacho” [*sic*]. No entanto, ela demonstra guardar muita ternura dentro de si e vontade de ser feliz. Seu desenvolvimento emocional estava sendo positivo, mas seu tratamento não pôde ser concluído, pois a última sessão de Musicoterapia ao qual Cristal compareceu foi a de número onze.

4.2 Igreja atuante e sem omissão

A Biologia não é um destino, mas, como o mar, é um começo. Os mistérios da biologia feminina dominaram a arte e a religião, assim como a organização social, por ao menos 200.000 anos de vida humana sobre a terra.²⁶⁰

As desigualdades de gênero tornam as mulheres mais suscetíveis à violência e suas consequências. Mas estas desigualdades não são algo natural, fruto da biologia, ou das diferenças entre os corpos feminino e masculino. São, isto sim, produto de diferentes formas históricas de organização entre os seres humanos que, aos poucos, foram sendo institucionalizadas na forma de papéis de gênero. Vivemos em uma sociedade com estrutura patriarcal, onde as mulheres estão subordinadas aos homens e os jovens estão subordinados aos homens mais velhos²⁶¹. Para se fazer valer o patriarcalismo, os homens ditam e

²⁵⁹ JESSÉ. Solidão de amigos. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jesse/solidao-de-amigos.html>>. Acesso em: 29 dez 2012. (sem página)

²⁶⁰ MOR, Barbara; SJÖÖ, Monica *apud* GEBARA, Ivone. A religião e a mulher: papel da religião em relação à mulher e da mulher em relação à religião. *In: GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010. p. 42.

²⁶¹ NARVAZ, Martha. A história das desigualdades de gênero. *In: Negrão T. (org.), Violência*

determinam as normas sociais. Porém, quando alguém – geralmente as mulheres – se desvia desse padrão de *conduta social correta*, eles fazem uso de violência, seja física ou psicológica, e recebem um certo tipo de *autorização* ou, pelo menos, *tolerância* da sociedade em geral para punir o que percebem como desvio²⁶².

A antropóloga mexicana, Marcela Lagarde, no livro *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, afirma que as mulheres vivem em cativeiros²⁶³. Estes cativeiros são impostos por determinados padrões aceitáveis e socialmente inquestionáveis. Segundo a autora, conforme os círculos particulares de vida – os cativeiros – das mulheres, criam-se cinco definições diferentes do estereótipo feminino: *madresposas* – possuem uma sexualidade reprodutiva e relação de dependência vital, por meio da maternidade, da filiação e do matrimônio; as *monjas* – são mães universais e estabelecem vínculo conjugal sublimado com o poder divino. Encarnam a negação sagrada da madrepósua e da puta. Dependência e servidão à um Outro todo poderoso e adorado; as *putas* – concretizam o desejo feminino negado. Especializam-se social e culturalmente na sexualidade proibida. Encarnam a poligamia feminina e são o objeto da poligamia masculina; as *presas* – concretizam a prisão genérica de todas as mulheres, tanto material como subjetivamente: a casa é privação de liberdade. Sua prisão é exemplar para as demais; e, por fim, as *loucas* – atuam na loucura genérica de todas as mulheres, cujo paradigma é a racionalidade masculina. As mulheres enlouquecem de tão mulheres que são, e também porque não podem ser plenamente, ou para não ser.²⁶⁴ As mulheres não são ensinadas e estimuladas sobre sua própria sexualidade, autonomia e direitos. Estes padrões de comportamentos sociais as tornam vulneráveis às diversas formas de violência. Elas são desapropriadas de seu ser erótico, de seu próprio corpo, pois este corpo só tem uma função: o de servir à outro, ora à prole, ora ao prazer deste outro. Marcela Lagarde afirma que:

contra a mulher: As políticas públicas de âmbito municipal. Cachoeirinha: Prefeitura Municipal: Coordenadoria Municipal da Mulher, 2006. p. 25.

²⁶² SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16), 2001. p. 121.

²⁶³ LAGARDE, Marcela; RÍOS, de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. p. 38.

²⁶⁴ LAGARDE, 2005. p. 38-40.

Assim, todas as mulheres são reféns de seu *corpo para outro*, de procriação ou erótico, e seu *ser para outro*, vivida como sua necessidade de relações de dependência vital e submissão ao poder e à outros. Todas as mulheres, bem ou mal, tal como definido pela norma, são politicamente inferiores aos homens e entre si. Por seu ser de si para outros, filosoficamente definidas como entidades incompletas, como território, pronto para ser ocupado e dominado por outros no mundo patriarcal.²⁶⁵

As mulheres que participaram desta pesquisa, cada uma com sua história e particularidades, estão inseridas em pelo menos um destes cativeiros citados por Marcela Lagarde. “Casa, convento, bordel, prisão e manicômio são espaços de cativeiros específicos das mulheres. A sociedade e a cultura compulsivamente fazem cada mulher ocupar um destes espaços e, por vezes, mais de um.”²⁶⁶ Assim como a sociedade, a cultura, a política, o patriarcado, entre outros, as religiões também podem contribuir para a criação e manutenção destes cativeiros. As Igrejas não estão isentas dos atos de violência doméstica, pois nelas também é reproduzida a violência de gênero: “A mulher é vulnerável no interior do sistema religioso, pois este se utiliza [...] de um apelo à Bíblia para justificar essas ações, como se Deus aprovasse comportamentos violentos.”²⁶⁷

No caso de Esmeralda, ficou claro que a Igreja a qual ela pertence, representada pela figura do Pastor, foi completamente omissa e até mesmo conivente com as rotineiras agressões cometidas por seu companheiro. De acordo com seus relatos, em nenhum momento ela foi aconselhada a procurar seus direitos, a romper a relação abusiva, a buscar a sua humanidade e dignidade enquanto mulher. Ao contrário, os únicos conselhos religiosos que ela recebeu foram para orar, ter paciência, perdoar e ser submissa ao marido. A justificativa para tal atitude são os textos sagrados. São incontáveis os prejuízos causados às mulheres quando a Bíblia é lida de uma forma crua, sem contextualizar seus textos:

Leituras literais dos textos das Escrituras Sagradas continuam sendo realizadas no âmbito das Igrejas. Atos de violência e atentados contra os Direitos Universais são cometidos dominicalmente nos púlpitos e nas relações pastorais desastrosas estabelecidas com as mulheres.²⁶⁸

²⁶⁵ LAGARDE, 2005. p. 41.

²⁶⁶ LAGARDE, 2005. p. 40.

²⁶⁷ CAVALCANTE; SOARES. 2009. p. 57.

²⁶⁸ CAVALCANTE; SOARES, 2009. p. 61.

Coincidência ou não, Esmeralda foi a participante que menos conseguiu se engajar nos atendimentos de Musicoterapia, tendo como consequência uma evolução praticamente nula.

Turquesa também recebeu como retorno ao seu pedido de ajuda a omissão de sua Igreja. O Padre simplesmente ignorou o caso de Turquesa, como se não merecesse importância. Ela, que solicitou uma visita em sua casa para que o Padre pudesse aconselhar o casal, não obteve sequer uma explicação do porquê seu pedido não foi contemplado. A Igreja, neste caso, foi omissa sem nem tentar disfarçar esta omissão:

As Igrejas podem corroborar com esse estado de coisas quando compactuam com a cultura do silêncio, negando a própria existência da violência, quando se omitem em relação a essa prática, recusando-se a denunciá-la e a seus autores e, também, as estruturas injustas que mantêm e disseminam esse pecado.²⁶⁹

Como consequência, Turquesa relatou acreditar que a Igreja Católica não é “ – unida como as outras religiões” [*sic*]. Ou seja, ela desacreditou daquele lugar onde sempre buscou apoio, conforto e esperança. Sentiu-se abandonada. Ametista, apesar de não ter procurado auxílio na Igreja Católica, também tem a opinião de que esta é relativamente omissa ao tema da violência doméstica contra as mulheres. Ela acredita que os Padres deveriam fazer “ – Mais propaganda” [*sic*] sobre o assunto.

No entanto, nem todas as participantes trouxeram relatos de Igrejas omissas em relação à violência doméstica contra as mulheres. Jade e Rubi, ambas Evangélicas, receberam de seus respectivos Pastores conselhos positivos, incentivando-as a tomar uma atitude e sair da inércia da relação violenta. Com isto, elas encontraram na fé mais uma forma de se desvencilharem da violência. “As Igrejas desempenham importante papel diaconal na sociedade: consolando, ensinando, acolhendo, celebrando e engajando-se política e socialmente.”²⁷⁰ Os conselhos positivos destes Pastores as trouxeram ainda mais para dentro da comunidade religiosa, pois sentiram-se acolhidas, compreendidas e não julgadas. Rubi relatou que frequenta sua Igreja porque assim se sente mais encorajada a viver. Jade, por sua vez, frequenta regularmente a sua Igreja porque isso a faz ficar em paz consigo.

²⁶⁹ CAVALCANTE; SOARES, 2009. p. 54.

²⁷⁰ CAVALCANTE; SOARES, 2009. p. 61.

Para serem atuantes, as Igrejas devem realizar políticas de prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres. Com caráter educativo e preventivo, pode promover para a comunidade, por exemplo, debates sobre o tema, inclusive sobre os aspectos legais; refletir sobre o papel da Igreja na causa e também no apoio às mulheres que sofrem violência doméstica; promover debates sobre as novas configurações das relações familiares e sobre as relações de gênero; inserir os homens da comunidade religiosa ativamente no debate e engajamento da prevenção da violência doméstica. Quando a violência já está perpetrada, as Igrejas podem promover ações de enfrentamento, tais como acolher e proteger a mulher e seus/suas filhos/as; denunciar a violência; congregar as novas configurações familiares.²⁷¹ Por vezes, as Igrejas silenciam sobre a violência doméstica quando:

Permitem que persistam interpretações e ensinamentos que, em muitos casos, transformam a mulher em causa do pecado, legitimando, assim, seu papel secundário; Adotam um modelo patriarcal e hierárquico centralizado no homem em detrimento ao pleno uso do potencial que Deus outorgou às mulheres de serem parceiras de igual para igual na missão e nos ministérios da Igreja; Prescrevem a maneira de como a mulher deve vestir-se e comportar-se, assim como os papéis que lhe correspondem, confinando-as em uma posição específica e limitada [...] Negam às mulheres a igualdade de oportunidades no que diz respeito a ocupar cargos de direção, a participar nas instâncias decisórias e no ministério ordenado.²⁷²

Marcela Lagarde afirma que as relações das mulheres com o poder são do tipo religiosas, pois baseiam-se em fatores subjetivos do desamparo infantil genérico das mulheres, expressando seu desamparo social (opressão, como dependência e sujeição). Elas necessitam do reconhecimento e da relação direta com o pai simbólico e com os pais reais (cônjuge, pai, irmão, amigo, instituições de poder) para existir social e subjetivamente. A necessidade emocional criada nas mulheres para mantê-las dependentes e infantilizadas e também como *seres para os outros*, fazem-nas sentir uma espécie de vazio que, muitas vezes, buscam preencher na religião, no *ser uma com o todo*. Por isso, as mulheres buscam estabelecer relações simbióticas com os outros, *ser dos outros* e

²⁷¹ CAVALCANTE; SOARES, 2009. p. 61.

²⁷² SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: Plano de ação para as igrejas*. Tradução de Brunilde Arend Tornquist; Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 46.

envolver-se e fundir-se com os outros.²⁷³ “Na relação religiosa com Deus se manifesta a relação religiosa de todas as mulheres com o poder, como uma relação de sujeição dependente e servil a um Outro todo poderoso e adorado.”²⁷⁴

Muitas mulheres que sofrem o drama da violência doméstica buscam apoio, auxílio e conforto na comunidade religiosa à que pertencem. Para livrarem-se das amarras da omissão e serem realmente atuantes, as Igrejas, representadas por seus/suas líderes religiosos/as, devem tomar atitudes tais como fazer com que a mulher agredida sintam-se segura e acolhida para falar. Abordar o tema, distribuir materiais informativos etc, farão com que a pessoa que sofre violência se aproxime com mais facilidade. Também é fundamental acreditar no relato da mulher. Muitas vezes, o agressor faz parte da mesma comunidade religiosa e, perante os/as outros/as, demonstra ser o oposto do que a mulher relata. Mas é importante compreender que esta é uma característica da maioria dos agressores. Não culpar a mulher que sofre violência talvez seja um dos pontos mais importantes. As religiões estão repletas disso. Já está na hora de mudar o discurso. É necessário deixar claro para esta mulher que a culpa pela violência sofrida não é e nunca será dela, e sim de quem a agrediu. Deve-se também respeitá-la, apoiá-la e oferecer os recursos disponíveis, como centros de referência da mulher, delegacia da mulher, disque 180, entre outros.²⁷⁵

Quando uma mulher que sofre violência busca apoio em sua Igreja, é porque ela acredita que aquela pessoa que a representa a ajudará a chegar mais próxima de Deus, da esperança, da cura das feridas, do entendimento, do recomeço. Quando este/a líder religioso/a torna-se omissivo/a, é como se esta mulher fosse novamente agredida. Pois, da mesma forma que o companheiro, pai, irmão, filho etc que a agrediu, a Igreja, em quem ela também confiava, a traiu e abandonou. Encerro este capítulo com a *Oração Para Quem Sofre Por Causa de Estupro e Agressão*, de autoria anônima, retirada do livro *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: Plano de ação para as igrejas*, de Priscilla Singh. Deixo aqui como proposta para os/as líderes religiosos/as fazerem uso desta oração ao se depararem com esta situação tão triste e delicada que é a violência doméstica contra as mulheres:

²⁷³ LAGARDE, 2005. p. 175-176.

²⁷⁴ LAGARDE, 2005. p. 39.

²⁷⁵ SINGH, 2005. p. 54-55.

Deus de amor, escuta minha oração. Venho a ti, machucada e exausta, com raiva e triste. Acolhe-me em teus braços e enxuga minhas lágrimas. Ajuda-me a entender que essa loucura não foi obra minha. Caminha comigo pelo longo vale da escuridão. Fica comigo quando me sinto sozinha. Consola meu coração porque neste momento o dom da vida que me destes está além dos meus próprios sentimentos e inclusive do meu próprio conhecimento. Mostra-me como aceitar o cuidado de quem me ama e ora por mim, sobretudo quando eu mesma não consigo encontrar palavras para orar. Derrama sobre mim o espírito de cura, carinhoso Deus, para que meu espírito respire de novo e então reviva e volte a sentir esperança e amor. Peço-te por isso e por tudo o que tu vêes que necessito. Amém.²⁷⁶

²⁷⁶ SINGH, 2005. p. 58.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa constata-se que a Musicoterapia pode ser um instrumento eficaz para tratar os danos emocionais em mulheres decorrentes da violência doméstica. A particularidade da música como linguagem não-verbal auxilia muito este processo, pois acessamos o trauma de forma inconsciente. Isso sucedeu-se várias vezes durante a pesquisa. A música, principalmente quando trabalhada terapeuticamente em grupo, possui um grande fator agregador. Todas as pessoas precisam *estar* no mesmo ritmo, melodia, andamento, tom, enfim, todas as pessoas estão *dentro* da mesma música. Com as participantes da pesquisa, estar *dentro* da mesma música proporcionou a elas a criação de uma identificação, uma espécie de solidariedade e um vínculo. No entanto, para fazer uso da Musicoterapia como instrumento de reabilitação emocional de mulheres que viveram situações de violência doméstica, é necessário sempre estar com um olhar direcionado para as questões de gênero, tornando-a uma Musicoterapia com perspectivas feministas.

Neste ponto, a Teologia Feminista contribuiu solidamente, pois no contexto brasileiro, até mesmo aquela pessoa que se diz distante de religiões, de alguma forma ou outra, tem sua vida atravessada pelas morais religiosas. Quando se trata de mulheres então, a questão é ainda mais intensa. Todas as participantes da pesquisa relataram alguma espécie de vínculo religioso.

Com esta pesquisa, também pôde-se concluir que as participantes que receberam conselhos espirituais negativos ou obtiveram apenas a omissão de sua Igreja, tiveram resultados piores do que as participantes que receberam apoio de seus líderes espirituais ou apenas não procuraram nenhuma Igreja.

A Igreja não pode manter-se inerte em relação à violência doméstica. Se no Brasil uma em cada quatro mulheres sofre e/ou já sofreu algum tipo de violência, quantas mulheres estão nesta situação dentro de uma comunidade? As Igrejas devem tomar como responsabilidade a capacitação e a qualificação de seus/suas líderes religiosos/as para atender e acolher as mulheres que (con)vivem com a violência doméstica. Elas necessitam sentir-se seguras – tanto em relação ao sigilo quanto em relação a não julgamentos preconceituosos:

A mulher que procura auxílio e que, ao mesmo tempo, tem dificuldade de compreender a relação de violência da qual participa, precisa que sua história seja reconhecida como verdadeira [...] necessita que o/a aconselhador/a pastoral compreenda e acredite no seu discurso. Consequentemente, isto significa também receber encaminhamentos práticos, como, por exemplo, endereços de casa abrigo, telefones de auxílio e encaminhamentos necessários.²⁷⁷

No entanto, é preciso estar atento/a a todos os aspectos que envolvem a violência doméstica, como os ciclos da violência e as ameaças do homem com comportamento agressivo, por exemplo. É bastante comum que a mulher busque ajuda na sua Igreja e que depois, *arrependa-se* deste ato. Em alguns casos, podem até mesmo se distanciar de sua comunidade, para não precisar explicar o porquê desta *nova chance ao seu relacionamento e casamento*. Mas se o/a conselheiro/a espiritual tiver conhecimento de todas as questões complexas que estão envolvidas em uma relação abusiva, não fará (pré)julgamentos e saberá como continuar acolhendo e aconselhando esta mulher.

²⁷⁷ BERGESCH, 2006. p. 129.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

_____. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ACORDA Cidade. *Caso New Hit*: ginecologista confirma estupro e perda da virgindade. Post publicado em: 30 ago 2012. Disponível em: <<http://www.acordacidade.com.br/noticias/95366/caso-new-hit-ginecologista-confirma-estupro-e-perda-da-virgindade.html>>. Acesso em: 23 nov 2012.

ALCIONE, Maria da Penha. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/alcione/maria-da-penha.html>>. Acesso em: 12 nov 2012.

ALEXANDRE, D. Apresentação do livro de GEBARA, Ivone. *Teología a ritmo de mujer*. Madrid: San Pablo, 1995.

ANA Paula Valadão. *A tua vontade*. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/diante-do-trono/a-tua-vontade.html>>. Acesso em: 29 dez 2012.

AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*. Tradução de Rodrigo Contrera. São Paulo: Edições Paulinas, 1997.

_____. Teologia feminista latinoamericana. *In: Revista Cristianismo Y Sociedad*. vol. 36. no. 135/136. Logroño: Universidad de La Rioja, 1998.

ARAÚJO, Claudete Ribeiro de. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. *In: Luiz Carlos Susin (org.). Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

_____. Falas de violência e o imaginário religioso. *In*: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

BLASCO, Serafina Poch. *Compendio de Musicoterapia*. vol. I. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002.

_____. *Compendio de Musicoterapia*. vol. II. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002.

BLOGUEIRAS Feministas. *Beatles e o machismo*. Post publicado em: 17 nov 2011. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/11/musicas-beatles/>>. Acesso em: 10 dez 2012.

_____. *Seis anos de Lei Maria da Penha*. Post publicado em: 7 ago 2012. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/08/seis-anos-de-lei-maria-da-penha/>>. Acesso em: 17 nov 2012.

BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. *In*: Luiz Carlos Susin (org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo Musicoterapia*. Tradução de Mariza Velloso Fernandez Conde. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BUSCEMI, Maria Soave. Do Egocentrismo ao Ecocentrismo: Passos para uma Teologia Ecofeminista. *In*: *Revista Caminhos: História Cultural e Religião*. vol. 1. no. 1. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

CALABRESE, Cora Ferro et al. *Mujer, Sexualidad y Religión: Hasta Cuándo..., Señor?* Equador: CLAI, 1998.

CAMEJO, Josiani Irigoyen. *Forte e Feminina: A Musicoterapia como Articuladora de Mudanças à Mulher em Situação de Violência*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Musicoterapia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010.

CAVALCANTE, Arthur; SOARES, Ilcéia A.; Violência de gênero contra mulheres e meninas: desafio e compromisso das igrejas. *In*: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

CHRIST, Carol P. *Why Women Need the Goddess: Phenomenological, Psychological and Political Reflections*. In: CHRIST, Carol P; PLASKOW, Judith. *Womanspirit Rising*. New York: Harper and Row, 1979.

_____. Por qué las Mujeres Necesitan a la Diosa: Reflexiones Fenomenológicas, Sicológicas y Políticas. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJØRUP, Lene (org.). *Del cielo a la tierra: Una antología de teología feminista*. Série Crítica Cultural Feminista. Santiago: Sello Azul, 1994.

CIA do Pagode. Na boquinha da garrafa. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/cia-do-pagode/na-boquinha-da-garrafa.html>>. Acesso em: 28 nov 2012.

CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir. vol./no. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010.

COHRE – Centre on Housing Rights and Evictions. *A Place in the World: The Right to Adequate Housing as an Essential Element of a Life Free from Domestic Violence*. Disponível em: <<http://www.cohre.org/news/documents/a-place-in-the-world-the-right-to-adequate-housing-as-an-essential-element-of-a-life->>. Acesso em: 27 jun 2011.

CORNAGLIA, Graciela Patrícia. *Prevenção à Violência contra as Mulheres*. Caderno 1. São Leopoldo: Con-Texto, 2010.

CORNAGLIA, Graciela Patrícia; SANTOS, Karine dos. *Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Caderno 2. São Leopoldo: CEBI, 2010.

DALY, Mary. El cristianismo: una historia de contradicciones. In: RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJØRUP, Lene (org.). *Del cielo a la tierra: Una antología de teología feminista*. Série Crítica Cultural Feminista. Santiago: Sello Azul, 1994.

DEFENSORIA Pública do Estado de São Paulo. *Lei Maria da Penha: sua vida recomeça quando a violência termina – estímulo à aplicação da Lei nº 11.340/2006*. São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa, 2011. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=8&ved=0CFgQFjAH&url=http%3A%2F%2Fwww.defensoria.sp.gov.br%2Frepositorio%2F>>

[0%2FCartilha%2520Lei%2520Maria%2520da%2520Penha.pdf&ei=DHylUMi9H-PA0AGnuYHYCA&usg=AFQjCNEPhxgKa0rrEES87Lrs3vZpu4CbNw&sig2=diyK Af_yHPyhPuy-jVIO2w>](#). Acesso em: 15 nov 2012.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. *In*: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Corrente do Ecofeminismo propõe fim da sociedade patriarcal. *In*: *Poiésis – Literatura, Pensamento & Arte*. no. 154. 2009. Disponível em: http://www.jornalpoiesis.com/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=348&Itemid=50>. Acesso em: 30 dez 2011.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *En memoria de ella*. Bilbao: Desclée, 1989.

_____. *As Origens Cristãs A Partir Da Mulher: Uma nova hermenêutica*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

FORSTER, Susan Christina. Música: tortura e maus-tratos. *In*: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). *Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

FREGTMAN, Carlos Daniel. *Corpo, Música e Terapia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultrix, 1989.

G1 Globo.com. *Bom Dia Brasil relembra detalhes do caso Eliza Samudio*. Post publicado em: 19 nov 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/11/bom-dia-brasil-relembra-detalhes-do-caso-eliza-samudio.html>>. Acesso em: 23 nov 2012.

GASTON, Thayer E. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Edições Paulinas, 1994.

_____. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho d`Água, 1997.

_____. *O que é Teologia Feminista*. Coleção Primeiros Passos, 326. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. Corporeidade e Gênero: uma perspectiva ecofeminista. *In: GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

_____. Quando as mulheres atraem violência. *In: GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GROSSI, Patrícia Krieger. Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. *In: GROSSI, Patrícia Krieger (org.). Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

HADLEY, Susan (org.). *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006.

HALKES, Catharina J. M.; MEYER-WILMES, Hedwig. Teologia feminista; feminismo; movimento feminista. *In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HUGUET, Vicente Sanjosé; VERCHER, Francisco Blasco. Música y Afectividad: La música como medio de exploración de las emociones humanas. *In: TORO, Mariano Betés de (org.). Fundamentos de musicoterapia*. Madrid: Morata, 2000.

HUNT, Mary E. Religião e Violência contra as Mulheres: Diferentes causas, Compromisso comum. *In: OROZCO, Yury Puello (org.). Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2009.

JESSÉ. Solidão de amigos. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jesse/solidao-de-amigos.html>>. Acesso em: 29 dez 2012.

JOÃO Bosco. Gol Anulado. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/joao-bosco/gol-anulado.html>>. Acesso em: 09 dez 2012.

JOÃO Mineiro e Marciano. Ser mulher. *In: Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/joao-mineiro-e-marciano/1878925/>>. Acesso em: 28 dez 2012.

JORGE e Mateus. Amor covarde. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/amor-covarde.html>>. Acesso em: 29 dez 2012.

JORNAL VS. *Centro Jacobina está em novo local em São Leopoldo*. Post publicado em: 10 abr 2011. Disponível em: <<http://www.jornalvs.com.br/cotidiano/264746/centro-jacobina-esta-em-novo-local-em-sao-leopoldo.html>>. Acesso em: 12 dez 2012.

JUSBRASIL Tópicos: *Corpo de Delito*. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/291084/corpo-de-delito>>. Acesso em: 19 mai 2011.

KOLLER, Silvia Helena; NARVAZ, Martha Giudice. Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política. *In: Revista Psicologia em Estudo*. vol. 11. no. 3. Paraná: Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.dpi.uem.br/rpe/>>. Acesso em: 25 out 2012.

KROB, Daniéli Busanello. *Comigo não, violão!:* Musicoterapia com Mulheres em Situação de Violência Doméstica. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Musicoterapia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010.

LAGARDE, Marcela; RÍOS, de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

LANGER, Susan *apud* BLASCO, Serafina Poch. *Compendio de Musicoterapia*. vol. I. 2. ed. Barcelona: Herder, 2002.

LAZARIN, Cleide. Ecofeminismo: uma hermenêutica feminista. *In: Fontes e Caminhos Ecofeministas*. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

LÁZARO. Vai mudar. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/lazaro/vai-mudar.html>>. Acesso em: 28 dez 2012.

LEÃO, Eliseth Ribeiro. Por uma compreensão e inserção da música no cuidar.

In: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). *Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

LEI nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>.
Acesso em: 27 jun 2011.

LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A Casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

LOLITTAS. Terrorismo Machista. In: *Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://www.letrasdemusicas.tv/1355312/letra-terrorismo-machista-lolittas/>>. Acesso em: 04 dez 2012.

LÓPEZ, Maricel Mena. *A força da solidariedade: O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista*. Série Mosaicos da Bíblia. Tradução de Jane Falconi F. Vaz; José Adriano Filho. Rio de Janeiro: Koinonia, 1995.

_____. Ecofeminismo e cultura negra. In: *Várias Autoras. Fontes e Caminhos Ecofeministas*. no. 175/176. Série A Palavra na Vida. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

_____. *Corpos (i)maculados: Um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas*. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

_____. *Sou negra e formosa: raça, gênero e religião*. In: MUSSKOPF, André S; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MÁRIO Lago. *Ai que saudades da Amélia*. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em:
<<http://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html>>.
Acesso em: 03 jan 2013.

MARTÍNEZ, Raquel Carmen Riquelme. *Rompendo velhas mortalhas: a violência contra a mulher e sua relação com o Imaginário Androcêntrico de Deus na Igreja Metodista do Chile*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004.

MCCLELLAN, R. *apud* LEÃO, Eliseth Ribeiro; SILVA, Maria Júlia Paes da. Sobre o cuidar ampliado. *In: LEÃO, Eliseth Ribeiro (org.). Cuidar de Pessoas e Música: uma visão multiprofissional.* São Caetano do Sul: Yendis, 2009.

MENDES, Jones T. *Alguns traços acerca da Teologia Feminista.* 2008. Disponível em: <<http://www.fraternidadesul.org.br/artigo08005.html>>. Acesso em: 12 jul 2011.

METRO 1. *Entre apoios à New Hit, fã diz que pagodeiros são 'irresistíveis'.* Post publicado em: 28 ago 2012. Disponível em: <<http://www.metro1.com.br/portal/?varSession=noticia&varId=17121>>. Acesso em: 23 nov 2012.

MIGUEL, V.; NAVARRO, M. *Diez palabras clave en teologia feminista.* Navarra: Verbo Divino, 2004.

MIX Notícias Pedro Leopoldo. *Mata a própria mãe, coloca fogo no corpo e se entrega à Polícia de Capim Branco.* Post publicado em: 14 ago 2012. Disponível em: <<http://pachecodesouza.blogspot.com.br/2012/08/mata-propria-mae-coloca-fogo-no-corpo-e.html>>. Acesso em: 24 nov 2012.

MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth. *Hablar de Dios como mujer y como hombre.* Madri: PPC, 1991.

MOR, Barbara; SJÖÖ, Monica *apud* GEBARA, Ivone. A religião e a mulher: papel da religião em relação à mulher e da mulher em relação à religião. *In: GEBARA, Ivone. Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos.* Antologia de textos. São Bernardo do campo: Nhanduti, 2010.

MUTZENBERG, Maria Helena da Silva. Uma Hermenêutica de Gênero. *In: FRIGÉRIO, Tea et al. Hermenêutica Feminista e Gênero.* Série A palavra na vida. no/vol 155/156. São Leopoldo: CEBI, 2000.

NARVAZ, Martha Giudice. A história das desigualdades de gênero. *In: Negrão T. (org.), Violência contra a mulher: As políticas públicas de âmbito municipal.* Cachoeirinha: Prefeitura Municipal: Coordenadoria Municipal da Mulher, 2006.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e Hermenêutica Feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. *In: FRIGÉRIO, Tea et al. Hermenêutica Feminista e Gênero. Série A palavra na vida. no/vol 155/156. São Leopoldo: CEBI, 2000.*

NOEL Rosa. Mulher Indigesta. *In: Vagalume: Letras de Músicas.* Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/noel-rosa/mulher-indigesta.html>>. Acesso em: 07 dez 2012.

O TEATRO Mágico. De Ontem em Diante. *In: Vagalume: Letras de Músicas.* Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/de-ontem-em-diante.html>>. Acesso em: 12 dez 2012.

_____. Fiz Uma Canção Pra Ela. *In: Vagalume: Letras de Músicas.* Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/fiz-uma-cancao-para-ela.html>>. Acesso em: 11 dez 2012.

_____. Esse mundo não vale o mundo. *In: Vagalume: Letras de Músicas.* Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/esse-mundo-nao-vale-o-mundo.html>>. Acesso em: 21 dez 2012.

OBSERVATÓRIO Brasil da Igualdade de Gênero. *Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil.* Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>>. Acesso em: 21 nov 2012.

OROZCO, Yury Puello. Violência, religião e direitos humanos. *In: OROZCO, Yury Puello (org.). Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.*

OTTERMANN, Mônica. As águas mansas de Siloé – um mergulho ecofeminista em questões de vida e morte. *In: Fontes e Caminhos Ecofeministas. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.*

PAIXÃO, Márcia Eliane Leindcker da. *A experiência educativa da extensão na Faculdades EST analisada sob a perspectiva da hermenêutica feminista.* Tese de Doutorado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. Disponível em: <http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=1851>. Acesso em: 25 out 2012.

PAZ, Nivia Ivette Núñez de la. *Da violência de gênero para relações humanizadas: guia regional*. São Leopoldo: CEBI, 2010.

PEPEU Gomes. Masculino e Feminino. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/pepeu-gomes/masculino-e-feminino.html>>. Acesso em: 14 jul 2011.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Remover pedras, plantar roseiras, fazer doces: por um ecossocialismo feminista*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

PESQUISA Fundação Perseu Abramo. *Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado 2010*. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-es>>. Acesso em: 17 nov 2012.

PITTY. Desconstruindo Amélia. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.htm>>. Acesso em: 03 jan 2013.

PORTALCT. *Mães agredidas pelos filhos pedem para que eles não sejam presos, diz delegada*. Post atualizado em: 14 mai 2012. Disponível em: <<http://www.portalct.com.br/estado/2012/05/11/43627-maes-agredidas-pelos-filhos-pedem-para-que-eles-nao-sejam-presos-diz-delegada>>. Acesso em: 24 nov 2012.

PRAGMATISMO Político. *Bispo sugere que mulheres só são estupradas quando querem*. Post publicado em: 20 jun 2011. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/06/absurdo-bispo-sugere-que-mulheres-so.html>>. Acesso em: 23 nov 2012.

PRIMAVESI, Anne. *Do Apocalipse ao Gênesis: Ecologia, Feminismo e Cristianismo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1996.

REIMER, Ivoni Richter. Mulheres nas origens do cristianismo. *In: Revista Caminhos: História Cultural e Religião*. vol. 9. no. 1. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2011. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/issue/view/97/showToc>>. Acesso em: 25 out 2012.

REMER, Pamela; WORELL, Judith *apud* YORK, Elizabeth. Finding Voice: Feminist Music Therapy And Research With Women Survivors of Domestic Violence. In: HADLEY, Susan (org.). *Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006.

RESS, Mary Judith. O crescimento do ecofeminismo na América Latina. In: *Revista HIU on-line: O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. no. 304. Ano IX. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_antecedentes&secao=405>. Acesso em: 25 out 2012.

RITA Lee. Pagu. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/rita-lee/pagu.html>>. Acesso em: 11 dez 2012.

ROBERTO Carlos. Quando a gente ama. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/quando-a-gente-ama.html>>. Acesso em: 26 dez 2012.

ROESE, Anete. Corporeidade no espaço relacional – interpretações a partir do Acompanhamento Pastoral Terapêutico Feminista. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

_____. A subjetividade do discurso patriarcal sobre o lugar da mulher e da natureza: uma leitura ecofeminista. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI*. Coleção Estudos da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião: Rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. Tradução de Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. 3 ed. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu* (16), 2001.

SAIA Rodada. Tapa na cara. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/saia-rodada/tapa-na-cara.html>>. Acesso em: 28 nov 2012.

SANTISO, Porcile M. T. *Con ojos de mujer*. Uruguai: Doble Clic, 1997.

SANTOS, Odja Barros. *Uma Hermenêutica Feminista e Simbólica do Pentecostes: uma leitura de Atos 2. 1-13 a partir da mulher*. Monografia de Especialização em Assessoria Bíblica. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2006.

_____. *Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência*. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2010.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 3 ed. Recife: S.O.S. CORPO, 1996.

SECRETARIA de Políticas para as Mulheres. *Lei Maria da Penha: Breve histórico*. Disponível em: <<http://www.sepm.gov.br/subsecretaria-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres/lei-maria-da-penha/breve-historico>>. Acesso em: 17 nov 2012.

SILVA, Silvia Regina de Lima. *Abriendo Caminos, Teología Feminista e Teología Negra Feminista Latinoamericana*. *In: Revista Magistro*. vol. 1. no. 1. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055>>. Acesso em: 5 dez 2011.

SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: Plano de ação para as igrejas*. Tradução de Brunilde Arend Tornquis; Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SKA-P. Violência machista. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ska-p/violencia-machista.html>>. Acesso em: 04 dez 2012.

SOUZA, Sandra Duarte de. *Teo(a)logia, Ética e Espiritualidade Ecofeminista: uma análise do discurso*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo:

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 1999.

SOUZA FILHO, Augusto Bello. *A Teologia Feminista*. 2004. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>. Acesso em: 12 jul 2011.

SPRETNAK, Charlene. Ecofeminism: Our Roots and Flowering. In: DIAMOND, Irene; ORENSTEIN, Gloria. *Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990.

STEEGMANN, Laura. *Teologia Feminista*. 2011. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/EuUxN8zb/TEOLOGIA_FEMINISTA_-_LAURA_STE.html>. Acesso em: 12 jul 2011.

STRÖHER, Marga J. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. In: *Revista História Unisinos*. vol. 9. no. 2. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, 2005. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/historia/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid=158&menu_ativo=active_menu_sub&marcador=158>. Acesso em: 25 out 2012.

_____. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (org.). *Religiões em Diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

TATMAN, Lucy *apud* BERGESCH, Karen. *A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

TELMO de Lima Freitas. Morocha. In: *Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/tche-garotos/morocha.html>>. Acesso em: 28 nov 2012.

TEZZA, Maristela. Ecofeminismo e Bíblia. In: *Fontes e Caminhos Ecofeministas*. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

THE Beatles. Run For Your Life. In: *Letras de Músicas: letras, vídeos e paradas*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/the-beatles/273/traducao.html>>. Acesso em: 10 dez 2012.

TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e Cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2004.

_____. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. *In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 6 dez 2011.

TRAPASSO, Rosa Dominga. Revisando Nuestra Conexión com la Naturaleza. *In: Con-Spirando: Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología*. Santiago: junho, 1993.

UNIVERSIDADE Livre Feminista. *Marcha das Vadias, chega de culpabilização das vítimas!*. Post publicado em: 10 jun 2011. Disponível em: <http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=4689:marcha-das-vadias-chega-de-culpabilizacao-das-vitimas&catid=58:violencia&Itemid=574>. Acesso em: 23 nov 2012.

VICTOR & Leo. Amigo apaixonado. *In: Vagalume: Letras de Músicas*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/victor-leo/amigo-apaixonado.html>>. Acesso em: 27 dez 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012*. Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. CEBELA – Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2012. Disponível em: <<http://mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 7 out 2012.

WARTENBERG-POTTER, Bärbel V. No Terceiro Mundo. *In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996.

WEILER, Lúcia. Chaves hermenêuticas para uma releitura da Bíblia em perspectiva feminista e de gênero. *In: Luiz Carlos Susin (org.). Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

YORK, Elizabeth. Finding Voice: Feminist Music Therapy And Research With Women Survivors of Domestic Violence. *In: HADLEY, Susan (org.). Feminist Perspectives in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2006.

ZECA Pagodinho. Faixa Amarela. In: *Vagalume*: Letras de Músicas. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-pagodinho/faixa-amarela.html>>. Acesso em: 09 dez 2012.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO I

1) Você se sente deprimida? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

2) Você costuma irritar-se com facilidade? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

3) Você percebe alguma alteração no seu apetite? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

4) Você apresenta algum tipo de alteração no seu sono? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

5) Você já pensou em morrer? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

6) Você já pensou em cometer suicídio? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

7) Você chora? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

8) Você sente pena de si própria? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

9) Você costuma ter perdas de memória? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

10) Você tem dificuldade em se concentrar? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

11) Você se sente insegura? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

12) Você sente medo que algo ruim possa acontecer a qualquer momento?

Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

13) Você costuma sentir dificuldade em respirar? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

14) Você sente dores de cabeça? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

15) Você sente dores no peito? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

16) Você se considera uma pessoa tímida? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

17) Você se sente envergonhada por alguma coisa? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

18) Você costuma se sentir culpada por alguma coisa? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

19) Você se considera uma pessoa com iniciativa própria? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

20) Você costuma refletir sobre seu próprio valor? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

21) Você costuma cuidar de sua aparência física? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

22) Você costuma falar em público? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

23) Quando está em público, você se sente observada? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

24) Você costuma tomar decisões sozinha? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

25) Quando você tem uma opinião diferente da opinião de outras pessoas, você costuma mantê-la? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

26) Qual a sua religião?

27) No período em que ocorreu o episódio de violência, você frequentava a sua Igreja / Templo?

Sim Não

28) Você buscou aconselhamento / ajuda na sua Igreja / Templo?

Sim Não

29) Se a resposta anterior foi sim, que tipo de aconselhamento / ajuda você recebeu?

30) Atualmente, você continua frequentando a mesma Igreja / Templo?

Sim Não

Por quê?

31) Você acha que a religião pode oferecer algum tipo de auxílio para mulheres que sofrem situações de violência doméstica?

Sim Não

Explique:

Codiname da participante:

São Leopoldo, xx de março de 2012.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO II

1) Você se sente deprimida? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

2) Você costuma irritar-se com facilidade? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

3) Você percebe alguma alteração no seu apetite? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

4) Você apresenta algum tipo de alteração no seu sono? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

5) Você já pensou em morrer? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

6) Você já pensou em cometer suicídio? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

7) Você chora? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

8) Você sente pena de si própria? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

9) Você costuma ter perdas de memória? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

10) Você tem dificuldade em se concentrar? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

11) Você se sente insegura? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

12) Você sente medo que algo ruim possa acontecer a qualquer momento?

Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

13) Você costuma sentir dificuldade em respirar? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

14) Você sente dores de cabeça? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

15) Você sente dores no peito? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

16) Você se considera uma pessoa tímida? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

17) Você se sente envergonhada por alguma coisa? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

18) Você costuma se sentir culpada por alguma coisa? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

19) Você se considera uma pessoa com iniciativa própria? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

20) Você costuma refletir sobre seu próprio valor? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

21) Você costuma cuidar de sua aparência física? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

22) Você costuma falar em público? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

23) Quando está em público, você se sente observada? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

24) Você costuma tomar decisões sozinha? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

25) Quando você tem uma opinião diferente da opinião de outras pessoas, você costuma mantê-la? Com que frequência?

Nunca Raramente Às vezes Muitas vezes Sempre

26) Você continua frequentando a mesma Igreja / Templo?

Sim Não

27) Você se sente acolhida na sua Igreja / Templo?

Sim Não

Explique:

28) Você acredita que a religião poderia contribuir com a prevenção e combate da violência doméstica contra as mulheres?

Sim Não

Como?

29) A Musicoterapia proporcionou algum tipo de mudança na sua vida?

Sim Não

Qual?

Codnome da participante:

São Leopoldo, xx de julho de 2012

APÊNDICE C – Tabela de Respostas Questionário I

	Ametista	Madrepérola	Turquesa	Jade	Rubi	Esmeralda	Cristal
1	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
2	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Muitas vezes
3	Sempre	Às vezes	Raramente	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
4	Muitas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre	Às vezes	Sempre	Às vezes
5	Muitas vezes	Nunca	Nunca	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Nunca
6	Nunca	Nunca	Nunca	Às vezes	Nunca	Às vezes	Nunca
7	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes
8	Nunca	Às vezes	Raramente	Muitas vezes	Nunca	Muitas vezes	Nunca
9	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Sempre	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente
10	Às vezes	Muitas vezes	Às vezes	Sempre	Raramente	Às vezes	Raramente
11	Às vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
12	Raramente	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
13	Nunca	Raramente	Raramente	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
14	Muitas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre	Raramente	Às vezes	Às vezes
15	Nunca	Às vezes	Às vezes	Muitas vezes	Nunca	Muitas vezes	Nunca
16	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Raramente	Às vezes	Raramente
17	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente	Às vezes	Raramente	Às vezes	Muitas vezes
18	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes	Raramente	Muitas vezes	Às vezes
19	Às vezes	Raramente	Raramente	Sempre	Muitas vezes	Às vezes	Sempre
20	Muitas vezes	Nunca	Muitas vezes	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Muitas vezes
21	Muitas vezes	Raramente	Sempre	Às vezes	Às vezes	Muitas vezes	Muitas vezes
22	Nunca	Às vezes	Nunca	Sempre	Raramente	Muitas vezes	Nunca
23	Raramente	Muitas vezes	Às vezes	Sempre	Raramente	Às vezes	Às vezes
24	Às vezes	Muitas vezes	Às vezes	Não respondeu	Muitas vezes	Sempre	Às vezes
25	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes	Sempre	Às vezes	Às vezes	Às vezes

APÊNDICE D

Tabela de Frequências

	8/3	15/3	22/3	29/3	12/4	19/4	26/4	03/5	10/5	17/5	24/5	06/6	14/6	21/6	28/6	05/7
Cristal	X	X	J	X	X	X	X	J	X	X	X	J	J	F	F	F
Turquesa	X	X	F	X	J	X	X	X	X	F	F	F	F	F	F	F
Rubi	X	X	X	J	X	J	X	J	J	J	J	J	J	J	J	J
Ametista	X	X	X	X	F	X	X	F	X	X	F	F	F	F	X	X
Madrepérola	X	X	X	X	X	X	F	X	X	J	X	J	X	X	J	X
Jade	X	J	F	F	X	F	F	F	J	X	F	F	F	F	F	F
Esmeralda	J	J	X	X	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F

Legenda:

- X = presença;
- J = falta justificada;

F = falta não justificada.

APÊNDICE E

Tabela Comparativa Questionários I e II

	Ametista		Madrepérola	
	Quest. I	Quest. II	Quest. I	Quest. II
1	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente
2	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes
3	Sempre	Às vezes	Às vezes	Às vezes
4	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes	Nunca
5	Muitas vezes	Raramente	Nunca	Nunca
6	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
7	Muitas vezes	Muitas vezes	Muitas vezes	Raramente
8	Nunca	Raramente	Às vezes	Nunca
9	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Raramente
10	Às vezes	Às vezes	Muitas vezes	Raramente
11	Às vezes	Às vezes	Muitas vezes	Raramente
12	Raramente	Raramente	Às vezes	Nunca
13	Nunca	Às vezes	Raramente	Raramente
14	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes	Raramente
15	Nunca	Às vezes	Às vezes	Raramente
16	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes	Nunca
17	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Nunca
18	Muitas vezes	Raramente	Muitas vezes	Raramente
19	Às vezes	Raramente	Raramente	Muitas vezes
20	Muitas vezes	Às vezes	Nunca	Raramente
21	Muitas vezes	Às vezes	Raramente	Às vezes
22	Nunca	Nunca	Às vezes	Muitas vezes
23	Raramente	Nunca	Muitas vezes	Às vezes
24	Às vezes	Raramente	Muitas vezes	Muitas vezes
25	Muitas vezes	Muitas vezes	Às vezes	Às vezes